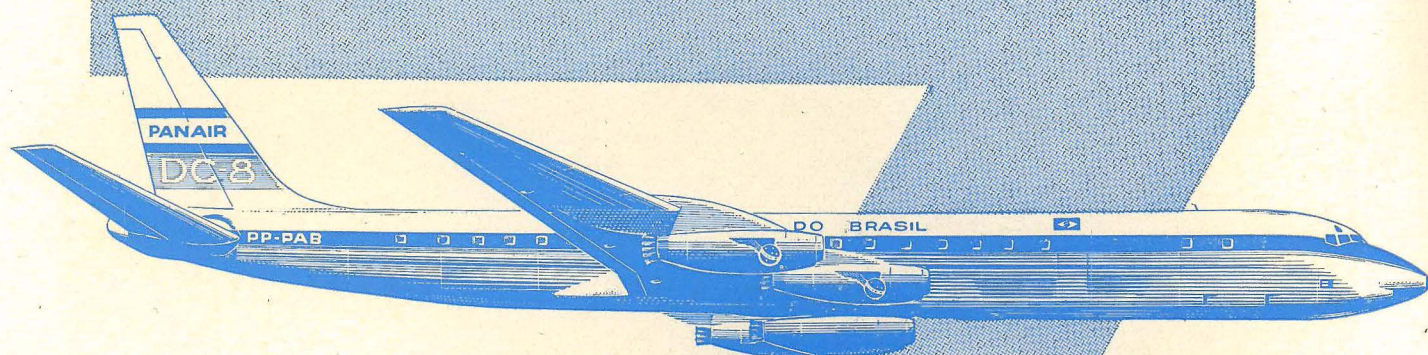


REVISTA DE AERONÁUTICA



JULHO - AGOSTO DE 1964

AGORA ↓



VIAGENS SEMANAIS

Eis uma das grandes vantagens que a Panair lhe oferece: **mais viagens entre o Brasil e a Europa.**

Voar pela PANAIR é usufruir a experiência de 35 anos de aviação, com mais de **8000** travessias do Atlântico



RECORDISTA DE TRAVESSIAS DO ATLÂNTICO!

PANAIR



OS JATOS DA PANAIR FORAM ADQUIRIDOS COM AVAL DO B.N.D.E.

REVISTA DE AERONÁUTICA

Publicação bimestral, editada pelo
CLUBE DE AERONÁUTICA

Redação e Administração: Av. Graça Aranha, 174
s/1116-Telefone 52-3910
Rio de Janeiro — Brasil

ANO 6 - N.º 27 - JULHO - AGOSTO
1964

DIREÇÃO

Diretor:

Maj Brig R/R RAPHAEL LEOCÁDIO DOS SANTOS

Redator-Chefe:

Maj Brig R/R HENRIQUE AUGUSTO DO AMARAL
PENNA

Redatores:

Maj Brig R/R IVO GASTALDONI

Maj Brig R/R Dr. WALDEMAR BASGAL

DEOCLÉCIO LIMA DE SIQUEIRA — Cel Av

GERALDO LABARTHE LÈBRE — Cel Av

ALOÍSIO NÓBREGA — Maj Av

Publicidade:

Brig do Ar R/R MANOEL BORGES NEVES FILHO

Secretário:

ILDEFONSO PATRÍCIO DE ALMEIDA — Ten Cel
Av R/R

Tesoureiro:

ÉZIO DE LUNA FREIRE — 1.º Ten I Aer

Revisora:

GLASSY MATTOS DE CARVALHO

Encarregado da Impressão e Ilustração:

JOAQUIM DIAS CORRÊA

Impressor:

CARLOS SERPA

SUMÁRIO

	Páginas
Violação das Mentes — Alberto de A. Cardoso — Tel Cel	2
23 de Maio — Ordem do Dia do Comandante da 4.ª Zona Aérea Major-Brigadeiro Márcio de Souza e Mello	6
Informações — Chile 64 — Reportagem de Aloísio Nóbrega — Major-Aviador	7
Como Você é Bonita — Geraldo Labarthe Lèbre — Cel Av	9
Base Aérea de Brasília — Reportagem de Rafael Leocádio dos Santos Filho e Ricardo Leocádio dos Santos	11
Atividades Assistenciais do SESI em S. Paulo	13
Estágio de Guerra Revolucionária — Repor- tagem de J. Dias	14
A Força Aérea Brasileira e a Guerra Revolu- cionária — Deoclécio Lima de Siqueira — Cel Av	15
A FAB Conquista — Maj Brig R/R Athos Fábio Romano Botelho	21
O Voo Que Nenhum Piloto de Caça Queria Fazer! — Ó de Almeida — Major-Aviador	30
Aniversário de Santos Dumont — Entrega de Medalhas	32
Asas Saturnais — José Teófilo Vianna Cle- mentino	33
Um Estudo Sobre Contratos — Alcyrr Lintz Geraldo — Maj Int	37
Instituto Brasileiro do Café	43
Aeromodelismo — Haroldo Sauer Guimarães — Maj Int	45
A Técnica Revolucionária Comunista — Fer- dinando de Carvalho — Tenente-Coronel	48
O Problema do Abastecimento — Brig Int R/R José Augusto Martins	53
Notícias da Aeronáutica	55

NOSSA CAPA

Aviões T-6 "North American" SNJ de treinamento para pouso em porta-aviões. Esses aviões operam na 2.ª ELO — Galeão. (Fotografia tirada em Coolidge-Florence Municipal Airport (USA) — e gentilmente cedida à REVISTA pelo Cel Av Zenith Borba dos Santos).

NOTA DA REDAÇÃO: Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores, não refletindo, necessariamente, a opinião da Revista ou do Clube de Aeronáutica.

ASSINATURA ANUAL (seis números): Cr\$ 1.500,00 — NÚMERO AVULSO: 300,00

VIOLAÇÃO DAS MENTES

(Artigo extraído da Revista Militar Brasileira —
Ano L — Ns. 1 e 2 — Jan a Jun 63 — Vol. LXXV).

ALBERTO DE A. CARDOSO — Tenente-Coronel

Ivã P. Pavlov já era um nome universalmente consagrado quando os comunistas tomaram o poder, na Rússia. Em 1904, fôra distinguido com o Prêmio Nobel de Fisiologia.

Ao ser implantado o regime vermelho em sua pátria, Pavlov realizava, com sucesso, importantes experiências.

Avêso ao marxismo-leninismo, não quis, contudo, expatriar-se. Não concebia viver fora da “Mãe Rússia”. Fêz de Coltuche, a sua aldeia, um verdadeiro retiro. E ali, sem recursos, viu morrerem de frio e fome seus últimos cães, animais que usava nas famosas experiências.

Aconteceu, então, o inesperado: o velho cientista foi convocado para uma entrevista pessoal com Nicolau Lenine, o chefe principal dos revolucionários.

Pavlov teve de expor minuciosamente tudo que fizera, em seus trabalhos científicos. Mas o que particularmente interessava ao líder vermelho era a possibilidade de aplicar-se ao homem a teoria pavloviana.

O grande pesquisador nem regressou à sua casa. Foi instalado no próprio Kremlin, tendo à disposição todos os recursos para satisfazer às demandas de Lenine. Três meses depois, ao ler o manuscrito de 400 páginas apresentado por Pavlov, como relatório, Lenine exclamou:

“Está salva a revolução. Estas descobertas garantem o futuro do comunismo mundial.”

A TEORIA

Em resumo, a teoria de Pavlov é que o comportamento in-

dividual resulta de “reflexos”, elaborados segundo as solicitações dos instintos básicos, e que se desencadeiam diante de acontecimentos exteriores com função de “estímulos”.

Os reflexos seriam de duas ordens: naturais e condicionados.

Os primeiros determinam atos como o piscar de olhos, quando dêles se aproxima inesperadamente qualquer objeto. São reflexos espontâneos não suscetíveis de se ensinar ou aprender. Pertencem à raça, à espécie; constituem sua herança imemorial.

Os reflexos condicionados, ao contrário, são induzidos por influências estranhas, podem ser provados por uma vontade alheia.

A clássica experiência de Pavlov foi, em linhas gerais, a seguinte:

O volume de saliva de um cão, medido com rigor, aumentava até certo nível, quando se oferecia alimento ao animal: era um reflexo natural.

O mesmo acontecia quando, ao apresentar-se a ração, se fazia soar uma campainha ou acender uma luz. E também, finalmente, quando eram acionados êsses “estímulos”, mesmo sem estar presente a ração.

O reflexo fôra “condicionado”: o aumento de salivacão se processava à vontade do experimentador.

Pavlov descobriu também que é possível criar a “inibição”, a

um reflexo natural. Desorientado por uma série de “alarmes contraditórios” — campainha e ração juntas, só a campainha, só a ração — e submetido a grande tensão, o animal acabava de mostrar-se indiferente a tudo: mesmo definhando, perdia o interesse pelo alimento.

APLICAÇÃO

Os soviéticos deram grande desenvolvimento a êsses estudos, com o fito, porém, de colher da teoria pavloviana os frutos revolucionários que poderia dar.

Ao tempo de Estáline, foram criados o “Conselho Científico dos Problemas Conexos à Teoria Fisiológica do Acadêmico I. P. Pavlov” e a “Frente Pavloviana” — ambos dedicados à aplicação política dos trabalhos relatados.

Hoje, o processo brutal pode ser impôsto tanto a indivíduos quanto a coletividades. Para que produzam os resultados mais profundos e duradouros, exige a subjugação absoluta de suas vítimas. Esta condição encontra seu melhor clima nos países sob domínio totalitário, em que a minoria colocada no poder controla irrestritamente as populações.

Entretanto, a técnica já pode ser aplicada, em benefício de um regime revolucionário, sobre indivíduos e povos além de sua órbita!

Eduardo Hunter, o criador da expressão “lavagem do cérebro” e que denunciou ao mundo esta invenção desumana, declarou perante uma Comissão Parlamentar americana:

“Tenho acompanhado o que se passa sob o comunismo, em outras partes do mundo, e agora vejo ocorrer exatamente o mesmo aqui na América.

A guerra mudou de aspecto. Os comunistas descobriram que um homem morto a tiro é inú-

til: não extrai carvão; uma cidade destruída é inútil: suas fábricas não produzem tecidos.

O objetivo da guerra comunista é capturar intatas a mente e as propriedades de um povo, a fim de poder explorá-las.

Os Estados Unidos são o principal campo de batalha nesta guerra vermelha. Refiro-me especificamente ao povo, ao solo e aos recursos dos Estados Unidos”.

BASES

O “estupro da mente”, um dos nomes dados à técnica de condicionamento de seres humanos, assenta-se em bases cujo valor já é indiscutível.

Meerloo, médico e psicólogo holandês, autoridade de primeira plana nestes estudos, diz que o processo se desenvolve em quatro fases:

1.^a — Colapso forçado ou “descondicionamento”:

É o trabalho de romper os laços com o passado, de apagar os reflexos que enformam o comportamento da “cobaia”.

2.^a — Submissão; identificação positiva com o inimigo:

Depois do colapso, estimula-se o desenvolvimento do “ego parasita”, à feição do opressor. Daí em diante, a vítima se transforma num aparelho, pronto para funcionar segundo o desejo do manipulador.

3.^a — Recondicionamento:

Explorando a situação anterior, o inimigo reconstrói, a seu talante, a mente do robô. Este se torna incapaz de distinguir seus pensamentos originais dos que lhe são impostos.

4.^a — (Eventual) — Libertação:

Subtraída à ação do violador, a vítima recupera-se gradual-

mente. Mostra-se perplexa pelo que lhe aconteceu e, principalmente, pelo que fez. Algumas vezes é prêsa de psicopatias graves.

No decurso da “domesticação”, utilizam-se estímulos positivos (recompensas) e negativos (punições), que correspondem aos afagos e torções de alicar, ou à chibata e castigos comuns no adestramento de animais.

Entre as punições arrolam-se, principalmente, a privação de sono, de alimentos, de agasalho, o excesso de trabalho, os obstáculos à satisfação das menores necessidades.

Como estímulos positivos contam-se pequenas liberalidades no tratamento, refeições melhores, etc.

Meerloo consigna ter sido uma verdadeira obsessão, nos campos de prisioneiros submetidos ao estupro da mente, as reminiscências sobre banquetes, pratos domésticos e outras do gênero.

Durante todo o processo, tem-se em vista fazer aflorar os traços psicológicos mais profundos, aguçá-los, torná-los o dínamo da subvida das “cobaia”.

São particularmente visados:

— Instinto de conservação

Quando exacerbado, principalmente em pessoas psiquicamente imaturas, pode conduzir à submissão completa, contanto que esta pareça proteger tais indivíduos.

No terreno político, leva ao anseio pelo “estado-útero” — expressão de Meerloo — onde o “feto” troca a liberdade por uma ilusória sensação de proteção.

A busca do êxtase, a fuga à realidade, é outro aspecto que pode tomar esta ânsia de defesa. A facção que conseguir dar forma a tal desejo — por meio

de rituais, demonstrações coletivas ou até de drogas — dominará os que não podem, por si sós, realizá-lo.

Noutro sentido, derivam do mesmo instinto de conservação os “impulsos destruidores” contra tudo que, no julgamento do indivíduo, represente perigo ou ameaça. Mais um passo, e têm-se como legítimas a delação, a espionagem, a crítica e até, por um mecanismo bastante complicado, a autocrítica.

— Instinto gregário

Espicaçado ao máximo, desperta o desejo mórbido de conformar-se, render-se, ser aceito, pertencer a um grupo — mesmo ao opressor. Essas tendências, contrariadas pelo terrível isolamento a que são submetidas as “cobaia”, chegam a cristalizar-se, surpreendentemente, até numa espécie de afeto pelo interrogador, doutrina-dor ou verdugo.

— Instinto de predomínio

A vontade irrefreada de ganhar posição, prestígio, mando, também facilita o condicionamento.

— Conflitos emocionais

Muitos deles geram “sentimentos de culpa” e, por consequência, o desejo inconsciente de aviltar-se, expor-se à condenação, castigar-se.

Um caminho certo para esta degradação, perante a comunidade, é colaborar com o inimigo.

Ainda entre as bases do “tratamento”, inclui-se a criação do ambiente de aguda tensão, que tanto favorece o rompimento dos laços com o passado.

Estão entre os recursos utilizados:

— Isolamento

Impedido de qualquer outro contato, ouvindo, lendo e assistindo somente o que lhe é imposto, numa repetição propositalmente monótona e ener-

vante, o indivíduo se apaga para a vida anterior.

O vazio resultante é preenchido, quase sem esforço, com as novas noções, inoculadas pelo inimigo.

— Insegurança, terror

Tudo pode acontecer, com ou sem motivo, num ambiente de terror.

O incentivo à espionagem e à delação extingue a confiança e o afeto entre todos. Pais e filhos se vigiam; os amigos se temem.

Mesmo que, no íntimo, se continue a repudiar a doutrina imposta, satisfaz ao inimigo que apenas se proceda de acordo com ela.

Acusações absurdas, "expurgos" colossais são parte de maquinismo de terror. Todos pensam "Se aconteceu a F." (em geral, pessoa de destaque), "também pode acontecer a mim".

Reina então o silêncio, a passividade, o conformismo.

— Acumpliamento

Encaminhado à perpetração de delitos, assassinios, genocídios, o povo ou o indivíduo se liga indissolúvelmente, qual um cúmplice, aos mandantes ou beneficiários dos crimes.

Depois, uma necessidade íntima de justificação leva a crer que a "causa" merece, realmente, todos os sacrifícios.

— Distorções semânticas; falta de lógica

A deturpação sistemática do sentido de palavras e fatos gera, primeiro, a confusão; e depois, por ser o homem eminentemente comodista, a aceitação da tese mais vulgarizada. Isto tem ocorrido com os vocábulos "patriotismo, democracia, nacionalismo, autodeterminação, imperialismo, soberania", etc., e com os acontecimentos históricos por eles descritos.

São estas "palavras de ordem", "slogans" e princípios dogmáticos que vão funcionar como "estímulos", verdadeiras campanhas de Pavlov. À sua simples enunciação, ou diante das situações que lhes correspondem, desencadeia-se o reflexo condicionado, muitas vezes sob a forma, tão-só, de atitude mental favorável à revolução.

E o indivíduo e o povo passam a agir segundo o interesse de seus "domesticadores"...

EXEMPLOS

— Van der Lubbe

Curiosamente, não foram os comunistas, mas sim, seus arquiinimigos — os nazistas — que deram ao mundo a primeira exibição do condicionamento mental de um ser humano.

O incêndio do "Reichstag" foi pretexto para uma terrível agitação, que permitiu aos "camisas pardas" eliminar os adversários e consolidarem-se no poder.

Um holandês — Marino Van der Lubbe — ex-interno de hospitais psiquiátricos, em sua pátria, foi denunciado como executor do atentado, a mando dos comunistas.

Durante o julgamento, Van der Lubbe apresentou todos os sintomas de brutalização da mente, inéditos então, porém mais tarde copiosamente confirmados.

Declarou-se culpado: pediu para si a mais rigorosa punição; apontou os mandantes — tudo conforme interessava aos nazistas.

No entanto, investigações insuspeitas firmaram a certeza de que o incêndio do Parlamento fora obra dos próprios "camisas pardas".

Por que Van der Lubbe assumira a responsabilidade? Que

fôrça o teria levado a buscar a própria perdição?

— Os velhos "bolchevistas"

Entre 1936 e 1938, ocorreu na URSS uma carnificina "legal" de proporções gigantescas.

"Velhos bolchevistas", revolucionários da primeira hora, que tinham dedicado toda a vida ao comunismo, subitamente apareciam nos tribunais vermelhos, aceitando a pecha de traidores, "agentes do imperialismo", etc.

Sabe-se hoje — inclusive através de documentos soviéticos, publicados durante a desestalinização — que o episódio foi apenas o arremate da luta pelo poder pessoal absoluto, de há muito desejado pelo ex-vagabundo da Geórgia: José Estáline.

Como admitir, então, que seus próprios concorrentes se entregassem, quais autômatos, à execução?

— Ocupação nazista na Europa

Os prisioneiros dos "SS" passavam por torturas e processos psicológicos semelhantes aos desenvolvidos pelos comunistas.

Isto explica, parcialmente, a atitude de muitos "colaboracionistas", antes conhecidos por sua aversão ao invasor.

— Dominação soviética, nos "Satélites"

Nos países subjugados pela URSS, após a 2.ª Guerra Mundial, repetiram-se os mesmos episódios.

As vítimas provieram de todos os campos. Casos memoráveis foram o do bolchevista tcheco-eslovaco Rodolfo Slansky e o do Cardeal José Mindszenty, da Hungria, ambos confessos de espionagem e traição.

O último encontra-se, atualmente, asilado na Legação americana, em seu país. Foi possível

vel, por isto, conhecer minuciosamente o martírio que lhe infligiram os comunistas. De uma feita, o prelado, sexagenário, foi obrigado a permanecer em pé, 66 horas!

— China vermelha

Ao tomarem o poder, os comunistas chineses aplicaram intensamente os processos de violação da personalidade, quer sobre a população do país, quer sobre súditos estrangeiros.

Era preciso convencer os chineses de que todos os ocidentais eram inimigos.

O exemplo mais típico foi o do missionário norte-americano Samuel Dean, que, por sua bondade e dedicação, se tornou quase um ídolo na região em que trabalhava.

Depois de submetido ao "tratamento", ficou tão convencido de sua culpabilidade, que em Tientsin, já a caminho da pátria, pediu aos acompanhantes que o levassem à polícia: lembrara-se de outros "crimes", que não tinha confessado, e queria fazê-lo.

Nos Estados Unidos, curou-se. E os seus relatos foram dos mais esclarecedores, nas investigações sobre os métodos comunistas de coerção.

— Guerra da Coreia

Chocou a opinião pública dos países ocidentais, sobretudo a dos Estados Unidos, a conduta dos prisioneiros de guerra americanos na Coreia.

Muitos, de uma forma ou de outra, colaboraram com o inimigo. Alguns se recusaram a voltar ao "mundo capitalista".

Os que regressaram, porém, foram submetidos a investigações que deixaram patente terem sofrido, quando presos, o recondicionamento mental.

O Coronel Fuzileiro Naval Franco H. Schwable "confessara" aos chineses, sob a ação do "tratamento", ter participado de

operações de guerra bacteriológica contra os comunistas.

O efeito de propaganda, explorado pelos vermelhos, foi tremendo.

Mais tarde, declarou o Coronel, ao prestar depoimento, em seu país:

"As palavras eram minhas, mas os pensamentos eram deles. Isto é que não consigo entender: como pode alguém sentar-se a escrever algo, sabendo que é falso, e no entanto senti-lo, vivê-lo, fazer que pareça real."

AÇÃO NOS PAÍSES DEMOCRÁTICOS

Vivemos, permanentemente, sob o efeito da propaganda comercial. O objetivo desta não é mais dar conhecimento ao público da existência deste ou daquele artigo necessário.

O que se procura é induzir o cliente a comprar, mesmo sem necessidade. Inadvertidamente, fertiliza-se o campo para a semienteira do conformismo.

As competições políticas, principalmente as eleitorais, também amoldam o pensamento de uma parte da população.

Tirando partido dessas oportunidades, os revolucionários atuam, com a maior intensidade, sobre a mente dos indivíduos.

De maneira geral, suas campanhas seguem o seguinte roteiro:

— Ruptura dos sistemas tradicionais

É procurada por meio de ataques às instituições mais caras às personalidades mais respeitadas. Atinge-se a Família, a Escola, a Sociedade, o Governo. Abre-se caminho para a aceitação dos valores revolucionários.

— Isolamento

O domínio dos meios de difusão e propaganda mais popu-

lares, a avalanche de discursos carbonários, "slogans", palavras de ordem, etc. — em contraste com a ausência de doutrinação democrática, aparentemente desnecessária — quase corresponde à obtenção de isolamento.

— Terror e insegurança

A criação de dificuldades na vida diária, o exacerbamento de ânimos, as campanhas de calúnia, o esmagamento dos competidores formam, até certo grau, o "clima de terror e insegurança".

— Acumpliciamento

Assistindo a violências contra a Democracia, sob as mais variadas formas, e constatando que os autores das mesmas ficam impunes, acobertados, pelas prerrogativas que lhes dá essa mesma Democracia — o povo acaba por acostumar-se com tais atentados, e, depois, por acumpliciar-se a eles.

Deste modo, aceitará sem resistência a revolução totalitária.

— Distorções semânticas; falta de lógica

Têm lugar em tôdas as manifestações da propaganda revolucionária. Confuso, o povo pode adotar a semântica e a "lógica" do agressor.

Em tal ambiente, afloram as forças instintivas, propiciadoras do conformismo e da submissão.

Paralelamente, influem sobre os indivíduos os episódios da Guerra Fria. Disputas tecnológicas, o terror nuclear, campanhas de apaziguamento — tudo repercute nos países submetidos à "luta pela mente".

É fácil avaliar o que significa este "amaciamento" psicológico. No momento da ação, apresentará seus frutos: amargos para a Democracia, saborosos para a Revolução.

23 DE MAIO

**Ordem do Dia baixada pelo
Cmt da 4.^a Zona Aérea, Major-
-Brigadeiro Marcio de Souza e
Mello. ***

Decorridos alguns dias da deflagração da Revolução de 31 de Março que libertou o Brasil da desordem e da corrupção, que levantou contra o assalto do comunismo internacional a intransponível barreira do patriotismo, é ainda muito oportuno que este Comando dirija aos integrantes da F A B, vinculados à IV Zona Aérea, palavras de agradecimento, de fé e de confiança no futuro. Palavras de agradecimento, de fé e confiança que nesta ocasião se estendem aos Bandeirantes de todos os tempos, aos jovens brasileiros de São Paulo, à mocidade livre de nossa Pátria, à mocidade da qual provêm os nossos efetivos militares.

E não há melhor cabimento para esta mensagem do que a data de 23 de Maio que se inscreve na história Pátria com o generoso sangue dos mártires.

Não há melhor dia do que este, em que São Paulo, contrito e acompanhado da solidariedade nacional, reverência a memória de Mirangaia, Martins, Drausio, Camargo e Alvarenga, os ardorosos jovens, todos quase meninos, que pela Liberdade, pela Lei e pela Ordem, pela Democracia e pela Constituição, empenhando o seu futuro, depositaram suas vidas no altar da Pátria.

Tinham-nas eles abertas para o porvir, mas, ofertando-as por São Paulo e pelo Brasil, tudo deram de si na noite tumultuosa de 23 de Maio de 1932, legando à posteridade a eloquência do supremo exemplo.

E ocorreu, com efeito, que milhares de outras vidas, seguindo às dos jovens mártires,

se ofereceram ao Brasil, no gesto heróico da Revolução Constitucionalista de 1932, quando São Paulo se levantou: para que houvesse Ordem e assim Progresso; para que se restabelesse o império da Lei; para que a Liberdade pairasse sobre os brasileiros; para que a Constituição, respeitada, fizesse resurgir a Democracia.

Hoje, 32 anos passados da data-símbolo, vivemos novamente um movimento como aquele que sacudiu São Paulo e fez vibrar o Brasil a partir do 23 de Maio. Hoje como ontem, a Revolução visa aos mesmos ideais; queremos o Brasil livre da desordem, da corrupção e dos traidores.

E estamos conseguindo, porque já vencemos os mais difíceis embates. Vencemo-los graças aos patriotas; graças às mulheres brasileiras que deram ao País o exemplo de sua presença nas ruas, fazendo com que o civismo galvanizasse a todos; graças às Forças Armadas que, em péso, acudiram ao apelo dos cidadãos; graças às entidades diversas e a todos, sem exceção, que no movimento se integraram; graças, em especial, à mocidade livre que, mais uma vez, acorreu ao chamamento da Pátria. E principalmente graças a Deus, pois que, se nesta Revolução o Brasil não teve, felizmente, vidas a lamentar como na Revolução Constitucionalista de 1932, teve, por outro lado, que enfrentar a máquina poderosa do Comunismo Internacional, máquina acionada de fora mas que contava com os traidores para movimentá-la dentro das nossas fronteiras, no interior das nossas cidades; nos

campos e fábricas e nos sindicatos; nos quartéis e nas igrejas; nos colégios e nas universidades.

Máquina viperina que nunca fôra vencida no exterior, mas que no Brasil sofreu a sua segunda derrota.

Por isso, a nossa palavra de agradecimento aos que agora se levantaram em armas e a nossa mensagem de fé à juventude livre do Brasil atual, no momento em que reverenciamos os mártires de 23 de Maio. Por isso, a nossa afirmação de confiança inabalável nos destinos deste País, cuja mocidade movimentou o Exército, libertou a Marinha, impulsionou a Aeronáutica, e nas cidades e nos campos, nas escolas e nas fábricas acorreu ao seu apelo angustiado, quando esteve prestes a perder a paz e a liberdade e lhe pretenderam negar a Constituição, a Lei, a Ordem, a Decência, a Democracia.

Por isso, enfim, esta nossa homenagem à juventude livre do Brasil prestada junto ao bronze simbólico do túmulo dos mártires, na Praça da República, em São Paulo, no dia 23 de maio...

Aqui também está o altar da Pátria! E pensando nela, a Pátria que os mercenários não venceram, nós, representantes da Força Aérea Brasileira, associando-nos ao ardor da mocidade de São Paulo, estamos certos de atender ao apelo do poeta tão caro aos jovens desta terra, assegurando que:

"Jamais a deixaremos morrer"

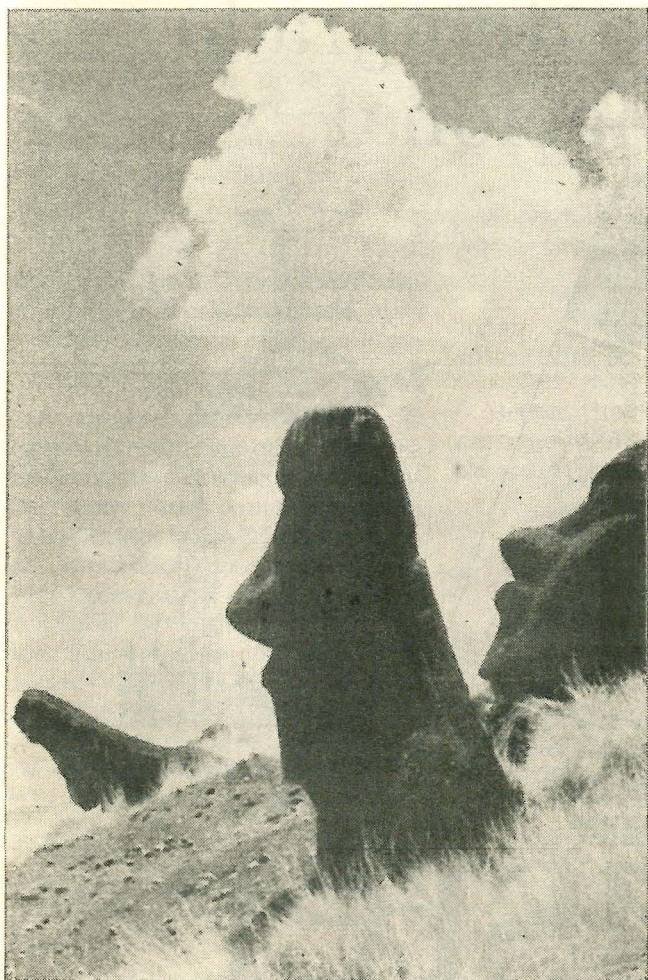
* Quando a **Revista de Aeronáutica**, num esforço de reportagem, conseguiu obter o texto da presente Ordem do Dia, o número 26, maio-junho, já estava na fase final de impressão. Todavia, mesmo com atraso, vale a pena conhecer os termos da vibrante e patriótica mensagem, com que o Maj Brig Marcio de Souza e Mello reverenciou a data de 23 de Maio.

CHILE 64

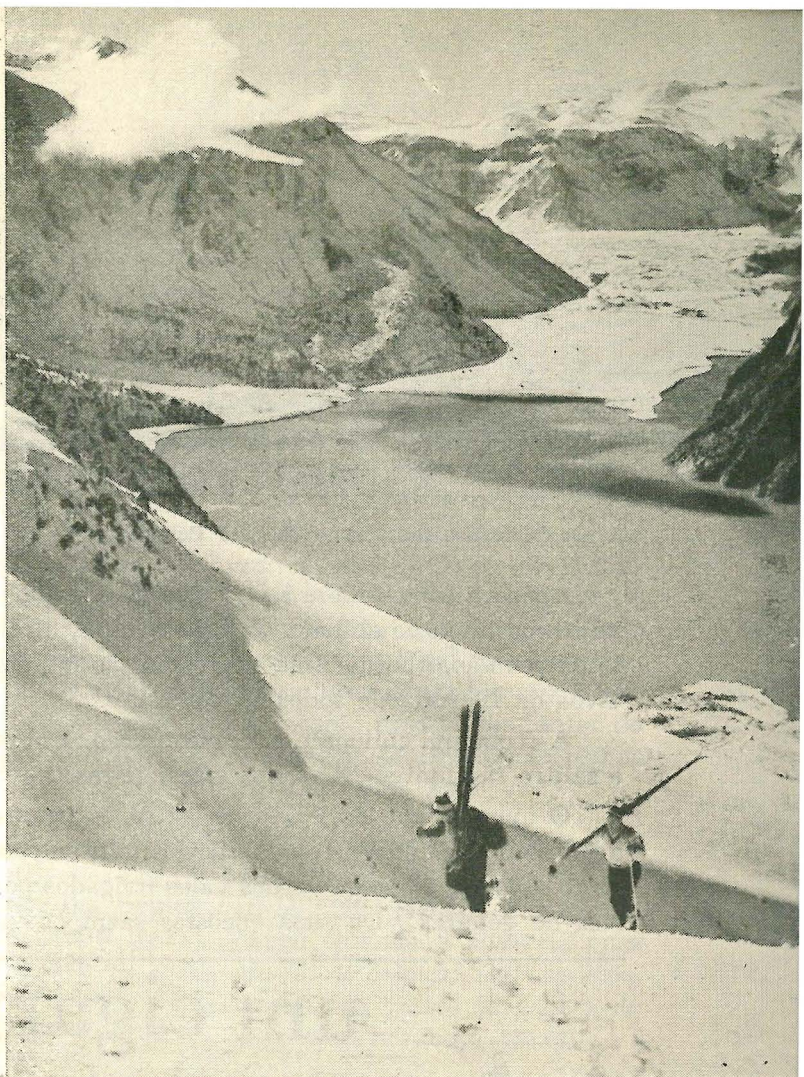
Reportagem de
ALOISIO NÓBREGA — Major-Aviador

Chile é depoimento dos Andes. De norte a sul, voa 4 400 km em paisagem descortinada, dos gelos da Antártida ao mesmo paralelo de Caravelas, Brasil. Pedro de Valdivia conquistou-o em 1540, levando aos espanhóis — montanha e oceano — condições plenas para a formação de um povo culto e aberto — face cordial da impetuosidade latina.

República unitária, é o único país sul-americano onde, desde 1891, vencem as oposições. Empossam-se, "sin problemas", os presidentes



Vista do flanco exterior da cratera do vulcão Rano-Raraku — Ilha de Páscoa



Laguna Encantada — Região turística onde será disputado o campeonato mundial de Ski, em 1966, nas maiores canchas do mundo, a 140 km de Santiago

democraticamente eleitos pelo voto direto do povo. Votam os alfabetizados, já que o analfabeto, graças ao ensino primário gratuito e obrigatório, quase deixou de existir. Além dos Três Podêres, a organização do governo do Chile possui organismo apolítico, o Contrôlê Geral da República, cujos membros, tal como ministros vitalícios e inamovíveis, assessoram o Presidente da República no que se refere à fiscalização da política de gastos públicos, condicionando, efetivamente, a melhor pureza administrativa.

Santiago, Valparaíso, Antofagasta, Iquique, La Serena, Viña del Mar e muitas outras cidades, de Arica no extremo norte a Ponta Arena no extremo sul condensam 8 milhões de chilenos.

Das primitivas raças — Incas, Atacamos, Changos, Araucanos, Chonos, Tehuelches e outras — restam vestígios, 1% da população chilena. Diluíram-se em mestiçagem os demais. "La ardência ibérica como em Brasil" favoreceu a miscigenação. Chile 64 é demograficamente uniforme, sem problemas raciais, "como em Brasil".



Os "Cuernos del Paye" e lago Pehoe

Apêgo à Liberdade e à Democracia são constantes na alma do chileno. Imprensa livre, direito de reunião, liberdade de expressão são marcos vivos da filosofia de todos os Governos.

A economia chilena é 82% mineração. Cobre e salitre são fontes de divisas estrangeiras.

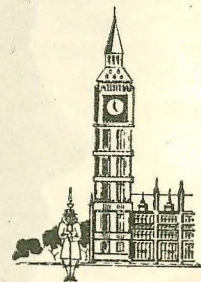
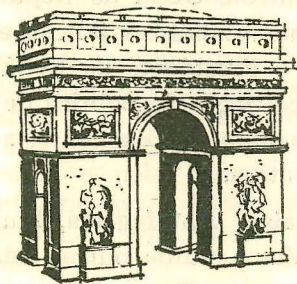
O aviador que do Atlântico galga os Andes, arfando o C-47 do Correio Aéreo Militar, se deslumbra com a visão de verdes vales irrigados por rios de geleiras. De suas encostas saem os vi-

nhos chilenos. Anualmente 400 milhões de litros são produzidos e, em parte, exportados, inclusive para o Brasil. Vinhos que são orgulho nacional. Levam o bom-humor e a leveza dos chilenos... "en botellas"...



Foto tomada durante a IV Conferência que congregou no Brasil o Poder Aéreo das Américas, em maio do corrente ano. Ao centro, o General-do-Ar Eduardo Iensen Franke, Cmt-em-Chefe da Força Aérea Chilena, ladeado pelo Cel Av Eleodoro Calderon Loyola e pelo Adido Aero-náutico do Chile no Brasil, Cel Av Jorge Basoalto Valenzuela, à esquerda

um cigarro de agrado internacional



minister

KING SIZE • FILTRO DE LUXO • CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ

COMO VOCÊ É BONITA

GERALDO LABARTHE LÈBRE — Cel Av

Realizávamos uma das linhas do Correio Aéreo Nacional. Belém, à tarde, obrigava, pelo calor, que se ficasse sem nada fazer. Ainda fatigados do voo, nós dois permanecíamos deitados no alojamento das tripulações em trânsito. Se dormíssemos agora, à noite não dormiríamos, e as noites na Amazônia eram excelentes para o repouso. Conversávamos.

Aos poucos os assuntos foram-se esgotando. A chuva caiu então. Era infalível esta chuva das tardes de Belém. O barulho da água era agradável, era quase uma música. Imaginei-me na Oceania, numa ilha longínqua.

O colega, talvez tocado pela poesia daquele aguaceiro tropical, começou a falar na família...

Eu escutava prestando atenção, pois os matizes do sentimento humano eram para mim mais belos que as côres do arco-íris.

O amigo falava da filha mais velha. E contava que a levava ao oculista. Porque ela, às vezes, ficava um pouco estrábica. O especialista do Hospital ficara impressionado e dissera que ela necessitava de óculos com urgência. Imagine só, dissera ele, que o desvio dela era o máximo: oito. Não era coisa que piorasse com o tempo, mas, acrescentara que aquela menina devia ter sofrido muito. Ela não podia enxergar direito.

O amigo contava tudo com uma precisão que revelava já ter narrado aquele fato várias vezes.

Confessou que já deviam ter notado há mais tempo que a filha não enxergava bem.

Era tida como estabana e distraída. Às vezes mandava que ela fôsse buscar um objeto, na penteadeira, por exemplo. Ela regressava dizendo que não o encontrara. A outra filha ia procurar e regressava com o objeto pedido. Perguntada sobre onde o achara, ela dizia: "na penteadeira".

E a mais velha se justificava:

— "Mas não vi, papai".

Mandaram fazer uns óculos modernos, com os cantos puxados para cima, e a mãe foi com ela apanhá-los. A menina colocara-os na loja e nada dissera. Porém, na rua exclamara:

— "Mamãe, estou vendo gente lá do outro lado da rua!".

E parecia que ia de descoberta em descoberta:

— "Mamãe estou vendo lá longe... Mamãe que côres bonitas, olha só este verde!".

Depois haviam tomado um carro e a filha, vendo-se perto da mãe, fitou-a dizendo:

— "Mãe, como você é bonita. Eu não sabia que você era tão bonita...".

O colega levantou-se da cama e passou a andar pelo quarto:

— "Minha senhora, sabe, ficou emocionada, quando ela disse: 'Como você é bonita'".

Não pude deixar de comentar:

— "Mas vocês não notaram que ela não enxergava direito?"

Ele continuou a contar: "Nós notávamos, além desta dificuldade de achar coisas e esbarrar

em tudo, que ela, quando chegavam visitas novas, ficava um pouco estrábica e ficava inclinando a cabeça. Mas achávamos que era cacoete. Depois soubemos que ela via as novas pessoas como vultos e procurava variar a distância focal para identificá-las. Nós, os de casa, já éramos vultos conhecidos..." Aliás, explicou a título de desculpa, o especialista nos disse que os pais às vezes não descobrem. Contou-nos até o caso de um menino que era cego de uma vista e o pai só veio a descobrir quando o ensinava a atirar com uma espingarda de brinquedo. O menino, ao fechar um dos olhos, nada via!

Notava que ela, ao fazer os desenhos do jardim de infância, aproximava demais o rosto do papel. Quando a advertia para afastar a cabeça, ela obedecia, mas daí a pouco já estava de novo com a cabeça baixa.

Silenciou por algum tempo e voltou a deitar.

Depois repetiu, como se falasse consigo mesmo:

— "Mamãe, como você é bonita".

A chuva diminuía; agora era um tamborilar leve, quase ternio. O amigo adormecera.

Eu pensava no que ouvira. E cismava olhando as telhas do teto sem fôrro.

Havia tanta coisa bela neste mundo: um voo ao luar, uma bandeira verde-amarela, as ondas do mar, o sorriso de uma criança, o rosto da bem-amada...

Quanta gente, no entanto, não compreendia o sentido da vida, nem distinguia a beleza dos sentimentos humanos. Olhando através de uns vidros mágicos, talvez exclamassem:

— "Como a vida é bela!".



Também temos
o nosso
Juiz de Paz...

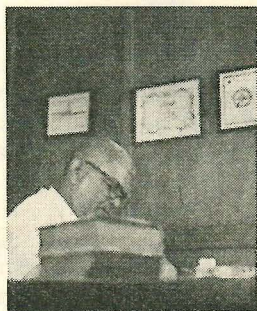
Seu nome é Ernani Siqueira: Juiz de Paz em Cabedelo

Quem mora em Cabedelo, na Paraíba, sabe que pode contar com Ernani Siqueira. Ele é o Superintendente do Depósito da Esso naquela importante cidade — um dos postos avançados do progresso, na batalha diária de suprir de produtos de petróleo uma vasta região do País.

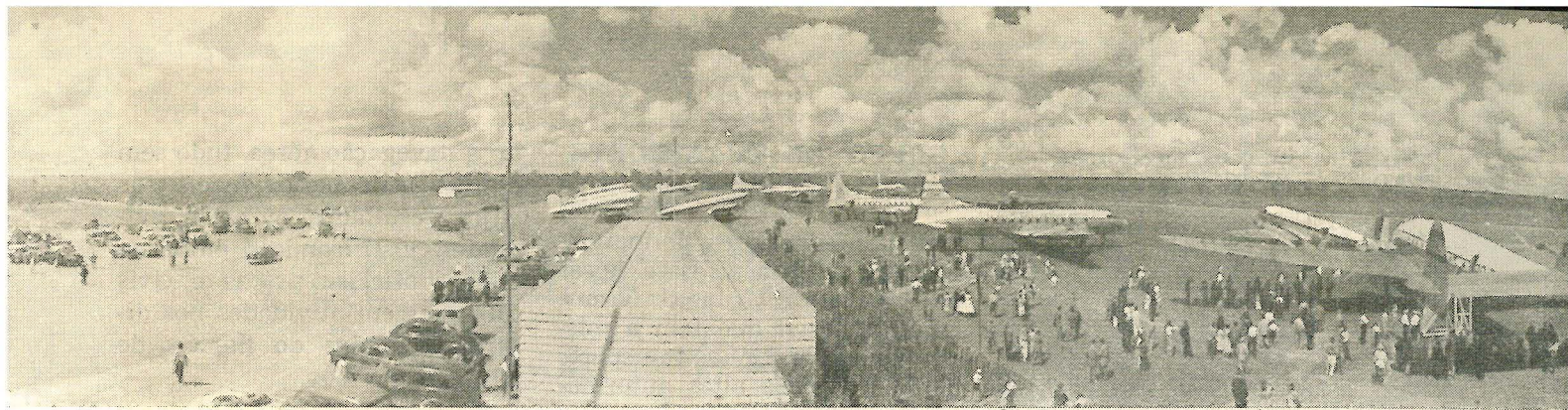
Participando ativamente na vida de sua cidade, Siqueira é homem de grande reputação. Por isso, em 1958, foi nomeado pelo Governador do Estado, Juiz de Paz suplente. Nesta função tudo o que até hoje ganhou, tem destinado ao Centro Social de Cabedelo.

Casando ou dirigindo as operações no terminal de Cabedelo, Ernani marca com seriedade seu trabalho (há mais de 2.300 dias não ocorrem acidentes no Armazém, o que já lhe valeu um primeiro lugar no "II Concurso de Eficiência Operacional" e um diploma do Departamento Nacional do Trabalho).

Há 17 anos Ernani Siqueira está satisfeito conosco. E nós também com ele, porque Ernani, do mesmo modo que milhares de outros nossos funcionários, está integrado no nosso desejo comum de bem servir à coletividade.



A ESSO É ISSO... GENTE COMO VOCÊ TRABALHANDO PARA SERVÍ-LO



Vista geral do aeroporto de Brasília, colhida por ocasião da celebração ali da primeira Missa. (Fotografia gentilmente cedida pelo "O Globo")

BASE AÉREA DE BRASÍLIA

*Reportagem de Rafael Leocádio dos Santos Filho
e Ricardo Leocádio dos Santos.*

A REVISTA DE AERONÁUTICA pretende publicar uma série de reportagens sobre as Bases Aéreas da FAB, numa justa homenagem ao valoroso trabalho de oficiais, praças e civis que nessas organizações da Aeronáutica vêm assegurando o suporte indispensável à realização das operações aéreas em todo o Território Nacional. A Base Aérea de Brasília foi escolhida para iniciar esta série de informações. A justificativa prende-se ao fato de sua localização, na discutida e jovem capital do País.

VOANDO PARA BRASÍLIA

Na última terça-feira de julho, às 08:30 horas, chegamos ao hangar do GTE, no Aeroporto Santos Dumont, para iniciarmos o voo rumo a Brasília. Durante toda a noite anterior, o tempo estivera péssimo, pois a área do Rio fôra atingida por extensa massa fria que motivara até mesmo a interdição dos vãos para São Paulo, por mais de quinze horas. A temperatura baixara consideravelmente, como há vários anos não se registrara igual. Mas isso não afetava o ânimo dos repórteres que, desde a mais tenra idade, se habituaram a viajar com a tradicional segurança dos aviões e das equipagens da FAB.

A postos, no estacionamento, o C-45 N.º 2 826 do Comando da 6.ª Zona Aérea. Apresentamo-nos, então, ao Maj Brig SAMPAIO, em cuja companhia teríamos o privilégio de viajar. Trata-se de um chefe realmente estimado em todos os círculos militares e sociais. Aliás, o Maj Brig SAMPAIO, pela sua cativante personalidade, só tem feito amigos por onde passa ou exerce as suas funções.

Precisamente às 09:15 horas, decolamos com destino a Brasília. Subida pelos instrumentos, porém, dez minutos depois já estávamos no tópo, com a temperatura do ar exterior a zero graus. Embalados pela cadência uniforme dos motores e confortados pelo aquecimento da cabina, chegamos a pegar no sono...

IMPRESSÃO DA CHEGADA A BRASÍLIA

A partir das 12:00 horas, ficamos atentos, observando o terreno lá em baixo, pois não queríamos perder a oportunidade de ver Brasília do alto. Tínhamos a impressão de sobrevoar um deserto, tal a aridez do chão. Como esse Brasil é grande e despovoado! Pois, neste cenário de planície que parece não ter fim, foi que Brasília surgiu aos olhos dos

repórteres. Não podemos dizer que seja uma cidade-jardim, porquanto a vegetação é escassa. Impressiona, todavia, pelo traçado, tão diferente das outras cidades brasileiras e pelas construções modernas e originais. Mas, apesar disto, nota-se logo um traço dominante de espantosa monotonia.

O C-45 entrou no tráfego do vasto aeroporto local e logo depois tocou as rodas na pista. Quando os motores foram desligados, no estacionamento, pisamos com euforia o solo de Brasília.

HORA DO RANCHO

Chegamos à Base Aérea numa hora sagrada: a hora do rancho. Depois de mais de três horas de voo, qualquer um tem apetite, principalmente quem é jovem. Esse era o nosso caso, muito embora tivéssemos tido a bordo um excelente lanche. Fomos, assim, diretos para o refeitório dos oficiais, logo depois dos cumprimentos ao Cel Av FRANCISCO BACHÁ, Comandante da Base Aérea de Brasília. Vamos fazer um parêntesis para registrar que se trata de um dos mais distintos oficiais da FAB: ótimo piloto, possuidor de grande experiência, não faz muito tempo esteve no Congo, exercendo as de-

licadas funções de Comandante do Esquadrão de Transporte da ONU em operações naquele país. É um indivíduo culto, finamente educado e dono de inalterável senso de humor. Quando apresentamos a ele as nossas credenciais, foi logo dizendo: "você então vieram fazer mesmo reportagem, ou isso é papo para conhecer Brasília?" A verdade, porém, é que ele deve ter acreditado, pois determinou a franquia das facilidades necessárias à execução do nosso trabalho.

Mas, voltemos ao almoço. O Refeitório dos Oficiais funciona em instalação sóbria, sem luxo, porém confortável, como acontece, aliás, com as edificações da Base, dado o caráter provisório das construções. Tudo foi feito com premência de tempo, no ritmo de Brasília. A alimentação servida na Base pode ser classificada como excelente. O rancho das praças também está afinado pelo mesmo padrão. No Refeitório dos Oficiais, almoço ou jantar, para elementos em trânsito, como nós, são cobrados à razão de 400 cruzeiros e o "breakfast" (com ovos, mingau, frutas, café, leite, pão, etc.), a 150 cruzeiros.

HOTEL DE TRANSITO

Como acontece nas outras Bases Aéreas da FAB, a de Brasília possui também o seu Hotel de Trânsito. Assim, as equipagens de fora que chegam para pernoite encontram as necessárias facilidades de alojamento e alimentação. Tudo é pago, naturalmente, mas praticamente a preço de custo, pois o objetivo é a manutenção do apoio ao pessoal em trânsito. As praças empregadas no Hotel de Trânsito da Base Aérea de Brasília merecem menção nesta reportagem, pela eficiência demonstrada no cumprimento de suas tarefas. De fato, a limpeza de todas as dependências e o espírito de colaboração encontrado a cada passo tornam agradável a estada nesta nova Unidade da FAB.

GRUPO DE TRANSPORTE ESPECIAL

A Unidade Aérea permanentemente sediada na Base Aérea de Brasília é o Grupo de Transporte Especial que tem a missão de assegurar o transporte aéreo das mais altas autoridades da República. Presentemente o GTE dispõe do seguinte equipamento: dois Viscount C-90, seis Avro C-91, três C-47, quatro E-18-S, dois H-18-S, dois H-13 e dois L-6.

Vemos, assim, que essa Unidade possui um material aéreo variado, composto de aviões quadrimotores e bimotores turbo-hélice, bimotores a pistão e helicópteros para o cumprimento das tarefas que lhe são atribuídas. As equipagens do GTE são selecionadas dentre os elementos dotados de comprovada eficiência profissional. Daí o considerável número de horas voadas sem nenhum incidente.

SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO VÔO

Não pode haver atividade aérea sem o apoio da infraestrutura aeronáutica de proteção ao vôo. O Serviço de Rotas de Brasília (SR-6) vem cumprindo, da maneira mais eficiente possível, a sua missão. Notamos, desde logo, que o pessoal do SR-6 é dotado de excelente padrão profissional, além de executar com acendrada noção de responsabilidade as importantes tarefas que possibilitam a desejada segurança de vôo na área de sua responsabilidade. O Aeródromo de Brasília está realmente dotado do que existe de mais eficiente e moderno em matéria de equipamento de proteção ao vôo. Não vamos entrar em considerações de natureza técnica, mesmo porque temos receio de cometer enganos. Desejamos, entretanto, realçar que a FAB vem realizando um trabalho verdadeiramente notável no que diz respeito à instalação de radares para controle de aproximação e a equipamentos eficientes para auxí-

lio à navegação aérea, tudo sem alarde, sem publicidade, mas cujos resultados aí estão evidentes, justificando o entusiasmo de oficiais, praças e civis que exercem atividades nos diferentes órgãos do Serviço de Proteção ao Vôo.

REGRESSO AO RIO NAS ASAS DO CAN

Assistimos, na quinta-feira, à intensa movimentação no Aeroporto de Brasília. Todas as semanas acontece assim. A Capital, tão distante dos grandes centros políticos e culturais do País, ainda não permite, por condições de toda ordem, que os administradores se ausentem completamente do Rio. As autoridades deixaram Brasília e seguiram pelos caminhos do espaço com destino à terra carioca. Nesta altura, umas boas praças da Base Aérea de Brasília, com os quais os repórteres fizeram amizade, disseram em confidência: "isto aqui, no fim de semana, é um cemitério... Os senhores vão ficar?" — Essas palavras foram mágicas. Sentimos uma saudade imensa da nossa querida Copacabana, dos nossos familiares e amigos.

Era preciso tratar do regresso. Felizmente, o Comandante da Base, o distinto Coronel Bachá, não nos havia esquecido. Antes de embarcar para o Rio, dera instruções sobre a nossa viagem. O fato é que os seus auxiliares tomaram as devidas providências e nos relacionaram no avião do CAN. Assim, pois, no dia seguinte, sexta-feira, chegou a nossa vez de voar para o Rio. A bordo do C-47 do CAN, os passageiros, das mais variadas classes e profissões, estavam acomodados, nos bancos laterais, de frente uns para outros. Um grupo de freiras também fazia parte desse conjunto eclético. Mergulhados, então, nos nossos pensamentos, lembrando a hospitaleira acolhida na Base Aérea de Brasília e tudo o mais, compreendemos logo porque a FAB é realmente tão querida.

Atividades Assistenciais do SESI em São Paulo

Em cumprimento ao programa de assistência integral ao trabalhador e sua família, o Departamento Regional do Serviço Social da Indústria desenvolve atividades tanto no terreno educacional como no recreativo e assistencial, visando, sobretudo, a melhorar o nível de vida de seus beneficiários.

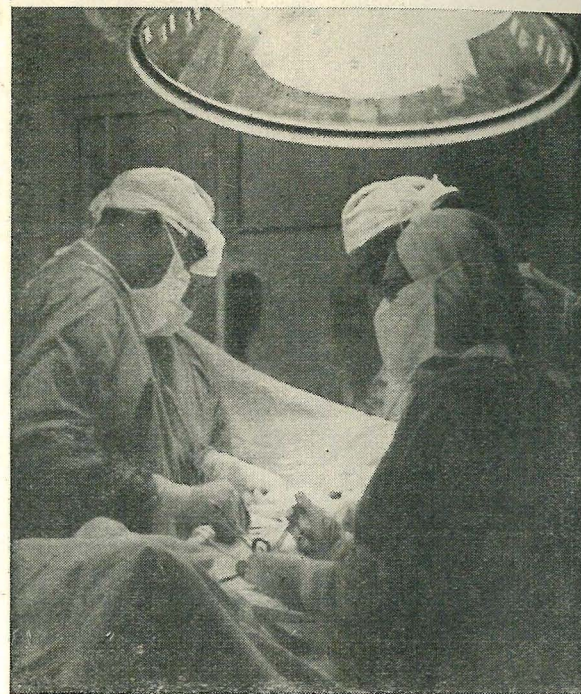
No campo assistencial, a medicina preventiva tem posição de destaque, avultando os serviços prestados pelo SESI no combate à sífilis e à tuberculose. Unidades volantes percorrem as fábricas, colhendo amostras de sangue e fazendo radiografias do pulmão.

SÍFILIS E TUBERCULOSE

O sangue colhido por essas unidades volantes é examinado

nos laboratórios, sendo os casos mais simples tratados no próprio local de trabalho. Os mais graves recebem tratamento especial, após exames complementares. Paralelamente, é feito o trabalho de investigação dos focos de contato, para exame e tratamento. Assim, mais de um milhão e seiscentos mil beneficiários já foram examinados pelo Serviço de Sífilis da entidade.

O Serviço de Roentgeografia em Massa fez, somente durante o exercício de 1963, o exame em 110 069 pessoas. No Dispensário Antituberculose, na Capital, são feitos os exames complementares, quando necessário, sendo tratados ali mesmo os casos sem maior gravidade. Nos casos de intervenção cirúrgica, a entidade encaminha o paciente ao



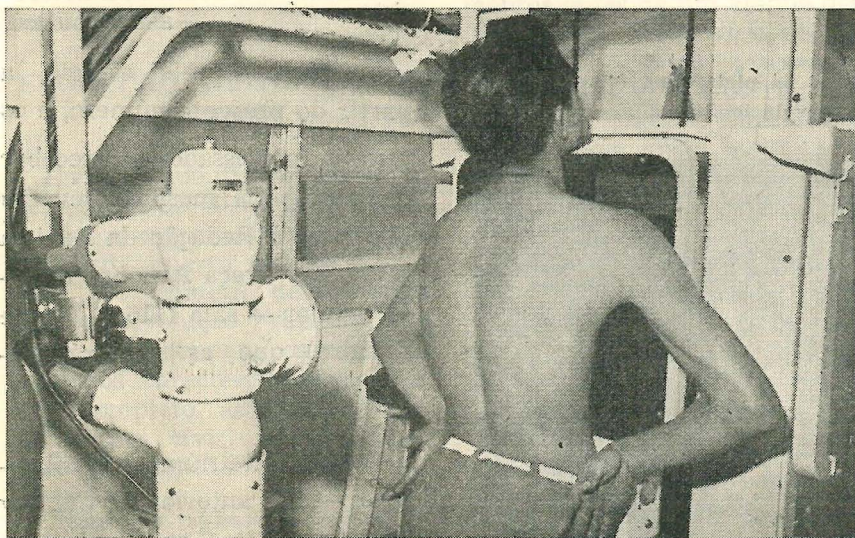
Os casos de intervenção cirúrgica são atendidos nos hospitais do SESI.

Hospital São Luiz Gonzaga, com o qual mantém acôrdo de leitos cativos. Nos casos positivos, é feito também o trabalho de localização de focos, para impedir que a doença se propague.

ASSISTÊNCIA COMPLETA

A rede de postos médicos e ambulatórios do SESI, ampliada gradativamente, na Capital e no Interior, oferece ao trabalhador e à sua família os cuidados necessários à saúde, apenas com uma taxa mínima de consulta. Possui ainda a entidade dois hospitais, um na Capital e outro em Jundiaí, para os casos de intervenção cirúrgica encaminhados pelos ambulatórios.

Complementando, outras unidades dedicam-se a ramos especializados, como reabilitação, higiene e segurança industrial e assistência odontológica.



No interior da viatura, o trabalhador tira a chapa de pulmão. O serviço preventivo do SESI vai, assim, ao encontro do trabalhador.

ESTÁGIO DE GUERRA REVOLUCIONÁRIA

Reportagem de J. DIAS

Departamento de Ensino daquele Estabelecimento, com a presença do Chefe do Estado-Maior e de grande número de oficiais-generais em função no Estado da Guanabara.

Procurando proporcionar à Força Aérea Brasileira u'a maior difusão da política contra a Guerra Revolucionária, a **Revista de Aeronáutica** publicará as conferências de caráter ostensivo



O Brigadeiro Fleiuss, Chefe do EM da Aeronáutica, quando falava aos presentes.

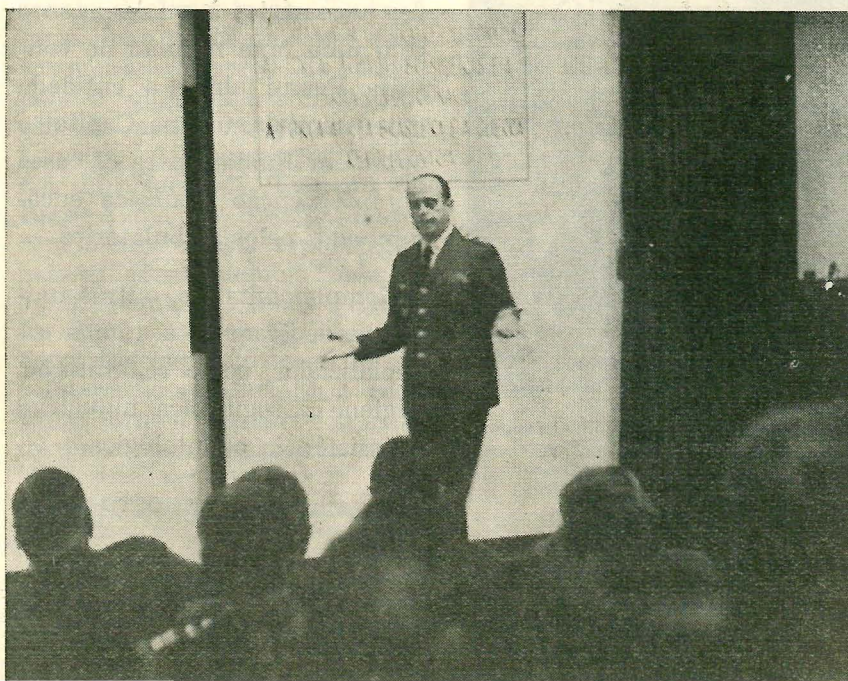
Teve início a 14 de agosto, na Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica, o Estágio de Instrução sobre manutenção da Segurança Interna contra a Guerra Revolucionária.

A primeira aula, sob o tema "A Força Aérea Brasileira e a Guerra Revolucionária", foi realizada pelo Cel Av Deoclécio Lima de Siqueira, Chefe do



O Brigadeiro Cantalice, Cmt da ECEMAR, apresenta aos Oficiais-Estagiaários os Oficiais-Instrutores daquela Escola.

Flagrante colhido quando o Cel Av Deoclécio na plataforma falava sobre o tema "A FAB e a Guerra Revolucionária".



realizadas naquele estágio, a partir do presente número, e os oficiais interessados em receber separatas das mesmas deverão dirigir-se à Redação da Revista (Avenida Graça Aranha, 174 — 11.º andar — sala 1116 — Rio de Janeiro) que as enviará gratuitamente.

No presente número, publicamos — de autoria do Cel Av Deoclécio Lima de Siqueira — A Força Aérea Brasileira e a Guerra Revolucionária.

A FÔRÇA AÉREA BRASILEIRA E A GUERRA REVOLUCIONÁRIA

DEOCLÉCIO LIMA DE SIQUEIRA — Cel Av
(Chefe do Departamento de Ensino da ECEMAR)

INTRODUÇÃO (*)

Os assuntos desta conferência constituem uma síntese das idéias que nortearam a Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica no trato, em 1963, do problema "Guerra Revolucionária". Elas têm servido de subsídio para a elaboração, pelo EMAER, da Doutrina de Emprego da FAB na Segurança Interna. Podem, portanto, ser consideradas como alguns dos fundamentos em que se baseia o atual pensamento da nossa corporação sobre o assunto, o que torna adequada a sua exposição neste início do estágio para Oficiais da FAB, relativo à instrução sobre a manutenção da segurança interna contra a Guerra Revolucionária.

Para apresentá-las, adotaremos o seguinte encadeamento lógico, com a finalidade de conduzir o raciocínio até o tema principal: Evolução Histórica da Guerra — Grande Estratégia Atual — Importância da Guerra Revolucionária — As Forças Armadas Brasileiras e a Guerra Revolucionária — A Força Aérea Brasileira e a Guerra Revolucionária.

EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA GUERRA

Podemos identificar facilmente, através da História, os diversos marcos que assinalam a evolução da guerra até os nossos dias. O primeiro deles surgiu com a Revolução Francesa. Até este acontecimento, os conflitos armados caracterizavam-se por um completo alheamento das atividades civis. Nêles, tomavam parte apenas os grupos mi-

litares das nações. O povo sabia que o País estava em guerra, mas dela não participava, pois, na realidade, ela interessava apenas aos grupos envolvidos, os quais eram chefiados por soberanos, senhores feudais ou outros chefes eventuais.

Na Revolução Francesa vamos ver, pela primeira vez, o envolvimento de toda a nação na guerra, quando surge então o chamado soldado-cidadão ou cidadão-soldado. Há mesmo uma data específica como marco desta transformação: foi a Batalha de Valmy, travada no dia 20 de setembro de 1792 — nela houve a participação voluntária de grande quantidade de civis, que, sob as ordens do general Dumouriez, se opuseram ao ataque das forças prussianas, as quais, juntamente com a extinta nobreza da França, pretendiam sufocar a revolução.

Pela primeira vez se ouviu no campo de batalha uma referência à pátria. Foi quando o general francês Kellerman disse, em proclamação às suas tropas, momentos antes de um ataque desfechado por Brunswick, comandante das forças prussianas: "Camaradas, viva a pátria; vencemos por ela!" É interessante notar-se que neste instante os revolucionários franceses falavam em termos de pátria. Tinham conseguido envolver a nação no problema ou eram a própria nação, enquanto os nobres franceses, não se apercebendo da evolução, estavam com as forças prussianas, em luta contra a própria pátria.

Quem soube interpretar este momento com muita felicidade foi essa grande figura da humanidade, Goethe, que se encontrava entre os prussianos, não como soldado, mas como obser-

vador do seu governo, para estudar uma doença chamada na época "febre de canhão". Goethe, referindo-se à Batalha de Valmy, disse:

"Neste dia começa uma nova era na história do mundo." A guerra passou a ser vista como um ato de interesse coletivo, e, abrangendo toda a nacionalidade, invadiu, conseqüentemente, o campo político.

Outro marco a considerar foi o representado pela revolução industrial, em meados do século passado. Esse desenvolvimento começou a permitir o deslocamento de grandes massas, a acelerar os transportes, a criar mais recursos para os combatentes. Com isto, a economia das nações transformou-se num fator de influência decisiva nas lutas armadas, que passaram, então, a abranger, também, o campo econômico. Assim, vimos, na Antigüidade, a guerra limitar-se apenas ao campo militar. Após a Revolução Francesa, estender-se para o campo político. Em meados do século passado, para o campo econômico. Ultimamente, em virtude das facilidades de comunicações entre a frente e a retaguarda, a veiculação rápida e constante das notícias tem influência na frente de combate e vice-versa, fazendo com que seja envolvido também o campo psico-social.

Nesta altura dos acontecimentos, estamos na guerra da atualidade, onde um novo fator está parecendo querer determinar outro marco de sua evolução. Refiro-me ao desenvolvimento tecnológico. Para se ter uma idéia de sua importância, vamos dar a palavra ao Tenente-General TROOP MILLER Jr., da USAF, comandante da

(*) Conferência realizada em 14-8-64, na ECEMAR, durante o Estágio de Instrução sobre manutenção da Segurança Interna contra a Guerra Revolucionária.

"Air University", que, no ano passado, em conferência realizada na nossa Escola Superior de Guerra, citando um, entre muitos exemplos, disse o seguinte:

"Um dos exemplos mais impressionantes do recente adiantamento tecnológico de aplicações ilimitadas, tanto civis como militares, é a descoberta das técnicas "LASER (Light Amplification by Stimulated Emission of Radiation). Esta descoberta será mais importante para o mundo do que a criação de míssil balístico, o aparecimento do transistor ou a realidade do Telstar.

Como método novo para transmissão de energia, o Laser parece possuir grandes possibilidades potenciais. Poderá dirigir um feixe concentrado de luz através de grandes distâncias, com extrema precisão. É, por isto, adequado para aplicação no Espaço. Além disto, terá muitas utilidades práticas na pesquisa, na indústria, na medicina e nas comunicações.

Poderá criar temperaturas milhões de vezes mais quentes do que a superfície do Sol, e com isto colocar um sol particular em cada laboratório.

Na indústria, terá grande emprego. Permitindo o aquecimento seletivo de um ingrediente numa mistura química, permitirá a realização de certas reações químicas que de nenhuma outra forma poderiam ser alcançadas.

Na microtecnologia, abrirá uma área completamente nova, perfurando ou cortando, com limites de tolerância medidos em moléculas. Todos os materiais — inclusive os diamantes — poderão agora ser cortados ou perfurados, com extrema precisão. Materiais a temperatura elevada facilmente serão soldados.

Nos computadores, os "Lasers" podem aumentar grandemente a velocidade de cálculo, substituindo os fios e componentes por "tubulação de luz".

No campo da medicina, seu potencial é enorme. Focalizados num ponto muito pequeno, podem ser usados para muitos tipos de cirurgia branca. Esta técnica já foi utilizada para operar um olho humano e corrigir uma retina deslocada.

No campo das comunicações, seu emprego é promissor. Durante anos, as estações de rádio, TV e os utilizadores militares do espectro de frequências vêm procurando canais livres, sem interferência, e isto tem sido uma preocupação mundial. Pois bem, o "Laser" abre faixas de frequência inteiramente novas e nos próximos anos ampliará mais de 1 milhão de vezes o atual espectro de comunicações. Isto oferece ensejo para uma vasta expansão, inclusive comunicações lunares e interplanetárias.

Como já dissemos, no espaço sua aplicação é ideal. Fará parte de vários dispositivos de determinação da origem das ondas radioelétricas e sensores. A vigilância, a leitura de dados, a cartografia, a prospecção, a navegação e o controle poderão ser revolucionados pela aplicação integral do princípio "Laser". Um radar especial foi recentemente demonstrado, quando cientistas obtiveram um eco da Lua.

Se um feixe "Laser" de alta potência for dirigido para um satélite, a maior parte de sua energia pode ser captada por um receptor adequado.

Estas são apenas algumas das possíveis aplicações do "Laser". Suas possibilidades têm despertado a curiosidade dos cientistas, pois, por meio desta técnica, a luz se transformou numa ferramenta expressiva de alta potencialidade.

Como acabamos de ver, o famoso raio da morte está próximo da realidade. Não há dúvida de que o tremendo desenvolvimento técnico-científico dos últimos tempos veio marcar uma nova era na história dos conflitos humanos.

O grande poder de destruição que a ciência e a técnica proporcionaram ao homem veio

criar uma nova maneira de encerrar a guerra, pois ninguém se julga seguro diante das possibilidades do provável adversário. Daí ter surgido a grande estratégia atual.

A GRANDE ESTRATÉGIA ATUAL

As últimas guerras já demonstraram que a devastação do inimigo traz problemas sérios para o vencedor, tais como a reconstrução moral e física dos vencidos. O desenvolvimento técnico-científico faz prever que nos conflitos futuros as operações militares acarretarão o aumento dessa devastação.

As nações devem, portanto, fazer o possível para atingir os seus objetivos por outros meios que não a guerra total, pois esta trará apenas uma ilusória ou falsa vitória, dado o seu tremendo custo. Esta maneira de procurar atingir as aspirações ou objetivos das nações, pesando sempre os riscos de um conflito total e procurando mesmo contorná-lo, é a chamada Grande Estratégia.

No mundo de hoje, dividido por dois blocos antagônicos, constatamos o desenvolvimento da Grande Estratégia atual em dois sentidos gerais, dando origem às chamadas Estratégia de Contenção e Estratégia Revolucionária.

Estratégia de Contenção — Poder-se-ia chamá-la de estratégia do medo. O Ocidente, liderado pelos EE.UU., está desenvolvendo-a, certo de que o receio de uma guerra total é a maior garantia da paz.

A esse tipo de estratégia tem-se dado diversos outros nomes, como dissuasão, deterrência, etc.

Para sua melhor compreensão, vejamos uma página do Tenente-General Roscoe Wilson, que, analisando o tema "A Força Aérea Espacial", no tópico "A Imagem da Futura Guerra Total", diz o seguinte:

"Hoje em dia existe uma destorcida imagem popular da guerra total, a qual é conceituada como um câmbio nuclear de duas descargas. O inimigo lan-

ça um ataque total, tentando obter surpresa, e nós o atacamos em represália. Em seguida, tratamos de saber quem saiu vitorioso. Esta grande simplificação vem de uma falta de compreensão das complexidades da tática e da logística, as quais, por sua natureza, ditam um curso de acontecimentos que será muito diferente da idéia popular. Os problemas de combustível, de controle e direção de grande quantidade de projetos simultaneamente, de programar seus horários de lançamento, de maneira que nem sequer um pequeno aviso seja dado sobre as diversas fases do ataque, estas e muitas outras considerações impedem o ataque de disparo único. Além disso, o inimigo deve planejar as contingências. Ele deve admitir que o seu conhecimento é imperfeito e que não visualizou o curso exato do quanto nós tentaremos enganá-lo. Para enfrentar esses problemas, ele deve destinar uma parte significativa do seu poderio militar à efetuação das operações de réplica.

Uma futura guerra total poderá ser de curta duração em comparação com as guerras anteriores, mas esta terá diversas fases e os primeiros ataques não serão o fim das hostilidades. Ainda que o inimigo gaste uma parte do seu poderio militar no ataque inicial, terá ainda uma força razoável. Devemos atacar e destruir esta força. O resultado da guerra dependerá da ação e reação nos choques das forças, e não na destruição de cidades. Podemos ter certeza de que o inimigo calculará e recalculará os resultados destes possíveis golpes, tomando em consideração as variações das táticas e dos armamentos. Devemos fazer o mesmo e arranjar nossas forças de maneira que o resultado de seus cálculos o conduza a uma decisão: a decisão de não atacar. Enquanto pudermos motivar essa resolução, a política de dissuasão será possível”.

Aí está, numa rápida pincelada, o porquê dessa grande estratégia. Diante do amontoado

de cálculos e na incerteza de quem sobrá com o último resíduo de força, o adversário resolve não atacar. Mas, para que ela seja eficiente, deve assentar-se em determinadas bases que lhe dê vida. Estas bases são as chamadas estratégias da contenção, a saber:

Estratégia do contra-ataque.

Estratégia da credibilidade da reação

Estratégia do imprevisto.

Estratégia do contra-ataque: Para que a contenção seja efetiva, é preciso que, em primeiro lugar, se assegure a possibilidade de um contra-ataque, pois é evidente que, se esta possibilidade não existir, o inimigo prontamente nos atacará. Esta é a idéia básica da estratégia do contra-ataque, a qual, obviamente, está fundamentada na capacidade das forças de sobreviver, de penetrar e de destruir.

Estratégia da credibilidade da reação: Parecendo simples à primeira vista, é a de mais difícil execução. O problema principal não é a reação, no caso de agressão ao país-líder de um dos grupos. Ninguém duvida, e a Rússia está certa, de que, se os EE.UU. forem atacados, eles reagirão. O problema está nos aliados. É preciso que o adversário se convença de que, atacando um aliado, mesmo fraco, ele sofrerá a reação partindo do forte. Um exemplo dessa estratégia é o que a Rússia vem fazendo com relação à Cuba. Os senhores vêm constantemente Krushchev dizendo que, se os americanos atacarem Cuba, a Rússia reagirá. E diz isso tanto que, às vezes, se chega a desconfiar que ele próprio não está muito convencido desta reação. Na realidade, o que está fazendo é desenvolver a estratégia da credibilidade da reação.

Os EE.UU., por seu lado, têm-nos dado vários exemplos dessa estratégia, principalmente através dos diversos Tratados, pelos quais prometem intervir em caso de agressão a um dos seus aliados.

Estratégia do imprevisto: Baseia-se na capacidade das forças para se oporem aos conflitos imprevistos que possam ocorrer. Assenta-se, portanto, na flexibilidade dos elementos nela envolvidos. O avião de decolagem vertical é um exemplo dessa estratégia, pois o seu campo de emprego é vastíssimo.

Estratégia Revolucionária — É a modalidade de Grande Estratégia desenvolvida pelo bloco comunista liderado pela URSS e visa a apertar o cerco em torno das nações-líderes do ocidente, através de movimentos revolucionários nos países menos desenvolvidos, o que provocará crises econômicas nos primeiros, seguidas de revoluções sociais que completarão a Revolução Universal, segundo a previsão de Lenine. Seria, assim, atingido o grande objetivo da Revolução Comunista, sem os riscos de uma guerra clássica total. Para um melhor entendimento dessa estratégia, ouçamos o Coronel das Forças Armadas Francesas, GABRIEL BONNET, grande estudioso do assunto, que, no seu livro “Guerrilhas e Revoluções”, diz o seguinte:

“É um lugar comum afirmar-se que os progressos técnicos e científicos, diante dos quais, por vezes, se abrem abismos insondáveis, provocam verdadeiras convulsões em todos os domínios, particularmente no da estratégia. Tudo parece levar a crer, como se os acontecimentos obedecessem a um inevitável encadeamento, que as bombas atômicas e de hidrogênio, os foguetes intercontinentais ou intersiderais preparam um cataclisma planetário. Entretanto, isto não é nada, porque estas armas de destruição maciça, felizmente, fazem recuar cada vez mais as perspectivas de uma guerra atômica, que seria, a bem dizer, uma espécie de suicídio coletivo. Em compensação, uma outra forma de guerra, infinitamente mais provável, aumenta o nervosismo dos povos: é a Guerra Revolucionária, que equaciona novos problemas.

Ela aparece, diante da estratégia da destruição, como a chave, a engrenagem fundamental de uma outra estratégia, talvez mais genial, que conquista populações e províncias inteiras, sem o concurso da força bruta. A despeito dos que, fiéis à tradição clássica, lhe prestam ligeira atenção, ela não constitui pouco no grande progresso realizado na arte militar”.

Está muito certo o Coronel Bonnet quando diz já ser tempo de compreendermos a Guerra Revolucionária, mesmo porque o outro lado do mundo já a compreendeu, e desde há muito. Este tipo de guerra foi estudado e analisado pelos fundadores do Comunismo que praticamente a incorporaram como idéia básica de sua doutrina. Isto se deve a Frederico Engels, nascido em Barman, na Alemanha, em 1820, filho de um industrial de tecidos. Amigo incondicional de Karl Marx, com ele colaborou mais de quarenta anos. Dedicou-se à análise da arte militar e tanto nela se aprofundava que os amigos o chamavam afetuosamente de “general”. Diz-se que, se fôssem reunidos os seus escritos e estudos sobre as campanhas militares, seus chefes, suas táticas, etc., etc., teríamos obra de vulto igual ao de “O Capital” de Marx. Com a ajuda deste, estudou a guerra dentro da filosofia comunista e foi buscar em Clausewitz, que considerava o melhor no assunto, o aspecto ideológico das mesmas e sua classificação em guerras de conquista e de libertação.

No meio dos seus inúmeros escritos sobre o assunto, encontram-se citações como esta:

“A insurreição é uma arte como a guerra ou outras artes; está subordinada a certas re-

gras que não podem ser negligenciadas, tais como:

- Jamais jogar com uma insurreição armada; começada, levá-la até o fim.
- Reunir, no momento e no lugar decisivo, forças revolucionárias superiores às do inimigo.
- Jamais abandonar a ofensiva, porque a defensiva é a morte da insurreição.
- Empregar, ao máximo, a surpresa.
- Conseguir cada dia um sucesso, a fim de conservar a superioridade moral.”

Por estas e outras razões é que Engels, juntamente com Marx, são considerados os pais da estratégia revolucionária. Perfeitamente natural, portanto, que o Bloco Comunista lance mão dela para atingir a seus objetivos, sem arcar com os riscos de uma guerra clássica total.

IMPORTANCIA DA GUERRA REVOLUCIONÁRIA

A Grande Estratégia atual leva-nos à conclusão de que o advento de uma guerra clássica é mais remoto do que o da Guerra Revolucionária, pois as duas modalidades de Grande Estratégia, seguidas pelos blocos antagônicos, se fundamentam na idéia de evitar o desenvolvimento de um conflito armado total. O mesmo não acontece com a Guerra Revolucionária, preconizada e estimulada por um dos blocos e já em progressão em muitas partes do mundo, com os primeiros sinais de sua presença em nosso próprio País. É, portanto, a guerra do momento. A nós militares, cumpre o seu estudo; e a nós Brasileiros, a arregimentação para a luta. Ela é de capital im-

portância para cada um de nós, como militares, como homens, como indivíduos, como parcelas da humanidade. Não se trata de uma guerra clássica, onde defendemos o nosso País; trata-se de uma guerra muito mais profunda, onde o que se defende é a própria essência da vida. Não se luta apenas pela pátria; luta-se, sobretudo, por condições de vida que justifiquem a própria vida. Nela não defendemos apenas as conquistas materiais do nosso povo, mas, principalmente, as vitórias do espírito que a humanidade acumulou através de séculos de sacrifícios, de renúncias e de lutas. Na realidade, ela transcende das fronteiras da pátria para vir representar uma opção de vida, pois se trata de um conflito entre os que limitam o viver, pelo cerceamento do indivíduo, e aqueles que defendem a plenitude da existência, pela soberania do homem e do seu espírito. Infelizmente, uma parte da humanidade optou pela corrente que está relegando o indivíduo a segundo plano. Os que assim agem, porém, nunca tiveram a felicidade de viver sob o signo da liberdade, e, nessa direção, o caminho lhes foi barrado, na opção que realizaram. A sua escolha foi feita na penumbra das restrições aos direitos individuais, e, por esta razão, talvez não tenham podido vislumbrar o calor e o brilho da liberdade. E para que amanhã não sejamos obrigados a aceitar um sistema de vida sem livre escolha, é necessária uma grande vigilância em defesa da liberdade. Por este motivo, a nossa posição com relação a este problema deve ser clara e inconfundível: estamos com aqueles que defendem a liber-

dade como condição básica da dignidade humana e razão fundamental da própria vida. Estas considerações tornam de suma importância esse tipo de guerra que a Grande Estratégia atual vem desencadeando em tantas partes do mundo e para a qual as Forças Armadas Brasileiras têm o dever de voltar os seus olhos.

AS FORÇAS ARMADAS BRASILEIRAS E A GUERRA REVOLUCIONÁRIA

Sabe-se que uma Guerra Revolucionária não pode ser desencadeada nem sua preparação ser iniciada, se não houver condições para isto. A vontade de mudar algo que está errado é o fundamento da idéia-fôrça que impulsionará a Revolução. Cumpre, portanto, identificar as áreas onde existem erros, porque nelas estarão as brechas por onde entrará, se alargará e se aprofundará a idéia-fôrça do adversário. Sabemos que na nossa Democracia existem áreas desse tipo, produto da maléfica influência dessa mesma liberdade que tanto defendemos, porque, em excesso ou mal controlada, ela gera malefícios imprevisíveis. Lacordaire já dizia que “entre o forte e o fraco, a liberdade escraviza e a lei liberta” e William Penn, um dos fundadores da maior democracia do mundo, preconizou que “ou os homens são governados por Deus ou o serão por tiranos”. Nestes dois pronunciamentos estão os instrumentos para a correção dos nossos erros. E nesse sentido a História do Brasil nos mostra, com cores vivas, que as Forças Armadas Brasileiras se constituíram sempre em sentinelas vigilantes contra a escravização pela liberdade sem normas, ou

contra o totalitarismo pelo des-governo dos homens. Nunca representaram classes e muito menos desempenharam o papel de feitores em defesa de privilégios injustos, e sempre que intervieram na marcha de nossa História foi para defender o escravo contra a escravidão, o plebeu contra os desmandos da nobreza, os párias contra os privilégios políticos injustos e o povo contra a ameaça de tiranias. Este espírito das nossas Forças Armadas certamente muito contribuirá para que os nossos erros não se constituam em acertos para aqueles que combatem a liberdade.

Todos nós compreendemos muito bem o nosso atual Comandante Supremo, General de ontem, que preconizava como uma das soluções contra a Guerra Revolucionária “uma evolução legal da estrutura econômico-financeira-social, no sentido de começar democraticamente a solução da questão social, dominando inclusive o extremismo do capital sem visão humana da sociedade e o extremismo desumano do comunismo”, e que, Presidente da República de hoje, diz o seguinte: “sob o aspecto estritamente político, se o chamado Governo da Revolução empreender agora as reformas, que aliás não são apanágio de um grupo político, estará realizando o que a Democracia brasileira necessita, e evitará, grandemente, que a demagogia e a subversão retomem, como de sua exclusividade, a bandeira reformista”.

Para completar estas considerações gerais em torno das Forças Armadas e a Guerra Revolucionária, não podemos deixar de fazer referência a essa figura notável de militar

brasileiro, o Duque de Caxias, que há mais de um século, com uma visão genial, soube dar às operações contra-subversivas da época uma característica de grande alcance. Foi ele quem denominou as suas forças contra a revolta do Maranhão de “Divisão Pacificadora do Norte”, que em Bagé transformou um Te Deum de vitória em Missa de defunto pelos “irmãos iludidos” que pereceram em combate, quem, dizendo-se mais militar do que político, desejava “até ignorar os nomes dos partidos que entre vós existem” e, finalmente, de quem um seu contemporâneo dizia o seguinte: “Nas povoações onde se achavam as suas tropas, mandava o Sr. Barão de Caxias matar muito maior número de reses que as necessárias e as largas sobras mandava que se distribuíssem pelas famílias necessitadas, embora pertencessem aos mais encarniçados sediciosos. Ordenou que os fardamentos e os serviços de agulha fôssem confiados às suas famílias, também sem discriminação de opiniões, remunerando o trabalho com pagamento à boca do cofre. Com este sistema, alcançou ele, muitas vezes, duplo efeito, qual era o de aumentar as suas forças com tantos braços, quantos eram os que, por outro lado, arrebatava aos insurgentes”. Inúmeros outros exemplos existem na vida de Caxias justificando o título que a posteridade haveria de lhe outorgar: O Pacificador. É interessante notar-se que os franceses de hoje, talvez aqueles que maior experiência tenham de Guerra Revolucionária, costumam chamar as operações contra-revolucionárias de Operações de Pacificação.

Como conclusão, podemos afirmar que as Forças Arma-

das Brasileiras, pelo seu passado e pela sua experiência, têm condições para enfrentar, com sucesso, a Guerra Revolucionária atual, precisando apenas que todos os seus escalões se compenêtem da necessidade de um estudo profundo e pormenorizado do problema, a fim de que, senhores do assunto, não se deixem envolver pela técnica insidiosa do adversário.

A FÔRÇA AÉREA BRASILEIRA E A GUERRA REVOLUCIONÁRIA

Se olharmos para o panorama geral da nossa corporação até o dia de hoje: sua doutrina, sua organização, seus costumes, seus programas e sua mentalidade, facilmente chegamos à conclusão de que pouca atenção vínhamos dispensando à realidade atual. Na verdade, estávamos vivendo o mundo de 20 anos atrás, recém-saído da última guerra clássica. Não evoluímos no sentido de transformar os conceitos daquela época nas necessidades da vida atual e, sobretudo, não nos reintegramos na realidade brasileira.

Persistimos em viver uma vida baseada em organização e princípios copiados de outros povos, esquecendo-nos de que, em nosso País, existem condições diferentes, cujo não-atendimento debilita a corporação para o cumprimento de uma das suas missões mais importantes na atual conjuntura: colaborar para a manutenção da nossa Democracia.

Com algumas atividades, temos prestado uma preciosa colaboração no campo das ações psico-sociais e no sentido de exterminar as causas do peri-

go, faltando-nos, porém, a consciência dessa finalidade específica. Refiro-me aos inestimáveis serviços do Correio Aéreo Nacional no seu apoio às populações menos favorecidas, aos exemplos magníficos de solidariedade humana representados pelas missões de Evacuação Aeromédica, à grandeza de alcance das Unidades Sanitárias Aéreas de recente criação e à extraordinária obra de integração realizada pela nossa Fôrça Aérea na Amazônia. Tudo isto representa uma contribuição preciosa na prevenção da Guerra Revolucionária. Contudo, urge que se crie uma consciência dessa contribuição, para aumentar sua intensidade e seus efeitos em correspondência com o vulto do perigo.

Por outro lado, verificamos, nos nossos Quadros de pessoal, a existência de condições para a formação de grupos isolados facilmente exploráveis pela técnica adversária. Em muitos setores, observa-se que os laços de amizade, solidariedade e confiança que devem fortalecer a cadeia hierárquica ou não existem ou estão por demais enfraquecidos. Os oficiais separados dos sargentos e êstes dos cabos e soldados geram agrupamentos impermeáveis entre si de fácil manipulação para fomentação de antagonismos. De maneira geral, nos nossos Quadros as atribuições de liderança não são exercidas com a eficiência necessária e indispensável na atual conjuntura, em que o líder deve ter, entre outras, a capacidade intelectual para orientar e conduzir os seus subordinados no campo das idéias, a fim de torná-los imunes às arremetidas das ações psicológicas adversas.

Como conclusão das considerações acima, podemos afirmar que o problema fundamental da FAB, em face da Guerra Revolucionária, é o do preparo do seu pessoal, pois a consciência do problema só virá com o conhecimento do mesmo.

Nesse sentido, devemos assinalar que as perspectivas são promissoras, pois na data de hoje damos início ao primeiro estágio que visa à preparação do nosso pessoal no assunto. Êste acontecimento tem uma importância transcendental, e estou convencido de que êle marcará o início de uma nova era para a nossa Fôrça.

Seja-me permitido, antes de terminar, prestar a minha respeitosa e sincera homenagem ao nosso Estado-Maior e a esta Escola, onde tenho a honra de servir, pela visão e coragem com que, no ano de 1963, elaboraram as primeiras idéias e deram os primeiros passos que haveriam de nos conduzir a êste momento histórico da nossa corporação.

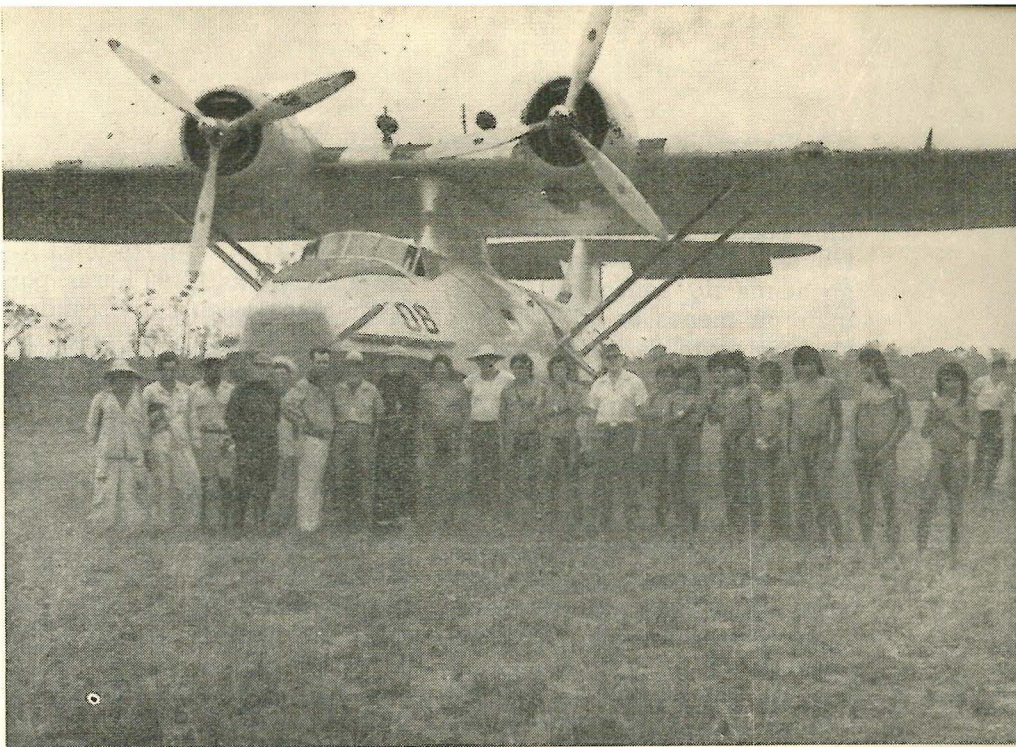
E para encerrar esta conferência, fazendo uma síntese de tudo que foi dito, desejo lembrar a todos os companheiros da FAB que

NA GUERRA REVOLUCIONÁRIA, AS IDÉIAS TÊM MAIS FÔRÇA DO QUE O CANHÃO E AQUELE QUE SE OMITE COLABORA COM O ADVERSÁRIO.

BIBLIOGRAFIA

- Revista da Air University — Volume XII, ns. 3 e 4.
- A Guerra Revolucionária — Hermes de Araújo Oliveira.
- A Batalha da Certeza — Hermes de Araújo Oliveira.
- Aspectos Modernos da Guerra — Escola Superior de Guerra — 1963.
- Aspectos particulares da Conjuntura Internacional — Escola Superior de Guerra — 1963.
- Guerrilhas e Revoluções — Gabriel Bonnet.
- Vida do Duque de Caxias — Joaquim Pinto de Campos.

01/10/59 — Quinta-feira — Hoje passamos o resto da Zoadá e fomos almoçar ao pé da cachoeira do Jacaré. Na hora do almoço, o Raimundo matou um macaco prego e eu feri outro, que não consegui pegar, tão bem o bicho se esconde entre as folhagens. Conseguimos subir o Jacaré com as 1.^a e 2.^a, e parte da carga. O Néri matou um mutum e o Antônio um trairão. Acampamos numa praia sombreada por uma grande árvore, na parte de cima do Jacaré. Até agora é o lugar mais aprazível em que acampamos, e bem ventilado; provavelmente à noite sentiremos frio. O jantar constou de feijão, arroz e macaco guisado.



02/10/59 — Sexta-feira — Hoje passamos o resto da carga e a 3.^a. Esse lugar em que dormimos dista do pé da Zoadá talvez um quilômetro. Gastamos três dias para andar essa distância! Bem que chamam a isto de — paciência. Embora o pessoal quisesse permanecer hoje neste acampamento, dei ordem para prosseguir, e, depois de um trabalho estafante, tendo descarregado e carregado as canoas nada menos de três vezes, chegamos ao varadouro da cachoeira Resplendor. Aqui o rio se bifurca, o braço direito tem várias pancadas de 1 a 3 metros de altura, o braço esquerdo bifurca-se, e, dêsses dois, o direito tem uma pancada de uns 10 metros de altura (foi na frente desta pancada que paramos para alcançar o varadouro) e o esquerdo tem uma série de pequenos saltos, até se juntar com a água dos outros braços. Este varadouro é o pior de quantos já encontramos; é um amontoado de pedras com o nível superior mais de 20 metros acima do inferior, e a pedraria mantém-se escaldante, em virtude do sol, por um quilômetro de extensão, até à bisetriz do ângulo formado pelo dois braços originais em que o rio se bifurca. O jantar hoje foi somente feijão com arroz. À noite, o Zefir e o Antônio mataram um peixe agulha, um peixe cana e dois curimatás.

A FAB CONQUISTA

Maj Brig R/R ATHOS FÁBIO ROMANO BOTELHO

(Conclusão do número anterior)

03/10/59 — Sábado — Hoje passamos as canoas e o restante da carga; terminamos o serviço às 12:30 horas. Logo pela manhã, o Bento matou dois patos. Seguimos às 14:00 e, depois de passarmos quatro corredeiras, em duas das quais tivemos que descarregar parte da carga, chegamos às 17:00 horas ao pé da cachoeira Grande, onde encontramos um ótimo local de acampamento. Quando íamos chegando, vimos dois macacos coatás numa árvore; eu saltei no lagedo um pouco antes do local do acampamento e internei-me no mato, com a minha 22. Nessas beiras de rio é penoso entrar no mato, pois ele é agressivo demais. Consegui matar a macaca coatá e um macho guariba que devia pesar bem uns trinta quilos; a coatá levou um tiro no coração e o guariba, no ouvido. O jantar foi bom: feijão, arroz e pato guisado, bananada e queijo. Depois do jantar, matamos nove traíras e quatro camamus. Como sempre, eu e o Rocha fomos os campeões;

eu matei a menor traíra e ele as duas maiores, com cerca de 10 kg cada uma. Deixamos os bichos para serem tratados amanhã. O Néri desde que chegou até às 22:00 horas lutou com o gerador, mas ele não dá mais do que 17 volts, e dessa maneira não poderemos usar o rádio, que exige 24 volts.

04/10/59 — Domingo — O dia todo foi passado em trabalho pesado para levar as três canoas e quase toda a carga para cima da Paciência Grande, a um local distante cerca de 600 metros do ponto onde acampamos ontem. Na hora do almoço, arpoei um trairão, mas, enquanto íamos 50 metros adiante apanhar uma panela, um jacaré saiu d'água e levou o trairão; tivemos que comer traíra salgada. Acampamos num local distante 300 metros do acampamento de ontem.

05/10/59 — Segunda-feira — Hoje andamos cerca de 800 metros; passamos o último banco,

chamado da Cobra, porque aí foi encontrada há uns anos atrás uma sucuriçu de quase um metro de diâmetro. Acampamos logo acima do banco da Cobra, mais ou menos às 16:00 horas. Do breu para cá, temos notado que há grande quantidade de massarandubeiras na mata. Hoje à noite, matei um surubim de 8 quilos e o Raimundo matou duas traíras.

06/10/59 — Terça-feira — Hoje começamos a usar novamente o motor de pópa. Logo após a partida, às 8:00 horas, passamos a boca do Urucuriana, uns trezentos metros acima do local onde acampamos. Passamos vários travessões de pedra, onde foi preciso arrastar as canoas, e às 15:00 horas deparamos com três ariranhas. Resolvi mandar parar o motor e fomos a remo tentar pegar as bichas. Duas delas entraram numa toca no barranco, a outra afastou-se rio abaixo. Paramos as canoas (a 1.^a e a 2.^a) em frente à toca, e o Raimundo, o Bento, o Lupércio, o Antônio e o Dudu saltaram. Uma ariranha saiu em cima do barranco por um dos suspiros da toca (tinha três suspiros) e fugiu pelo mato para montante do rio, depois voltou por água. Essa foi abatida por mim com três tiros de 22 na cabeça. Dentro da toca mataram mais três ariranhas e feriram uma, que depois conseguiu sair e cair na água, indo embora. Duas fugiram por um dos suspiros e caíram na água, sem que alguém tivesse tempo de atirar nelas. O Lupércio, o Bento e o Raimundo ficaram transtornados pela ambição, e graças a Deus não saiu ninguém ferido. Por este motivo resolvi, de comum acordo com o Rocha, e comuniquei ao pessoal todo reunido na hora do jantar, que os couros de ariranhas e outros bichos seriam vendidos em Belém e o dinheiro repartido igualmente por todos. Depois dessa minha falação o pessoal ficou alegre e jovial, pois, com aquela disputa para saber quem tinha morto esta ou aquela ariranha, o ambiente tinha-se tornado pesado e triste. Acampamos num

local cerca de 6 km antes da boca do Paru.

07/10/59 — Quarta-feira — Hoje saímos às 12:00 horas, pois o dia amanheceu chovendo e era necessário tirar as peles das quatro ariranhas. O Néri voltou ao local onde foram caçadas as ariranhas, pois o Lupércio teimava que ficara na toca uma ariranha morta por ele, e o Rocha deixara lá a minha zagaia. Voltaram uma hora depois, trazendo dois filhotes de ariranha que encontraram na toca, com cerca de quatro dias de idade, ainda de olhos fechados. O dia decorreu sem novidade; passamos três corredeiras e acampamos na foz do Igarapé Grande, um lugar que parece já tinham acampado, pois estava bem limpo. À noite o Antônio matou dois surubins e uma traíra, o Bento matou um peixe-cachorro bem grande, o Raimundo um surubim e o Lupércio uma traíra. Desde o banco da Cobra que começamos a notar que a mata vai baixando de altura, e vimos algumas andirobeiras. O jantar foi caldo de traíra e arroz. Os filhotes da ariranha estão sendo alimentados com leite Ninho, por meio de uma gase que se mete uma ponta na caneca com o leite.

08/10/59 — Quinta-feira — Logo cedo o Bento matou um mutum e o Antônio outro, e logo depois o Raimundo viu um

nhambu que caíra na água e ia nadando para outro lado do igarapé, pegou uma das canoas e conseguiu pegar o nhambu vivo. Hoje andamos bem de motor, paramos para almoçar num lagedo. Na parte da tarde o nosso motor quebrou os pinos da rabeta, e, como vínhamos com as três canoas juntas por cordas, pois assim não nos afastaríamos e poderíamos andar com maior velocidade, continuamos, porém mais devagar. Vimos ariranhas por três vezes, mas não as caçamos. Fomos acampar numa ilha um pouco acima da foz do Igarapé Sto. Antônio. Na chegada o Lupércio matou dois jacarés.

09/10/59 — Sexta-feira — Saímos às 7:10 horas e às 8:00 chegamos a uma corredeira abaixo da corredeira do Chico. Só pusemos novamente o motor a funcionar às 11:00, para parar 5 minutos depois, a fim de trocar o pino da hélice; as pedras são em maior quantidade que a água do rio. Nesse lugar é grande o número de massarandubeiras na margem direita, que está toda florida. Logo acima dessa corredeirazinha, chegamos à corredeira do Chico. Aí tivemos de parar o motor para que as canoas fôssem puxadas a braço; felizmente não foi necessário descarregá-las. Gastamos mais de uma hora nessa corredeira e no raso que fica logo acima dela. Pouco mais além,



Da esquerda para a direita : Môchó, Cel Athos, Apeia, Maj Rocha, Bêê, Iaquináuê.

o motor quebrou o pino da hélice, e, enquanto o Néri o trocava, fomos seguindo a remo, e paramos na foz de um igarapé, que mais tarde batizei com o nome de igarapé do Campo, pois em sua margem se apresenta o primeiro campo que encontramos. Depois das três canoas reunidas, seguimos mais meia hora e fomos almoçar numa pedra chata na margem direita do rio, já quase em frente a Serra Gêmeos. Depois do almoço, seguimos um pouco mais além e acampamos num local onde Frei Protásio já acampara em sua última viagem, no ponto mais próximo a Serra Gêmeos. Enquanto o pessoal arrumava o acampamento, seguimos para Serra Gêmeos eu, o Frei, o Rocha e o Bento. De cima da Serrota, pudemos ter uma ampla visão do terreno, e verificamos que só existe aquela campinarana na margem do igarapé do Campo e uma outra menor um pouco adiante; o mais é mata rala e capoeirão, terreno firme, com alguma piçarra, porém muito movimentado.

Quando voltamos ao acampamento, o pessoal contou-nos excitado que do outro lado do rio, justamente onde nós tínhamos ido, aparecera uma onça pintada, olhando para o acampamento. Como eu houvesse resolvido voltar ao igarapé do Campo para examinar a campinarana, embarcamos o Zefir na nossa canoa como proeiro e seguimos rio abaixo, eu no motor. Logo depois da primeira volta ao rio, vi um animal grande que vinha atravessando o rio, pensei que fosse uma anta, mas nessa ocasião o animal subiu numas pedras e vi então que era uma pintada. Logo o Rocha, com a M-51, e o Bento com a 16, se aprontaram para atirar, e a onça apressou-se na travessia do rio; eu gritei que eles a esperassem chegar mais perto. Quando estávamos a uns trinta metros de distância, a onça saltando pelas pedras e nadando bem na frente da canoa, parei o motor e o Rocha fez fogo, por duas vezes, e a carabina não disparou; a onça já estava quase alcançando a outra margem, aí nadando só com a cabeçorra

de fora, quando o Bento disparou a 16 e a bicha se imobilizou e ficou boiando, só com os quartos traseiros aparecendo. Fomos então recolhê-la e verificamos que ainda estava respirando; o tiro pegara no pescoço, do lado direito, de trás para frente. Calculo que um dos bagos de chumbo tenha seccionado o cerebelo, imobilizando o aparelho locomotor, e a onça morreu afogada. Era um macho, já velho, pois os dentes estavam bastante gastos, com doze palmos de comprimento até a cauda, da qual faltava a ponta, certamente perdida em alguma rixa amorosa. Ao voltarmos ao acampamento, depois de examinarmos a campinarana, quisemos assustar o Lupércio, mas ele não se assustou. Mandeí assar uma costela da onça; a carne é boa de sabor, mas extremamente dura. Quando já principiava a escurecer, o Bento matou um cujubim. À noite pescaram duas traíras, dois surubins e quatro camamus.

10/10/59 — Sábado — Às 8:10 horas, prosseguimos viagem, a caminho do igarapé Borboletas. Pouco depois, topamos com uma anta atravessando o rio; eu e o Rocha atiramos, mas erramos, e ela foi embora. Hoje tivemos uma série de panes no motor, mas acabamos chegando ao Borboletas às 16:00 horas. Fomos logo subir o morro Tocantins para ver os campos que Frei Protásio afirmara existirem; somente capoeirão e mata, em terreno bem irregular. Como necessitamos de qualquer maneira fazer uma pista para podermos receber suprimentos, resolvemos que amanhã voltaremos ao igarapé do Campo para lá construí-la. Quando regressávamos do Morro Tocantins, o Lupércio encontrou um jaboti, e o Rocha quase pisou num jacaré que estava dormindo. O Raimundo e o Antônio mataram várias piranhas, um surubim e um peixe-cachorro. À noite foi bem fria. As massarandubeiras continuam a aparecer, nas duas margens do rio.

11/10/59 — Domingo — Às oito horas partimos rio abaixo, de volta ao igarapé do Campo. Às 10:05 um catalina sobrevoou

as canoas; encostamos num pedral e sinalizamos com painés — GER OFF — isto é, gerador em pane. Depois escrevemos — L L — tudo bem; em seguida — VOLTE 15 — para voltar quinta-feira, dia 15, e por fim — □ — nada mais a dizer. O avião o balançou lateralmente, dando o entendido, e foi-se. Na segunda passagem que o avião fez sobre nós, largou duas bombas; continham frutas, pães, queijo e revistas para o Rocha, e balas e bombons para mim. Fiquei satisfeito com a lembrança da Dagmar, mas teria gostado muito mais se tivesse vindo uma carta dela. Às 11:30 vimos uma anta na margem do rio; quando nos aproximamos, meteu-se no mato. Paramos as canoas e o Bento saltou para ver se a matava. Alguns minutos depois, ouvimos um tiro, alguém perguntou se tinha acertado, e o Bento respondeu: — Está seguro! O Dudu, o Raimundo e o Antônio saltaram para ajudar o Bento, e qual não foi nossa surpresa, quando apareceram com um veado. Disse o Néri que a anta passou correndo e o veado perguntou: — “Onde vai com tanta pressa, comadre anta?” — ao que esta respondeu: — “Vou chamar meu pessoal para ver um trem ali na beira do rio; você pode ir logo, não perca tempo não” — e o coitado do veado foi logo dar de cara com o Bento, o homem que não perde tiro. Chegamos ao local do campo às 13:00 horas, o Bento subiu logo para tocar fogo no capim, almoçamos e lá para as 15:00 horas o fogo já havia terminado, subimos e fomos escolher a localização da pista. Acharmos um local só com capim, de 600 m de extensão, podendo ser aumentado no capoeirão mais 200 m em cada extremidade. A posição é 57°N e 55°42'W, no ângulo formado pelo Paru do Oeste e o Igarapé do Campo. Batizei o local de Campo Verde. Amanhã começaremos o trabalho na pista. O jantar foi um banquete: arroz, veado guisado, costelas de veado assadas na brasa, picadinho de veado, farinha, bananada, queijo e café. Pusemos fogo no campo novamente hoje à tarde.

12/10/59 — Segunda-feira — Começamos logo cedo a capinar a pista, depois de eu ter demarcado o eixo da mesma e as laterais, ficando a pista com 20 m de largura. Tivemos cerca de 300 m do campo queimado que foi fácil preparar, pois só precisamos tirar as touças duras de capim que não queimam. A orientação da pista é 40°—220°, a direção normal do vento é de 60°. Na parte da tarde, começamos a entrar no capoeirão na cabeceira 04, e o serviço tornou-se mais duro. Às 16:00 horas um veado veio a 20 m de distância do Néri, para ver o trabalho, sem que ninguém percebesse sua presença. Quando foi percebido, o Néri atirou nele de pistola 22, porém em virtude da precipitação errou, e o veado foi embora. Trabalhamos até às 18:00.

13/10/59 — Terça-feira — Iniciamos o trabalho na pista às 7:00 horas e fomos até às 18:30, com interrupção das 11:50 às 13:00 horas, para o almoço. O trabalho é duro, e milhões de mosquitos, piuns, carrapatos, cabas e abelhas lambe-lambe nos apoquentam o dia todo, além de um sol implacável, felizmente suavizado pelo vento quase constante. A parte de campo tem 500 m; vamos entrar no cerrado, na cabeceira 04, 200 m e, na cabeceira 22, vamos entrar 100 m, para perfazer o total de 800 m. Vamos, além disso, derrubar mais 100 m em cada cabeceira, para que o avião tenha entrada e saída livres. A cabeceira 22 vai-nos dar bastante trabalho, porque o terreno é duro feito tijolo e existem muitos montículos de formigueiros e cupins. Hoje terminou o arroz; o feijão também está no fim. À tarde o veado visitou novamente as obras, e dessa vez acompanhado pela esposa. Deixamo-los ir em paz.

14/10/59 — Quarta-feira — O serviço principiou às 7:00 horas, e prolongou-se até às 18:30. Trabalhamos com afinco para aprontar a pista, mas não foi possível. Habitados a manejar caneta-tinteiro e lápis, eu e o Rocha estamos com as mãos em estado miserável; já para a tar-

dinha desisti de ajudar os homens, pois não podia mais segurar coisa alguma. É pena que, depois de tanto esforço e sacrifício, provavelmente a equipagem do avião que vier amanhã vai achar que a pista é uma droga. Até Frei Protásio veio ajudar a arrancar arbustos secos. Quase todos nós estamos com diarreia, dizem uns que em virtude da carne do veado que é "reimosa"; eu creio que talvez seja da água, ou talvez por causa do peixe salgado que já estamos comendo há três dias. Só o Dudu está bom da barriga. Às 16:00 horas, aproximadamente, uma onça esturrou demoradamente na matinha que fica a leste da pista, e pouco depois um veado passou calmamente pela pista; o Néri atirou nele com a 22, mas não o acertou. O luar foi maravilhoso; discutimos bastante política e economia, mas às 22:30 fomos para a rede, pois já estava bem frio (creio que a temperatura devia ser de 20° a 22°).

15/10/59 — Quinta-feira — Começamos o trabalho às 7:00, com esperança de que o avião venha hoje, e tocando firme para terminarmos a cabeceira 22. Só pude derrubar três árvores com o terço e abandonei o serviço aos homens; minhas mãos já não agüentam mais. Logo de manhã cedinho, o Bento matou um mutum e um jaó, que felizmente virão hoje interromper o regime de peixe salgado. O feijão e o arroz terminaram, os veados continuam dando sopa e ninguém consegue acertá-los. Às 17:00 horas fui esperar que eles aparecessem na pista, esperei até às 18:00 e não apareceram. Quando já me dispunha a ir embora, apareceram duas codornas, bem próximo de mim, mas num ângulo tal que fui obrigado a atirar com a esquerda; voaram muitas penas, e elas se foram em vôo baixo e barulhento sobre o capim, para pousar mais adiante. Andei na direção delas, e uma voou quase entre minhas pernas. Se eu estivesse com cartucheira seria tiro fácil. Quase nesse momento ouvi três tiros para as bandas do Igarapé do Campo, para onde haviam ido o Bento e o An-

tônio, a buscar a canoa que deixaram lá pela manhã, quando mataram o mutum. Mais tarde, quando eles chegaram, traziam uma capivara enorme e gorda, mas como já estava noite, embora a lua fôsse cheia e clareasse bastante, deixaram para abrir o bicho amanhã. A pista ficou pronta, com 850 x 20 metros.

16/10/59 — Sexta-feira — A capivara foi uma desilusão, pois tinha um vasto tumor no intestino e outro no quarto traseiro direito; pela manhã já estava em começo de decomposição. Melhoramos as condições da pista, trabalhando até às 10:30 horas. Apareceu um grande veado, o Bento atirou com a minha 22, mas errou; fui atrás do bicho e, depois de andar um pouco, dei com ele me olhando a uns 15 metros de distância. Até me assustei, quando vi o bicho assim tão perto, e atirei quase sem fazer pontaria, e... não acertei. Entrei, então, num campo bem bonito, de capim gordura, excelente pastagem. Verifico que a região aqui se presta maravilhosamente para criação de gado em grande escala; os campos são bem bons e com muitas aguadas. Com pequeno dispêndio, os campos poderão tornar-se excelentes. À tarde o Lupércio saiu para caçar com o Bento, o Antônio e o Raimundo; voltaram com um mutum, um coatá, um jacaré e uma cotia.

17/10/59 — Sábado — Hoje foi mais um dia que passamos esperando em vão que chegasse o avião com nosso suprimento, para podermos continuar a viagem. Hoje Dudu, Antônio, Bento e Raimundo desceram o rio para caçar. O dia todo se passou na espera ansiosa; o pessoal está com o moral baixo, e irritado, principalmente o Rocha... e os restinhos de gêneros se acabando, mas farinha ainda temos para uns seis dias, e sal bastante.

18/10/59 — Domingo — Ainda hoje o dia se passou com o pessoal apurando os ouvidos para ouvir o ruído do avião, e o Rocha invectivando o pessoal de Belém que não se lembra que já estamos aqui há um mês e dezoito dias, tendo trazido

mantimentos para um mês. A água do rio está baixando rapidamente, e a subida para a fronteira ficará cada vez mais difícil. O Néri à tarde deu um tiro num veado, a uns vinte metros de distância e errou. O Lupércio e eu matamos cada um de nós um urubu real, que estavam banquetecendo-se na carniça da capivara. Os caçadores regressaram hoje trazendo cinco tracajás, onze mataus (peixe muito parecido com piranha), uma cotia e um caetitu.

19/10/59 — Segunda-feira — O dia passou-se na mesma expectativa de o avião vir, mas não veio. O Raimundo, o Bento e o Antônio saíram para caçar, mas apenas o Raimundo trouxe um jaboti, e todos trouxeram grande quantidade de carrapatos. Atiraram numa anta e numa onça, mas ambas foram embora. Eles puseram fogo nos campos que ficam ao sul do Igarapé do Campo, e à noite o clarão da fogueira foi imenso. Às 20:05 passou sobre o acampamento um avião a jato, voando a cerca de 2 400 a 3 000 m de altura, na direção N-S; sua velocidade devia ser da ordem de 800 km/h.

20/10/59 — Terça-feira — O Bento e o Antônio saíram às 8:00 horas para caçar, e só voltaram às 16:00. Trouxeram um pato e dois jabotis. O Rocha continua em grande depressão, em virtude da não-vinda do avião de ressuprimento, cuja falta é para nós inexplicável, uma vez que o escalão de apoio sabia que nós tínhamos suprimento apenas para um mês, e há já cinquenta dias saímos de Oriximiná. Gastão Cruls em seu livro — A Amazônia que eu vi — diz que as penetrações no Erepecuru sempre tiveram mais o aspecto de fuga que o de conquista, isso sempre motivado pela falta de gêneros. Esta nossa expedição não devia ter esse aspecto, pois estamos numa outra era, a era da aviação, e aqui viemos para fazer campos de pouso e assim podermos conquistar essa região de campos, talvez de mais de 30 000 km², mas, se nosso ressuprimento não vier nestes próximos dez dias,

seremos obrigados a fugir, para não passarmos fome.

21/10/59 — Quarta-feira — Para evitar e espantar esse desânimo e nervosismo que se está expandindo do Rocha para os outros, resolvi pôr todos a trabalhar. Logo cedo mandei o Raimundo, o Bento e o Antônio irem cortar palha de inajá para um tapiri, e trazerem os palmitos das inajazeiras que derubassem. Eu, o Zefir, o Dudu, o Rocha, o Lupércio e o Néri fomos melhorar a pista; o frade continuou em sua ocupação habitual, isto é, ler deitado na rede. Às 10:00 horas o pessoal do mato voltou com as palhas e os esteios para o tapiri, e foi iniciada a construção do mesmo. O resultado do trabalho foi excelente; os ânimos melhoraram, a conversa generalizou-se. Às 17:30 apareceu um veado na pista, e eu o derrubei com uma bala 22 na pá. À noite, o frade pescou uma traíra, eu um peixe-cachorro e o Néri uma piranha enorme.

22/10/59 — Quinta-feira — Continuamos todos a trabalhar na pista e no tapiri. Logo cedo, o Bento matou um mutum. De manhã apareceram na pista quatro veados, mas só de longe foram vistos. A pista está muito boa, medindo 855mx20m; fizemos hoje uma área de estacionamento a barlavento do tapiri, que será a nossa primeira estação de passageiros de Campo Verde. O moral do pessoal esteve alto; estão todos calmos, confiantes em que o avião venha domingo próximo. Eu continuo intrigado com o pessoal do escalão de apoio, que tem o dever de nos suprir do necessário, e sabe que nosso rancho foi calculado para um mês.

23/10/59 — Sexta-feira — Logo pela manhã os veados apareceram novamente. O Antônio foi-me chamar, e eu entrei no cerrado à procura dos bichos. Pouco depois topei com um deles a regular distância, atirei, mas ele foi embora, e tenho a convicção de que foi ferido. Atrás daquele correram outros dois cabritos que eu não vi e, como estes foram para um cerrado melhor de se andar, segui-

-os. Mais adiante, encontrei-os parados à minha espera, no meio de um capinzal alto; só apareciam as orelhas e o alto da cabeça dos bichinhos. Atirei num deles e o mesmo desapareceu no capim, enquanto o outro saiu aos saltos para parar cem metros adiante. Andei na direção dele e, quando estava a uns cinquenta metros, atirei na pá. O cabrito deu um berro, um pulo enorme, e disparou para o mato. Chamei o Bento e o Lupércio, e fomos procurar o bicho, mas não o encontramos e tivemos de nos contentar só com o que ficara no capim. A bala entrou no crânio um pouco acima da linha dos olhos, e esfacelou o cérebro do bicho. Aquela peça foi boa, pois já estávamos precisando de carne. O resto do dia decorreu calmo, o pessoal trabalhando na pista e na construção da estação de passageiros. Pouco antes do almoço, fiz para o pessoal uma pequena alocução referente à data do avião, enaltecendo o trabalho que vem sendo feito pela Aeronáutica no progresso e engrandecimento do Brasil, em que será incluído também esse nosso trabalho atual, para a conquista da fronteira.

24/10/59 — Sábado — Pela manhã, meti-me na capoeira à procura de caça, e, quando lá estava, chegou o Catalina 6508. Sobrevoou a pista demoradamente e por fim aterrou, às 10:30 horas. O piloto era o Cel Camarão, e ficamos então sabendo que ele viajara para o Rio, e, como só ele queria ser o primeiro a aterrar em Campo Verde, não mandou suprimentos, achando que nós podíamos conseguir caça e peixe. Às 11:45 decolamos para Santarém, deixando em Campo Verde só os seis trabalhadores. Chegamos a Santarém às 13:45 horas, e para mim foi um transtorno verificar que todo o comércio estava fechado; todos tinham ido assistir a um jogo de futebol. Porém depois das 18:00, conseguimos comprar algumas coisas de que necessitávamos para a expedição, na casa comercial de um conhecido do Néri. Pernoitamos em casa do Néri, e o jantar foi opíparo, inclusive com

vinho gelado. A consequência desse jantar é que não pudemos dormir direito e tivemos intestinos desarranjados.

25/10/59 — Domingo — Cedo decolamos de Santarém para Campo Verde, o Catalina, um T-6 pilotado pelo Camarão, e um C-45 pilotado pelo Major Drumond. O Catalina foi pilotado pelo Ten Diniz. O tempo estava muito ruim, e só o Camarão aterrou em Campo Verde; os outros aviões voltaram para Santarém, o Catalina (no qual eu estava) tendo voado seis horas e dez minutos. Passamos o resto da tarde em casa do Néri, distraíndo-nos como possível, lendo e conversando. O jantar foi novamente excelente, porém nessa noite todos dormiram razoavelmente. Eu amarrei minha rede na varanda, mas às onze horas da noite a chuva me enxotou, e fui dormir na cozinha.

26-10-59 — Segunda-feira — Em virtude da chuva, só decolamos às 9:30 horas; fizemos uma boa viagem e aterramos em Campo Verde às 11:25. O almôço foi feijão e veado cozido. Às duas horas, decolei no C-45 e fui sobrevoar a região do pico Catâni, depois de sobrevoar todo o Paru até lá, para verificar as condições de água do mesmo. Escolhemos um local próximo à primeira aldeia Tiriô. Voltamos a Campo Verde às 16:30 horas, depois de apanharmos um bocado de chuva. Verificamos que o Iriki está bem barrento, indicando que tem chovido muito em suas cabeceiras. Decidimos seguir viagem amanhã, para aproveitar a água do rio. O Major Drumond e o seu piloto, Cap Gonzaga, dormiram em Campo Verde.

27/10/59 — Terça-feira — O "Beech" decolou às 8:00 horas, e nós prosseguimos viagem às 9:00. Mais ou menos às 9:40 encontramos um bando de cinco ariranhas, eu atirei na cabeça de uma delas, a uns cem metros de distância, e as outras fugiram. Um pouco mais adiante, encontramos uma capivara que o Bento fulminou com um tiro de 16 na cabeça. Às 10:30 paramos para preparar o almôço, e

esquartejar a capivara e descourar a ariranha. Na parte da tarde, encontramos uma anta que a minha 22 imobilizou com uma bala certa na espinha, e depois o Rocha a matou com a 30. A bicha pesava uns 150 kg; por isso, tivemos que descourá-la e esquartejá-la ali mesmo. Com todas essas demoras, ainda mais que, para fazer o almôço, ficamos parados três horas, não conseguimos assim atingir as Borboletas; dormimos num local cerca de uma hora antes. Toda essa tarde perseguimos as ariranhas, e elas foram sempre subindo o rio. À noite Frei Protásio pegou um surubim e eu zagaiei uma traíra.

28/10/59 — Quarta-feira — O dia decorreu sem novidade; vimos uma anta bonita, com claros sinais de haver sido coberta recentemente. Ficou calmamente na margem à nossa espera; passamos com os barcos a uns quinze metros de distância dela, mas ninguém atirou porque as canoas estão muito cheias e temos bastante carne da outra anta. Acampamos num local pouco antes do Ribeirão do Oeste. À noite, o Antônio matou três camamus.

30/10/59 — Sexta-feira — Começamos o dia, isto é, a viajar, às 6:40 horas. O dia decorreu calmo, com as mesmas batidas em pedras, travessia em travessões de pedra, etc. Nós deixamos em Campo Verde a 1.^a canoa, de modo que agora andamos melhor; na 3.^a, que é a maior, vamos eu, o Frei, o Lupércio feito motorista, o Zefir e o Vivi. Na 2.^a, a reboque da 3.^a, viajam o Rocha, o Antônio, o Raimundo, o Bento e o Dudu; o Néri foi embora para Santarém, pois com aparelhagem-rádio em pane ele não tinha mais razão para continuar na Expedição Erepecuru. Para nós foi um alívio ter deixado a aparelhagem-rádio, pois pesava 192 kg. Hoje vimos novamente uma grande anta, que ficou calmamente apreciando a passagem dos barcos. Começamos a encontrar ovos de tracajá, e colhemos 124. Numa das corredeiras, onde tivemos que parar o

motor para puxar as canoas a mão, o Bento viu um tracajá, saltou e correu, conseguindo pegá-lo ao cair na água, mas ele escorregou e foi-se; porém o Antônio, que viera também atrás, mergulhou e pegou o bicho novamente. Mais tarde esse tracajá deu uma dentada no pé do Dudu que quase lhe tira um pedaço. O Antônio encontrou um jaboti no mato, e agora já vão dois na canoa. Pernoitamos na boca do Igarapé Água Preta, e eu e o Rocha estávamos certos de que era outro qualquer mais adiante, pois andamos muito hoje, e, de acordo com a carta, deveríamos estar muito mais à frente; penso que a carta consigna os acidentes geográficos, mas as distâncias são fictícias. À noite Frei Protásio pegou três traíras, o Raimundo pegou outra e o Antônio, um surubim.

31/10/59 — Sábado — A viagem hoje começou às 6:40 horas, e enfim consegui fotografar capivaras e anta vivas. Encontramos só uma anta, mas muitas capivaras. Paramos em muitas praias para colher ovos de tracajá e, em uma dessas paradas, caiu na água uma família de capivaras, pai, mãe e dois filhotes. O Rocha saiu a perseguir os bichos, e por fim o Dudu pegou um dos filhotes; o Antônio, porém, ao colocá-lo num saco, deixou o animalzinho fugir, pois o fundo do saco estava rasgado. Nossa canoa, a 3.^a, já trocou de nome (era "Tira Gosto"); agora é "Trepá Pedra", pois já subiu em não sei quantas pedras submersas, e sempre tem resistido galhardamente. Hoje andamos pouco em virtude da quantidade de vezes que tivemos de parar para atravessar as canoas arrastadas, e em cada travessia dessa se demora de dez minutos a uma hora; apesar disso, fomos pernoitar na boca do Igarapé da Triangulação. O Lupércio operou-me de um quisto que eu tinha nas costas e estava inflamando, consequente de uma picada de carrapato.

01/11/59 — Domingo — Apesar da operação, passei bem a noite, embora acordasse várias vezes, pois é um bocado aborrecido dormir de lado em rê-

de, e eu não podia dormir em decúbito dorsal. Saímos à hora habitual, 6:40, e viajamos pouco neste dia, por causa da enorme quantidade de travessões no rio. Vimos dois bandos de capivaras, de cinco cada um. Fizemos força para alcançar o Caranã, mas não foi possível, e pernoitamos cerca de um quilômetro abaixo. Em todas as paradas que fizemos durante o dia, o Rocha incendiou os campos. À noite o Frei pegou quatro traíras e o Antônio pegou um surubim. Desde ontem que comecei a passar mal do fígado; atribuo isso a um ovo de tracajá que comi no almoço; por esta razão, não jantei ontem e hoje o dia todo não comi senão bolachas com chá. Pegamos, hoje, muitos ovos de tracajá e o Rocha é quem controla o estoque; os homens comeriam logo todos, se ele deixasse. Na hora do almoço, estava tão mofino que resolvi esticar a rede e dormir um pouco. Quando todos já tinham almoçado é que me chamaram, e então tive a surpresa de ver que haviam preparado um japá na 2.^a canoa, coberto de matéria plástica, e em baixo arrumaram os sacos de roupas, a fim de formar uma cama. E, assim, viajei o resto do dia deitado com algum conforto.

02/11/59 — Segunda-feira — Logo cedo Frei Protásio rezou missa em intenção das almas dos nossos parentes falecidos. Iniciamos a viagem às 6:40 horas, e às 7:50 encontramos numa praia o primeiro sinal de índios, que estiveram ali fazendo o mesmo que nós, procurando ovos de tracajá. Nessa praia pegamos três jabotis. Daí para a frente fomos sempre encontrando sinal da passagem dos índios, inclusive os campos queimados. Hoje apanhamos quase duzentos ovos, e encontramos patos e capivaras várias vezes, mas não pudemos caçar nada, pois os animais aqui já são bem ariscos. A viagem, hoje, rendeu pouco, em virtude dos travessões e cachoeiras, das quais a maior foi a do Caranã, que atinjimos mais ou menos às 9:30, e gastamos quase duas horas para atravessar. Perno-

tamos num acampamento de pesca dos índios, onde haviam armado quatro tapiris (pá-córó); armamos mais um grande, coberto de lona, e assim pudemos agasalhar todos. Calculo que estejamos a menos de dez quilômetros de distância da maloca de Lunarê. O Rocha, depois do jantar, ficou também se sentindo mal, creio que dos ovos de tracajá; à meia-noite levantei para dar-lhe uma dose de anacidol, e só assim ele pôde dormir.

03/11/59 — Terça-feira — Iniciamos viagem às 6:40 horas, e tivemos que parar a cada momento para arrastar as canoas por cima de pedras; o motor já quase não é mais usado. Mais ou menos às nove horas, o Rocha matou um pato com a 22, outro seguiu voando e pousando na nossa frente, e o Rocha atirando cada vez que nos aproximávamos, sem nunca conseguir acertá-lo, pois é muito difícil com a canoa em movimento. Às 9:30, encontramos duas canoas de índios amarradas na margem direita, mas os índios nem sombra; naturalmente, alertados pelos tiros, estavam escondidos no mato. Frei Protásio gritou várias vezes — iacunô — que quer dizer meu irmão — mas nenhum respondeu. Às 10:00 horas, ouvimos uma gritaria na frente e vimos vários índios na beira acenando para nós. Encostamos as canoas. Frei Protásio falou com os conhecidos: eram Lunarê, Apeíá e Bêe com as famílias, cachorros e tudo; fez as apresentações, demos-lhes balas piper e cigarros; eles nos deram canas e fizeram questão que comêssemos batatas doces, e, por causa do cozimento dessas batatas, ficamos parados mais de uma hora. Eles explicaram ao Frei que sabiam que ele vinha, então haviam descido o rio para caçar e pescar, para dar uma festa na maloca quando chegasse a expedição. Como nós tínhamos premência de tempo para fazer a pista, insistimos em continuar a viagem, embora eles quisessem que nós ficássemos mais dois dias ali com eles, e, em vista dessa resolução, Apeíá subiu conosco, naturalmente levando

suas duas mulheres. Eles usam uma pequena tanga escondendo o sexo, andam completamente pintados de urucu, e usam desenhos feitos com jenipapo. Na subida, ainda paramos para almoçar, e chegamos à maloca às 14:00 horas. Novas apresentações, novos pedidos de cigarros (eles fumam um atrás do outro), conversamos um pouco, depois seguimos para o campo, Apeíá e suas mulheres nos servindo de guia. O campo foi para nós uma desilusão, pois é muito pior que Campo Verde. Aqui vamos ter um trabalho para fazer uma pista, e receio que gastemos mais de uma semana para isso. Na volta do campo, tivemos novas conversas na maloca; os índios perguntaram se tínhamos terçados, enxadas, machados, mosquiteiros e outras coisas para dar a eles, e o Frei disse-lhes que tínhamos, mas que, para ganharem aquelas coisas, teriam que nos ajudar a fazer a pista. Apeíá concordou com o negócio e disse que ia mandar todo o pessoal trabalhar. Nós descemos o rio cerca de um quilômetro, e estabelecemos nosso acampamento no local mais próximo ao campo, perto de uma corredeirinha, onde, penso, poderemos futuramente estabelecer uma pequena hidrelétrica. Apeíá desceu novamente para o local onde nós o encontráramos, a fim de subir amanhã com todo o pessoal. À noite comecei novamente a passar mal do fígado; o Lupércio tirou o curativo das minhas costas e colocou um novo curativo. A cicatrização está boa, disse-me ele. A noite foi boa e amanhã será um novo dia.

04/11/59 — Quarta-feira — Estive quase toda a manhã no campo. O pessoal começou um pouco tarde a trabalhar, porque teve o serviço inicial de colocar cabos nas enxadas, enxadecos e machados. O local escolhido para pista é o melhor que se poderia encontrar na região, mas mesmo assim vamos ter que derrubar umas duzentas árvores e eliminar uns cinquenta morrotes de cupim e saúva, além do serviço de aplainamento. Cerca de 10:30 horas, reti-

rei-me para o acampamento, porque o fígado estava bem ruim, e logo depois disso os índios foram para o campo. Passei o resto do dia deitado e medicando-me; o Rocha e o Lupércio ficaram dirigindo o trabalho até às 18:00 horas.

A turma hoje trabalhou umas dez horas e os índios umas seis horas. Às 23:00 tive uma forte cólica hepática, supondo estar assim em consequência do regime de cinco dias, já, que estamos comendo carne de anta salgada com feijão. O jantar de hoje foi carne de anta (salgada) refogada e arroz; eu comi só um pouco de arroz com farinha. Os índios são respeitadores da propriedade alheia, não apanham nada que não se lhes dê e são loucos por farinha. Na hora do almoço, uma das mulheres de Apeia me pediu farinha (carimã) e eu lhe disse que não tinha, mas, logo em seguida, o Lupércio abriu a lata de farinha para se servir, e ela, mais que depressa, meteu a mão e tirou um punhado de farinha, e saiu resmungando zangada. O Lupércio tem a especialidade de fazer as coisas que não deve na hora mais inoportuna. Quando do nosso encontro com os índios, eu recomendara a todos cuidado com os cigarros, porque os índios são doidos por fumo e acabariam com eles. Pois o Lupércio foi pondo o pé em terra já com o maço de cigarros na mão e oferecendo para os índios; num abrir e fechar de olhos, o maço estava vazio. Com a farinha foi a mesma coisa; eu dizendo que não tinha farinha e ele logo abrindo a lata na cara da índia. Se de fato fôr criada aqui uma missão e uma linha do CAN, o Rocha se propõe a ensinar os índios a fazerem farinha e plantarem uma porção de coisas que eles não têm.

05/11/59 — Quinta-feira — O trabalho começou cedo, antes das 7:00 horas, e hoje os índios também começaram cedo. Eles querem tudo que temos; até o motor de pópa o Apeia perguntou se ia ficar para ele, e eu mandei Frei Protásio dizer-lhes

que trabalhassem na pista que teriam as coisas que desejam. Alguns trabalham bem, mas a maioria é do descanso; não têm noção do tempo e acham que, se fizerem o trabalho, não importa em que tempo, está bem. Hoje eu disse a Apeia que, quando a pista estiver pronta, o avião trará "carimã" e, portanto, quanto mais cedo ela ficar pronta, melhor para os Tiriôs; então ele convenceu o seu pessoal a trabalhar mais depressa. Às 15:00 apareceu o 6508 e nós escrevemos no chão a seguinte mensagem: PISTA OK DIA 10 TRAGA FARINHA AÇÚCAR LL □.

Quando o avião passou em vôo rasante na pista, os índios se espalharam, várias mulheres choraram, um índio se abraçou no Dudu e se escondia atrás dele, mas Apeia redobrou de esforços na enxada, para terminar a pista, e um outro índio, que aliás é o melhor deles, Mochó, continuou a trabalhar na pista como se nada houvesse. Quando o avião foi embora, Apeia perguntou-me se ele estava zangado, pois não tinha aterrado. Frei Protásio explicou a ele que nós estávamos escrevendo no chão a mensagem para o avião e, quando o avião tinha entendido, balançava a asa de lado; ele logo explicou, então, aos outros índios, que aquele balanço lateral era a fala do avião.

Esses índios Tiriôs andam vestidos só com uma tanga, têm o corpo inteiramente pintado de urucu e com desenhos feitos de jenipapo; nas ocasiões de festas, enfeitam-se com brincos, uma pena atravessada no nariz, coque de penas, amarelinhos abaixo do joelho, colares de miçangas.

06/11/59 — Sexta-feira — Cedo foi iniciado o trabalho na pista, com os índios ajudando. Infelizmente, eles trabalham pouco e mal; só estão mesmo trabalhando porque querem as coisas que trouxemos e que lhes disse que só daria se fizessem a pista. A chefia desta maloca é dividida pelos irmãos Apeia e Iunarê, mas há certa rivalidade entre eles; Apeia é mais ambicioso que o outro, e está

constantemente dizendo para nós que quando formos embora devemos dar tudo a ele, que então distribuirá pelos outros, mas não fala isso na frente do irmão; só quando ele não está presente. Iunarê diz-nos a mesma coisa. Cerca de 13:00 horas chegaram dois Tiriôs da aldeia do Paru de este, muito assustados, dizendo que um avião tinha jogado bombas na aldeia deles, que tinham incendiado tudo e matado um homem e uma mulher, depois havia descido lá e roubado mulheres Tiriôs. Apeia veio ao nosso acampamento alarmado perguntar se nós queríamos as mulheres deles, que já são poucas, e as mulheres que estavam trabalhando na pista foram todas para a aldeia, não voltando mais hoje. Frei Protásio acalmou-os da melhor maneira possível e prometeu que, quando o nosso avião viesse, ele iria a outra aldeia para apurar o que havia. À noite, os dois Tiriôs da outra aldeia vieram muito desconfiados ao nosso acampamento, junto com uma porção de outros índios daqui, e, depois de muitas horas de conversa, Frei Protásio chegou à seguinte conclusão: subiu o rio Maicuru um alemão, Manfred Rauchert, que se diz etnólogo e está no Brasil subvencionado pela Universidade de Bonn; na aldeia dos Aparai, ele de alguma maneira conseguiu uma índia com quem está vivendo maritalmente, e esse alemão chegou há dias na aldeia Tiriô. Para amedrontar os índios, contou-lhes uma porção de histórias de guerra, talvez os tenha ameaçado de mandar vir um avião jogar bombas na aldeia, e isso coincidiu com a vinda do nosso avião quinta-feira, que passou suficientemente próximo para o verem, e eles ficaram apavorados. Frei Protásio conta que já encontrou esse mesmo alemão há anos no Rio Trombêtas, e lá, ele fez a mesma coisa, a ponto de os índios abandonarem a maloca, deixando sós os dois civilizados (Frei Protásio e o alemão). A estada desse homem no Brasil é até perniciososa. Mas, enfim, conseguimos acalmar os índios, o Lupércio fez algumas mági-

cas e eles foram embora, prometendo que amanhã as mulheres virão trabalhar no campo outra vez.

07/11/59 — Sábado — O dia decorreu como os outros, o pessoal trabalhando na pista, os índios ajudando. Continuo passando mal do fígado e intestinos, muito aborrecido porque não posso estar trabalhando com o pessoal. Mais ou menos às 10:00 horas chegou correndo na pista um índio, dizendo que havia um bando de queixadas no igarapé que corre ao sul do campo. Lá se foi o Lupércio com eles, levando uma carabina, e só voltou às 13:00, cansado e com fome; só havia visto os rastros dos porcos. Aqui para cima não existe castanha, mas existe muito babaçu, de que aliás os índios fazem grande consumo. Eles cozinham o côco e depois o partem com uma pedra, para extrair as amêndos. Notei que os côcos possuem em média, três amêndos. Na parte da tarde, começou a romaria em nosso acampamento, trazendo utensílios para trocar com o Frei. O Lupércio também é grande comprador de arcos e flexas.

08/11/59 — Domingo — Esta última noite passei muito mal; o Rocha também se queixa que não dorme e diz que nunca tinha sofrido de insônia. Apesar do fígado, de manhã fui para a pista, medi-a duas vezes, está com 750 m, mas ainda existem muitos montículos de cupim para derrubar e aplainar, e uma restinga de mato em frente à cabeceira 20, a fim de que o avião fique com saída livre. Eram quase 11:00 horas quando apareceu um índio dizendo que vira os queixadas na beira do igarapé. Lá foi de novo o Lupércio correndo para o acampamento a apanhar a carabina. Hoje Frei Protásio foi também com o Lupércio e só voltaram às 17:30, cansados, esfomeados e sem o consólo de terem visto sequer um porco. A pista está praticamente pronta; o Rocha vai continuar amanhã com o pessoal para melhorá-la.

09/11/59 — Segunda-feira — O dia decorreu sem alteração, com acréscimo de intercâmbio entre os índios e Frei Protásio e o Lupércio. Eu troquei um punhado de sal por uma garrafa de mel, e outro punhado de sal por um enfeite de contas, penas e asas de barata, que é usado sobre os quadris. Os índios continuam sempre a perguntar, perguntam sobre tudo, numa ânsia de aprender nossa língua o mais depressa possível. Hoje já comecei a melhorar, graças aos medicamentos que o Lupércio me está dando. Passamos o dia todo trabalhando na pista, e amanhã o avião poderá aterrar em perfeita forma.

10/11/59 — Terça-feira — Hoje descobri que por aqui existe a palmeira xaxim, de cujo caule se fazem vasos para plantas, que em São Paulo e no Rio custam tão caro. A água do rio está baixando cada vez mais, e em frente ao nosso acampamento já se pode atravessá-lo com água pelo joelho. A carne de anta está terminando, e quem fez o almoço hoje fui eu, a fim de que o Vivi fôsse também trabalhar na pista, pois ele tem as mãos mais habituadas à enxada do que eu. O picadinho de carne de anta foi grandemente elogiado, não sei se porque estava realmente bom ou porque era eu o cozinheiro.

11/11/59 — Quarta-feira — O dia amanheceu sombrio e triste; esfriou bastante durante a noite. Os homens começaram a cortar palhas de babaçu e paus, para construir um abrigo na margem da pista. Os trabalhos de limpeza da pista continuam. Mochó e Bêe estão derrubando as árvores mais altas em frente ao eixo da pista, do lado do rio. À tarde apareceu um bando de macacos cuxiu, e os índios vieram buscar Frei Protásio, que abateu um dos macacos. A morte do bicho foi saudada pelos índios com grande alegria. O avião continua sendo esperado, e hoje pela manhã terminou o açúcar; a carne de anta também terminou. En-

comendamos a Apeia canas e jabotis, e ele nos prometeu trazer amanhã, bem como uma garrafa de mel.

12/11/59 — Quinta-feira — O dia amanheceu sombrio e chuvoso. A temperatura está bem baixa. O café da manhã já foi feito com caldo de cana; aqui não iremos passar necessidade de açúcar, como passamos oito dias lá no primeiro campo, pois os índios têm bastante cana e nós o dinheiro para comprá-la (o dinheiro é sal). Ontem à noite os índios fizeram a festa em homenagem aos "craioás"; a festa durou até depois da meia-noite, com grande consumo de "cachiri", bebida feita com mandioca fermentada. Não comparei à festa, pois estou muito enfraquecido. Ainda hoje o avião não compareceu ao encontro.

13/11/59 — Sexta-feira — Hoje também amanheceu chovendo. Logo cedo mandei que o Raimundo saísse à procura de caça, pois comemos os jabotis comprados a Apeia. Às 11:00 horas chegou o avião; depois de passar baixo sobre a pista, para examiná-la, aterrou. Na pilotagem, o Cel Camarão. No comando, o Brig Armando; sua vinda foi para nós uma grata surpresa, pois é uma prova inequívoca da atenção dada por ele ao trabalho de seus subordinados.

Aproveitei a presença do Brigadeiro e pedi-lhe para fazer a distribuição de tangas e ferramentas aos índios. O Brigadeiro visitou a maloca, comeu do nosso feijão com farinha e às 14:00 horas decolamos com destino a Santarém, onde pernoitamos.

Amanhã chegaremos a Belém, e estará terminada a nossa missão de desbravamento e integração ao Pará de um enorme território desconhecido e despovoado.

Se futuramente fôr construída uma estrada ligando os campos gerais do Paru a Oriximiná, acredito que aqueles campos, cerca de 40 000 km², se transformarão no maior celeiro de carne no norte do Brasil.



O VÔO QUE

Todos sabem como é.

Na caça, não se vôa muito. É um voo trabalhado, puxado, mas não se vôa muito.

Portanto, até aquela "experiência" a ser voada no sábado, à tarde, é muito "piruada"... Ninguém vai deixar passar a "chance" de "botar uns minutos na "caixinha"...

E assim era êle! Gostava do voo, pelo voo. Gostava da Caça, pela Caça. Teve lá as suas "chances", e talvez pensasse que "um dia, quando as barbas atrapalhassem..." pudesse passar a voar um C 47 ou um C 54... Quem sabe? Teve lá as suas "chances", mas voltou... e era talvez o mais voado em caça na FAB... e era certamente um grande caçador... e era um grande líder! Fêz escola...

Mascarado? Não sei, não. Tudo o que dizia que podia, ou que aparentava que podia fazer, fazia mesmo! E bem!

Afinal, a gente gostava dêle, até mesmo sem saber. E chegava a parecer, às vezes, muito ao contrário, que não! Mas parecia só.

É que éramos — como todo e qualquer outro caçador, bom ou mau, "novinho" ou veterano espinha doendo — éramos rivais! Nunca, na mente de um caçador de fato, a idéia de que alguém é "mais" tem guarita! Admite-se que alguém pode ter tido sorte alguma vez... ou o nosso avião não ajudou muito. Mas que alguém seja "mais", isso nunca! Talvez se esteja um pouco fora de forma no momento... e o outro está em ponto de bala; mas, melhor, não mesmo!

E assim é, e assim foi, e assim será. Não é virtude nem erro! Só que a caça é assim. E foi assim que ela sobreviveu no Brasil através de tantos anos, meio intocada, "raspando" às vezes, mas sempre "a caça"!

NENHUM PILOTO DE CAÇA QUERIA FAZER!

O' DE ALMEIDA — Maj Av

E foi mais ou menos assim que ele viveu. De um ESPC "pau puro", onde sobrava uns poucos, lá estava ele...

E naquele tempo se arrancava carenagem de T6... F47, F40, TF7 e F8 foram desfilando! Ele foi "Soldado da Rainha"; foi buscar os F8 na Inglaterra. Uma interrupção na Caça daqui para um curso de instrutor de instrumento em T33, outra interrupção para a ECEMAR, mas lá estava ele de volta. Deu instrução a muitos ou a quase todos os bambas de hoje. Do Comando do 1/4º veio para o 1º GpAvCa. E foi discutido, e foi elogiado, e foi marretado!

E, tristemente, foi preciso aquilo tudo para que muitos vissem que falta ele faria... e que falta vai fazer. Na caça, em casa e na FAB também!

Marcos Miguel, com a espada e o quepe, teve direito de ficar abafado! Era a espada e o quepe de seu pai, mas de um grande Oficial também, que não era ele só que perdia... Nós somos egoístas, Marcos Miguel! Nós pensamos no que a FAB perdeu! Você, ele preparou bem para isso tudo! Você é homem da mesma tempera.

Eu chorei. Vi muita gente boa chorar.

Ela não chorou, simplesmente porque ele não queria.

E na Caça chora-se pouco, mesmo.

Mas dessa vez...

Por isso, por compreender tudo isso, é que houve um vôo que ninguém queria fazer... E era vôo "mole"!

Era sobrevoar a Cripta dos Aviadores, em continência ao Comandante do Grupo!

Era entregar à Cripta um grande caçador: o Tenente-Coronel-Aviador BERTHIER FIGUEIREDO PRATES.

Aniversário de Santos Dumont

Entrega de Medalhas

Em homenagem ao aniversário de nascimento de Alberto Santos Dumont, realizou-se no Quartel-General da 3.^a Zona Aérea, a entrega de medalhas do "Mérito Santos Dumont" a diversos militares e civis. A solenidade, que se revestiu de simplicidade, contou com a presença do Maj Brig Armando Perdigão que representou o Ministro Nelson Wanderley, do Maj Brig João Adil Oliveira, Cmt da Zona Aérea, e outros brigadeiros sediados na Guanabara. O Comandante da 3.^a Zona Aérea, na ocasião, fez ler a seguinte Ordem do Dia: "Comemoramos, hoje, mais um aniversário do nascimento de Alberto Santos Dumont. Em todas as unidades do Ministério da Aeronáutica e, ainda, onde exista a presença de um único avião, haverá de ser esta data comemorada com dever de justiça e preito de gratidão ao intímido pioneiro. Essas comemorações, que têm como ponto saliente a entrega de medalhas do "Mérito Santos Dumont", ao mesmo tempo em que traduzem o reconhecimento da Aeronáutica a todos quantos concorreram para o culto carinhoso da memória do genial brasileiro, encerram, também, o reconhecimento nacional àquele que desvendou os caminhos do espaço, para aproximação dos povos. Não vai longe o tempo em que, na Europa, Santos Dumont realizou um antigo sonho da humanidade, inventando a dirigibilidade dos balões e realizando o

vôo do mais pesado que o ar, glorificando o nome de sua Pátria de que jamais se esquecera. A proeza do brasileiro ilustre foi toda estudo, constância, coragem e desprendimento a serviço de um ideal. Exaltamos a obra pelo que representa para o mundo, e enalteçamos o homem pelas qualidades que lhe ornamentaram a personalidade. Genial pela criação, inextinguível na perseverança, destemido ante os riscos, humilde no êxito, simples na opulência, atento ante a visão do futuro, Santos Dumont foi o verdadeiro Pai da Aviação, a qual fez crescer e desenvolver. No aniversário do seu nascimento, difícil é separar a criação do criador. O seu esforço representou uma vitória de inteligência, não apenas de um homem, mas da humanidade. Nada mais oportuno, pois, nesta data comemorativa, que evoquemos o vulto de Santos Dumont, para nele buscarmos o exemplo e o estímulo que nos permitem conduzir a Pátria aos seus elevados desígnios".

MÃE DOS AVIADORES CONDECORADA

Na solenidade do QG da 3.^a Zona Aérea, foi condecorada com a medalha do Mérito Santos Dumont, a senhora Aurora Icassatti Cardoso, que foi alvo de significativas homenagens pela Força Aérea Brasileira. É ela mãe de seis aviadores, sendo que dois deles Arcênio e Arlindo Cardoso, pilotos civis, já falecidos. Dona Aurora, que conta

atualmente 72 anos de idade, há 10 anos, recebeu, do então presidente Getúlio Vargas, o título de "Mãe dos Aviadores". Agora, foi agraciada, recebendo a comenda das mãos do Maj Brig Armando Perdigão, representante do Ministro Nelson Wanderley. Um dos membros da junta interna do Sindicato dos Aeronautas, comandante Palladio Tupinambá, na ocasião, ofereceu à "Mãe dos Aviadores" uma linda braceda de flores. Dona Aurora fez-se acompanhar de toda a sua família, além de seus quatro filhos aviadores, Major Heitor Cardoso, Capitão Aral Cardoso e dos comandantes da Varig Elpidio Cardoso e Esaú Cardoso.

OUTROS AGRACIADOS

Além da Senhora AURORA ICASSATTI CARDOSO, foram agraciados vários militares, inclusive oficiais do Exército e da Marinha, bem como suboficiais, sargentos e civis da Aeronáutica. Registramos com prazer o recebimento da medalha de bronze conferida ao Sr. JOAQUIM DIAS CORRÊA, funcionário da ECEMAR e nosso companheiro de REDAÇÃO.

Foi um gesto feliz de reconhecimento dos assinalados serviços prestados à Aeronáutica pelo Sr. Joaquim Dias Corrêa que há vários anos tem dedicado o melhor de seus esforços nas funções desempenhadas em distintas organizações do nosso Ministério. Desta *Revista* foi ele um de seus fundadores, e a boa apresentação deste órgão se deve em grande parte à capacidade de trabalho e ao entusiasmo desse competente auxiliar.

Parecerá estranho que um advogado, sem os necessários conhecimentos técnicos, venha escrever sobre assunto que foge, completamente, à rotina da profissão.

Tal, porém, não é o que se passa com o articulista, pois, apaixonado da aviação, foi advogado da Fábrica do Galeão no período áureo daquele estabelecimento, quando o idealismo e o entusiasmo dos que ali mourejavam davam, verdadeiramente, asas para o Brasil.

No escritório do advogado, nasceram as sementes ali plantadas do Geima, da Iasa (tão necessária e tão combatida pelos retrógrados), o "forum" de debates que possibilitou a criação do Geima, e, mesmo, o movimento de reabertura da Fábrica do Galeão, após a experiência malograda da Fokker.

Não lhe faltam, pois, conhecimentos gerais do problema da indústria aeronáutica, e, se enganos e erros possa conter o presente artigo, relevem-nos os leitores, por isso que a única intenção que o leva a aparecer em tão nobre Revista é o desejo sincero de o Brasil vir a ter, realmente, uma indústria aeronáutica.

Noticiou a imprensa, no princípio deste ano, que o Ministério da Aeronáutica firmara contrato com a Construtora NEIVA, para a fabricação de aviões Regente e de um Treinador Universal. O Regente foi homologado em fins de 1963 pelo Centro Técnico de Aeronáutica e o Treinador Primário Universal... ainda está sendo desenvolvido.

O artigo "NACIONALIZA-SE A AERONÁUTICA", de autoria do Tenente-Coronel-Aviador Engenheiro, George Soares de Moraes, Diretor do Instituto de Pesquisas e Desenvolvimento do Centro Técnico de Aeronáutica, publicado na **Revista de Aeronáutica**, ANO-6-N.º 24, Janeiro e Fevereiro de 1964, fls. 15 e seguintes, projeta alguma luz sobre aquela encomenda.

Diz o eminente articulista a fls. 16:

ASAS SATURNAIS

JOSÉ TEÓFILO VIANNA CLEMENTINO (*)

"Agora já se acha encomendado pelo I.P.D. o desenvolvimento do Treinador Universal que substituirá o T-11, o T-12, o T-19 e o T-6. Até o fim de 1964, o protótipo deve estar pronto. Os ensaios e provas serão feitos simultaneamente pelo Instituto de Pesquisas e Desenvolvimento, de modo que, ao terminar o projeto, já estará também pronta a aceitação. Se tudo correr como planejado, poderemos ter, já em 1965, os primeiros Treinadores em serviço".

Ficamos, assim, informados de que o avião, dito Treinador Universal, encomendado à Sociedade NEIVA Ltda. pelo Ministério da Aeronáutica... ainda não existe. Está em estágio de projeto e desenvolvimento, MAS JÁ TEM GARANTIDA UMA ENCOMENDA DE CEM (100) UNIDADES!... conforme noticiado nos jornais.

Quanto aos tipos T-11 e T-12, devem ser o T-21 e o T-22 (Fokker S-11 e S-12), aviões de treinamento primário, em serviço na Escola de Aeronáutica.

O Treinador Universal da Construtora NEIVA Ltda. deverá, assim, substituir os aviões de treinamento primário e de treinamento avançado em serviço naquela Escola, aviões, seja dito de passagem, todos eles de categoria internacional, a saber: os Fokker S-11 e S-12, o Fairchild T-19 e o North-American T-6.

Assinalemos, também, que a Construtora NEIVA se lança num domínio onde a sua experiência é muito pequena, pois não é tarefa simples competir com um produto, por exemplo, da "NORTH AMERICAN AVIATION", fábrica norte-americana já consagrada e de longa experiência.

Cumpra ainda salientar que tanto a Força Aérea Brasileira, como as suas predecessoras, as antigas aviações Militar e Naval, sempre usaram aviões de

treinamento de categoria internacional, salvo pequenas tentativas isoladas que não foram adiante.

Não é, por conseguinte, a mesma coisa que fornecer aviões para aeroclubes como vinha, até então, fazendo aquela empresa construtora. Existe uma tradição firmada em longos anos de serviço, e certamente, a Força Aérea Brasileira não vai querer abrir mão de padrões a que está, com justa razão, acostumada, padrões esses já sancionados pela longa e penosa experiência.

Após a leitura e meditação daquele artigo, várias perguntas assaltam o espírito daqueles que sonham com uma indústria aeronáutica no País.

1.º — Quais são as especificações do avião Treinador Universal?

2.º — Foram elas, estabelecidas pelo Estado-Maior da Aeronáutica?

3.º — Se o foram, porque não foram tornadas públicas, para conhecimento de todos os possíveis interessados?

4.º — Se não o foram, quem as estabeleceu?

5.º — Por que não se fez concorrência pública, estabelecendo-se, primeiro, um concurso de projetos para o Treinador Universal?

6.º — Como foi selecionado o projeto do Treinador Universal da Construtora NEIVA Ltda.?

7.º — Quem pode garantir que o projeto daquela empresa é o melhor — se não foram dadas possibilidades aos possíveis concorrentes de concorrerem?

8.º — Por que eliminar, "a priori", o concurso de projetos, se a prática democrática e correta que se vê todos os dias indica, exatamente, o contrário?

* Oficial da Reserva do Exército, Industrial, Ex-advogado da Fábrica do Galeão no período de 1959 a 1961 e Procurador da Justiça do Trabalho.

Não é o que se vê nos mais variados setores de atividade? Vale citar: concursos para projeto de monumentos; concursos de cartazes; concursos de decoração para o Teatro Municipal no carnaval; concurso para insígnias para aviões comerciais (VARIG); concurso para peças Teatrais.

Se, por acaso, as especificações do Treinador Universal não foram estabelecidas pelo Estado-Maior da Aeronáutica, chegar-se-á à dolorosa conclusão de que está encomendado para a FAB, para a formação dos seus oficiais-aviadores, um avião que aquele Órgão NÃO SABE o que é!

9.º) — Qual a ordem de grandeza do preço de tal avião?

Por certo tentar-se-á explicar que a Sociedade Construtora NEIVA Ltda. é a única fábrica de aviões existentes no País e, sendo a única fonte de produção, a ela foi dada a encomenda.

O argumento não procede.

Dado o vulto, certamente grande, da encomenda e, considerando-se os recursos já existentes no País, outros concorrentes teriam aparecido se lhes tivesse sido dada a oportunidade.

Além de já existirem outras instalações industriais perfeitamente capazes de competir, todos os recursos de engenharia, mão-de-obra especializada, matérias-primas, produtos manufaturados ou semimanufaturados, ferramental, máquinas operatrizes e equipamentos necessários à construção de aeronaves da classe cogitada — já se encontram no País. Os demais concorrentes só teriam que importar o que a Sociedade NEIVA terá de importar, também.

Dai porque a exclusividade concedida àquela empresa se nos afigura de todo inaceitável.

Procedendo, como procedeu, coloca-se o Ministério da Aeronáutica no seguinte círculo vicioso: encomenda aeronaves à NEIVA porque é a única fonte de produção; como é a única

que recebe encomenda, é a única firma que pode produzir aviões e manter um escritório de projetos; como só ela poderá arcar com as despesas de escritório, será a única a apresentar novos projetos de aeronaves; e como é a única que poderá apresentar projetos, será a única a receber encomendas.

As nações adultas do mundo ocidental que possuem indústrias aeronáuticas bastante experimentadas e solidamente estabelecidas não abrem mão da concorrência neste setor, salvo em raríssimos casos, mas nunca no do Treinador Universal.

Temos em mãos o número da revista "TIME", de 12 de junho último. A fls. 15 deparamos com o artigo intitulado: "ARMED FORCES — A HOT COIN" — onde se vê o procedimento seguido para obtenção de um avião que o Gabinete do Secretário da Defesa dos Estados Unidos da América do Norte, Sr. Robert Mac Namara, julgou ser necessário para a campanha do Viet-Nam do Sul.

Verifica-se ali, que a Marinha (Navy) foi incumbida do desenvolvimento administrativo do projeto. A Marinha estabeleceu as especificações para o referido avião. Nove (9) fabricantes apresentaram seus projetos. Fotos de três (3) aeronaves propostas ilustram o artigo: Convair, Lockheed e Martin. Ao estabelecer as especificações, a própria Marinha manifestou o desejo de que tal avião não custasse mais de US\$100.000, estando as estimativas dos fabricantes acima de US\$ 200.000. Espera-se que tal avião, depois de selecionado o fabricante, venha a consumir cinco (5) anos até que se torne operacional. O projeto completo deverá retornar ao Sr. Mac Namara PARA A DECISÃO.

Na França, a responsabilidade de criação de um novo projeto de aeronave é dos escritórios de projetos (Bureaux d'Etudes) dos construtores, que agrupavam em 1957 cerca de 5 500 pessoas para as células e motores.

A produção em si mesma comporta, em princípio, as seguintes fases sucessivas:

- a) Estudo do Projeto
- b) Construção e ensaio do protótipo
- c) Pré-série
- d) Série

A entrada em produção resulta de um programa de construção, e o estudo do novo projeto se apóia na pesquisa científica.

Um programa de construção pode ser estabelecido seja para atender a uma necessidade militar, seja para satisfazer a uma demanda do setor civil. No que se refere aos materiais militares, as necessidades são definidas em França, pelo Estado-Maior Geral das Forças Armadas (Ar ou Marinha) e os programas são estabelecidos pela Direção Técnica e Industrial (D.T.I.) que é incumbida de submetê-los aos construtores e de controlar a sua realização.

Quanto aos materiais civis, as necessidades são definidas pelo Secretariado Geral da Aviação Civil e Comercial, dentro do Ministério das Obras Públicas, dos Transportes e do Turismo, mas é igualmente a D.T.I. que se encarrega de transmitir os programas civis aos construtores e que se responsabiliza pela sua execução.

Nos dois casos, os projetos submetidos pelos escritórios de projeto dos construtores (Bureaux d'Etudes) são examinados pelos Serviços do Estado que retêm os mais promissores. São eles, então, objetos de encomendas de construção de protótipos que serão enviados ao Centro Nacional de Ensaios em Vão de Brétigny.

O protótipo, cujos ensaios se revelarem os mais satisfatórios, é então encomendado em série. Pode igualmente acontecer que vários protótipos dêem lugar a encomendas de pré-séries de 3 a 15 aparelhos, os quais serão rapidamente construídos, a fim de que uma decisão definitiva possa ser tomada com melhor conhecimento de causa, após uma experimentação que po-

derá permitir a introdução de certas modificações nos aparelhos de série.

Estes dois exemplos de duas nações adultas, possuidoras de indústria aeronáutica com larga experiência e sólidamente estabelecida, demonstram que em ambas o procedimento, em linhas gerais, é o mesmo:

- 1 — Um órgão de cúpula define a necessidade de criação de determinada aeronave;
- 2 — Um órgão especializado define as especificações;
- 3 — As especificações são transmitidas aos Escritórios de Projetos dos Construtores (Bureaux d'Etudes);
- 4 — Os escritórios apresentam seus projetos;
- 5 — São, os mais promissores, selecionados;
- 6 — Sobrevêm, em seguida, as encomendas de protótipos;
- 7 — Estes, selecionados e construídos, são submetidos a ensaios nos Centros de Ensaios em Voo;
- 8 — Apurado o melhor, é feita a encomenda pré-série.
- 9 — Da pré-série passa-se então à encomenda da série.

No caso particular do avião Treinador Universal, o que se fez foi queimar as etapas, concedendo-se uma exclusividade injustificável à Sociedade Construtora NEIVA Ltda.

Que aconteceria nos países do mundo ocidental que possuem indústrias aeronáuticas capazes e maduras, onde existem escritórios de projetos e projetos de aeronaves se se concedessem, "a priori" e sem maiores exames, exclusividades como aquelas concedidas à Construtora NEIVA?

Os escritórios de projetos são organizações caras, por mais modestos que sejam, e só podem surgir e manter-se se o Estado lhes proporcionar trabalho.

Como irão surgir e florescer entre nós, se o Estado já começa excluindo a concorrência e concedendo exclusividade a determinada organização?

É nos escritórios de projeto que os engenheiros de Aeronáutica podem criar aeronaves e exercer atividade criadora. Com o procedimento adotado no caso do Treinador Universal, só a Construtora NEIVA tem recursos para custear a despesa de um escritório de projeto de aeronaves. Em outras palavras, só poderão projetar aeronaves os engenheiros empregados da Sociedade Construtora NEIVA Ltda. Os colegas destes engenheiros, diplomados pela mesma escola, o Instituto Tecnológico de Aeronáutica e que não pertençam àquela empresa, não têm como projetar, pois tal atividade requer meses de trabalho e despesas de vulto, as quais não estão ao alcance deles.

Não havendo concorrência, é impossível estimular a qualidade.

O Contrôlo dos preços torna-se bem mais difícil pela falta de competição.

Os prazos de execução ficam à mercê do único produtor contemplado.

Novas organizações, que poderiam surgir pela concorrência, são desencorajadas pelo próprio Estado.

Admitimos e mesmo queremos que o avião Treinador Universal seja brasileiro, de projeto brasileiro, mas que seja o melhor que a engenharia aeronáutica brasileira possa produzir.

Não ficaremos aborrecidos se a Sociedade Construtora NEIVA Ltda. vencer todos os concursos de projetos, mas que concorra e vença democraticamente.

Queremos que o avião Treinador Universal vencedor seja de fato o melhor, de tal modo que, se apresentar defeitos ou insuficiências, possamos dizer mais tarde: pelo menos, com os re-

ursos disponíveis, foi o que se pôde fazer; melhoraremos no futuro, com a experiência adquirida.

Um avião simples, partindo-se do projeto vencedor ou dos selecionados, pode facilmente demorar um ano ou mais para tornar-se realidade.

Os ensaios em voo, os ensaios estruturais, os ensaios em serviço poderão consumir vários meses.

A construção da série, a feitura dos contratos, sua elaboração, o preenchimento das formalidades legais — também exigirão tempo apreciável.

Mesmo que várias fases venham a ser abreviadas ou venham a justapor-se, ainda assim não será exagerado prever três (3) anos como prazo razoável para que o avião se torne operacional.

Daí porque no artigo do Cel GEORGE MORAIS, a previsão do Treinador Universal para 1965 nos parece muito otimista. Só mesmo impedindo a livre concorrência e eliminando a experimentação...

Qualquer leigo pode perceber que, nas nações desenvolvidas, a criação de uma nova aeronave não é tarefa das mais rápidas. O simples cumprimento das diferentes etapas já enumeradas revela que alguns anos serão decorridos antes que tal avião se torne operacional. Não serão cinco anos, como no caso de aviões de combate ou de aparelhos correspondendo a novas necessidades.

Dir-se-á que, em se tratando de um avião de treinamento, a tarefa é mais fácil. Não discutiremos, todavia; o que se propõe é fazer um avião que substitua vários aparelhos de finalidades diversas, o que já complica as cousas.

Ainda mais:

- A) O estabelecimento de especificações já por si é tarefa demorada.

(Conclui na página 54)



marque aqui o seu encontro em

PORTUGAL

Rua Bittencourt da Silva, loja 12-C
(Edifício Avenida Central)

...E PARTICIPE DO

VÔO DA AMIZADE

RIO-LISBOA

TAP-PANAIR

Reserve agora com maior comodidade, a sua passagem para Portugal. TAP TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES, ampliando os seus serviços para melhor atendimento ao "Vôo da Amizade" coloca à disposição sua agência de passagens nesta cidade, bem no centro e aguarda a sua visita com a tradicional fidalguia portuguesa.

TARIFA ESPECIAL

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

RIO: R. Bittencourt da Silva, loja 12-C (Ed. Av. Central)
TELS. 32-8315 e 32-0477

S. PAULO: R. S. Luiz, esq. Pça. Dom José Gaspar (Centro Metropolitano de Compras) tel: 36-3154

Lisboa: Rua Conde Redondo, 79

MAP

Um Estudo Sobre Contratos

ALCYR LINTZ GERALDO — *Maj. Int*

INTRODUÇÃO

É fato incontestável que o homem isolado é incapaz de prover todas as suas necessidades, não só por falta de aptidão, como também por falta de tempo para produzir tudo o de que precisa. E se isto já era certo no passado, mais que nunca o é nos dias atuais, em que a civilização criou inúmeras necessidades desconhecidas no pretérito. Este estado de coisas determinou o intercâmbio de produtos da inteligência e da habilidade humanas, supérfluos a uns e precisos a outros. Começaram os homens, assim, a compor os seus interesses, a contratar.

Tornando-se cada vez mais complexas as relações humanas, o contrato nelas foi penetrando para disciplinar seus aspectos econômicos. Aqui, ele aparece nas nuances patrimoniais do Direito de Família; ali, ei-lo prevenindo riscos e estabelecendo providências; lá, os contratos comerciais ajudam a intermediação das riquezas; acolá, determinam a participação de uns nas atividades de outros.

Do estudo das relações determinadas por essa atividade, surgiram princípios doutrinários que constituem um dos mais importantes capítulos do Direito Civil.

O Estado, também, carece de muitos bens e serviços para atender às suas finalidades, e, na condição de pessoa jurídica, também contrata para obtê-lo. Embora o Direito Administrativo regule sua atividade nesse "desideratum", impossível falar em contrato sem se recorrer aos subsídios do Direito Civil, o grande colaborador da doutrina contratual, como vimos acima. Aliás, o próprio Regulamento Geral de Contabilidade Pública assim o manda, em seus artigos 766 e 767, alínea "h".

Por isso, aqui nos propomos a estudar alguns aspectos da doutrina dos contratos, já que a Administração Militar, componente que é da Administração Pública, vale dizer do Estado, tem necessidade frequente de fazê-los.

CONCEITO. NATUREZA JURÍDICA

CONTRATO é o meio que a ordem jurídica deixa à disposição dos particulares para que eles, conformando-se com a lei, criem relações obrigacionais e obtenham serviços ou omissões vantajosas. É o acôrdo de vontades pelo qual se cria, se modifica ou se extingue um vínculo jurídico.

O contrato é a principal fonte de obrigações. É o negócio jurídico, por excelência. É espécie do gênero *fato jurídico* — todo acontecimento a que a lei empresta consequências. Quando este fato depende da participação humana voluntária, temos o ato jurídico que se torna negócio jurídico, se a vontade humana é formalizada numa declaração.

Daí se deduz que o mútuo consenso é elemento fundamental dos contratos. Consiste em declarações de vontade, coincidentes no fundo e na forma, emitidas pelas pessoas contratantes que recebem o nome de *partes*.

BASES DOUTRINÁRIAS DO CONTRATO

Assenta-se a moderna doutrina contratual nos seguintes princípios:

AUTONOMIA DA VONTADE — Poder conferido à vontade humana de criar direitos e obrigações, com intervenção apenas supletiva da lei, observados os bons costumes e a ordem pública. Podem as pessoas combinar

o que quiserem, da maneira que melhor entenderem e sob a forma que melhor lhes aprouver. Os princípios legais apenas suprem as vontades declaradas, mas são obrigatórios nos aspectos em que as partes deviam regular e não o fizeram.

Isto é a consagração do individualismo jurídico; entretanto, as desigualdades econômicas conseqüentes ao Capitalismo fizeram eco no campo contratual. Hipertrofiou-se a vontade do economicamente mais forte. O Estado, então, interveio, abalando e restringindo a extensão da autonomia da vontade, para restabelecer o equilíbrio ou, quando nada, para diminuir a predominância de uma vontade.

CONSENSUALISMO — Basta o consentimento das partes, o acôrdo de vontades, para se formar o contrato, muito embora alguns demandem alguma solenidade ou alguma providência complementar para se considerarem perfeitos e acabados.

FORÇA OBRIGATORIA — O que se contrata é lei entre as partes que ficam absolutamente obrigadas a cumpri-lo, e ninguém pode mudá-lo, pois, se isto fôsse possível, estaria comprometido o princípio da autonomia da vontade.

Ao contacto com a realidade social e sob as profundas alterações determinadas sobretudo pelos conflitos que ensanguentaram a Terra neste século, abrandou-se esta força obrigatória. Foi ressuscitado o velho princípio do direito canônico da *Condição Resolutiva Tácita* dos contratos (*Clausula rebus sio stantibus*), cuja execução não era imediata ou se prolongava pelo tempo. A força obrigatória desses contratos filiava-se à continuação da ambiência econômica do momento em que foram formados. Vestiu-se aquela cláusula canônica com novas roupagens.

gens e deu-se-lhe o nome de **TEORIA DA IMPREVISÃO**, admitindo-se a quebra da força obrigatória do contrato ou a sua atenuação, se houvesse modificações imprevistas no momento de sua lavratura, de tal vulto que fizesse ser impossível ou extremamente prejudicial a uma das partes a execução do contrato.

PRESSUPOSTOS E REQUISITOS

Todo contrato pressupõe capacidade das partes, licitude do objeto e requer prescrição ou não-proibição da forma em lei e consentimento das partes.

CAPACIDADE DAS PARTES — Juridicamente falando, todo ser humano é pessoa. “**PESSOA** — diz Clóvis Beviláqua (Cod. Civ. Com., 1.º vol., 12.ª ed., 1959. Liv. Francisco Alves, pág. 138) — é o ser a que se atribuem direitos e obrigações e **PERSONALIDADE** (idem) é a aptidão reconhecida pela ordem jurídica a alguém para exercer direitos e contrair obrigações”. Começando a personalidade com o nascimento com vida (embora a lei assegure os direitos do nascituro desde sua concepção: *conceptus pro iam natus habetur*), todavia os poderes nela contidos não podem ser exercidos in totum ou em parte por algumas pessoas a que a lei os restringe, por motivos de ordem física ou jurídica. Tais pessoas são os incapazes, absoluta ou relativamente, e o Código Civil, em seus artigos 5.º e 6.º, define-os taxativamente. Portanto, os incluídos nesses artigos são civilmente incapazes; logo lhes é vedado contratar, a não ser por intermédio de seus representantes legais ou por eles assistidos, conforme fôr absoluta ou relativa a incapacidade. Se assim não o fizerem, o contrato será nulo ou anulável (Código Civil, artigos 145, inciso I, e 147, inciso I).

LICITUDE DO OBJETO — O contrato é ato gerador de obrigações. **OBLIGATIONES AUT EX CONTRACTU NASCUNTUR**

TUR... já dizia o velho GAIO, jurista romano, no **DIGESTO** (D. 44, 7, fr. 1). “As obrigações têm por objeto um ato humano, a prestação, que consiste em prestar um fato ou dar alguma coisa. O objeto das obrigações assumidas no contrato há que ser possível, física e juridicamente.

Não se pode fazer um contrato cujo objeto seja a ida de alguém a Marte ou à Lua, porque é fisicamente impossível. Pela mesma razão, quem não é pintor não pode contratar a confecção de painéis decorativos em um palácio.

Juridicamente impossível é o objeto desconforme ao direito e aos bons costumes. Não se pode fazer um contrato cujo objeto seja a hipoteca de coisas consumíveis ou a herança de pessoa viva. Tal não é conforme ao Direito. Impossível, também, seria o contrato cujo objeto fôsse o tráfico de escravas brancas, porque ilícito.

PRESCRIÇÃO OU NÃO-PROIBIÇÃO DA FORMA EM LEI — Vigora no Direito Moderno o princípio da liberdade de forma dos contratos, isto é, não há normas fixas obrigando os contratantes a aterem-se a determinada forma. Como há conveniência para as partes em que o que estabeleceram seja gravado de forma indelével e inalterável, geralmente se escreve o convencionado num documento que recebe o nome de *instrumento do contrato*. Em casos especiais, a lei determina taxativamente o uso de determinada forma ou de certas solenidades. “A exigência prende-se à conveniência de resguardar a declaração de vontade dos defeitos que possam conspurcá-la, de facilitar a prova do ato ou de lhe dar maior publicidade”, ensina ORLANDO GOMES em sua **INTRODUÇÃO AO DIREITO CIVIL** (Ed. Forense — 1957 — pág. 291, número 196). Nesses casos, usa-se o instrumento público ou o particular, punindo a lei com a nulidade à desobediência de tal

forma e incorporando-se o instrumento público à substância do ato, quando obrigatório.

INSTRUMENTO PÚBLICO OU ESCRITURA PÚBLICA — define CLÓVIS BEVILÁQUA (Direito das Obrigações — 8.ª Ed. 1954, Liv. Francisco Alves, pág. 151) “Denomina-se o que é lavrado por oficial público em território sobre o qual se estenda a sua competência e segundo as formas que a lei prescreve ou não proíbe”. Pelo Código Civil, artigo 134, modificado pela Lei 1.768 de 18 de dezembro de 1952, a escritura pública é da substância do ato nos pactos antinupciais, nas adoções, nos contratos constitutivos ou translativos de direitos reais sobre imóveis de valor superior a Cr\$ 10.000,00. (Assim a compra e venda de um prédio por Cr\$ 20.000,00 só pode ser feita por escritura pública)

INSTRUMENTO PARTICULAR é o que é feito e assinado ou simplesmente assinado por quem esteja na livre disposição de seus bens e subscrito, para prova de sua validade, por duas testemunhas.

O contrato feito por instrumento público é lançado pelo tabelião em livro próprio, à proporção que os contratantes lhe ditam o que estabeleceram ou mediante minuta do convencionado. Se o instrumento é particular, o que foi combinado entre as partes é escrito à mão própria por um dos contratantes ou datilografado.

Qualquer que seja o instrumento, há que ser assinado, podendo a assinatura ser *autografada* (quando aposta de próprio punho) ou *holografada* (quando feita por terceiro, por não saber ou não poder um dos contratantes fazê-lo). Esta última tem sido substituída pela impressão digital, notando-se que o instrumento público deve ser usado se uma das partes não sabe assinar.

Compõe-se o instrumento de um contrato de *preâmbulo* e *contexto*.

No preâmbulo, qualificam-se as partes (nome, nacionalidade, domicílio, residência, profissão, estado civil) e declara-se o fim do contrato e o local onde ele se realiza. No contexto, definem-se as condições em que se fará o contrato — redução à forma escrita do acôrdo de vontades, por meio de uma série de proposições, cada uma regulando um aspecto do contrato, chamadas cláusulas. Podem ser feitas as cláusulas que as partes quiserem.

As cláusulas de um contrato, consoante POTHIER (apud ORLANDO GOMES in CONTRATOS, Ed. Forense, 1959, pág. 18), podem ser essenciais, naturais e acidentais. As primeiras são fundamentais, determinando a sua existência do contrato; as segundas estão subentendidas, nos antigos contratos, a trato sucessivo ou de realização futura (a clausula rebus sio stantibus, como vimos acima); as últimas são as que as partes incluem, mas que não são da essência do contrato.

Podem-se juntar documentos complementares a certos contratos, os quais se tornam parte dêle, como as plantas de construção de uma casa, no contrato de empreitada.

CONSENTIMENTO DAS PARTES — Antes de se formar um contrato, as partes procedem a negociações preliminares, em que cada uma expõe à outra o que quer, o que tem em vista, o que é do seu interesse. Declaram reciprocamente as suas vontades e é preciso que a vontade de uma chegue ao conhecimento de outra, isto é, que sejam *receptíveis*. Quando isto se dá e elas se harmonizam, temos o acôrdo de vontades.

O Direito aceita — Código Civil, artigo 1079 — declarações expressas (verbais, escritas e simbólicas) e tácitas, quando o agente se comporta de tal maneira que não deixa dúvidas de que quer o contrato, como quando pratica atos de cumprimento. O silêncio, quando ine-

quívoco ou autorizado por lei, vale como manifestação de vontade.

FORMAÇÃO DO CONTRATO

A manifestação de vontade dos contratantes pode ser simultânea ou sucessiva.

Dificuldade alguma oferece a primeira hipótese, quanto ao momento em que o contrato se completa: manifestadas as vontades, está formado o contrato. No segundo caso, é preciso que se defina o instante em que está criado o vínculo jurídico, para se saber quando começa a produzir seus efeitos.

Quem declara a sua vontade em primeiro lugar, propondo o contrato, é o *proponente* ou *policitante* e o outro é o *aceitante* ou *oblato*. A resposta afirmativa do oblato, coincidente com a proposta quanto às condições essenciais, chama-se *aceitação*. Se não há esta coincidência, verifica-se o dissenso de vontades: não há contrato. Se o oblato modifica a proposta, ele apresenta uma contraproposta que inverte os papéis: o proponente passa a aceitante e este a proponente.

É importante frisar que não constitui proposta o convite a fazer oferta, em que alguém interessado em adquirir algo escreve aos fornecedores do ramo pedindo que proponham preços.

A proposta feita com prazo para aceitação a alguém presente perde sua eficácia, se não fôr aceita dentro do prazo marcado; se feita sem prazo, deixa de ser obrigatória, se a aceitação não fôr imediata.

Quando o contrato é feito entre ausentes, a proposta pode igualmente ser feita com ou sem prazo, perdendo sua força obrigatória se a aceitação não fôr expedida dentro do prazo proposto ou, se este não houver, passado tempo bastante para que a aceitação chegue ao conhecimento do polícitante. Se o contrato é feito por carta ou telegrama, sua acei-

tação é expedida, a não ser que o proponente se tenha comprometido a esperar a resposta, ou, então, se ele marcou prazo para recebê-la e ela lhe veio às mãos depois de decorrido este prazo. Aqui, o Direito Civil pátrio seguiu a Teoria da Expedição, pela qual, ao expedir o oblato a aceitação, torna o contrato perfeito.

Resta observarmos o arrependimento do proponente ou do oblato. Se o contrato é uma livre manifestação de vontade, dentro de certas circunstâncias, cada um dos componentes pode arrepender-se do que propôs ou do que aceitou. A retratação do proponente tem eficácia quando chega ao aceitante antes da proposta ou simultaneamente com ela; a do oblato, igualmente, será ineficaz se chega ao polícitante antes ou com a aceitação.

CLASSIFICAÇÃO DOS CONTRATOS

Inúmeros são os critérios pelos quais se classificam e se diferenciam os contratos.

O ramo do Direito a que se filiam divide-os em *Contratos Públicos ou Administrativos e Contratos Privados* (Civis e Comerciais). "*Contratos Públicos ou Administrativos* são os celebrados pela Administração Pública, em sua função administrativa, os quais, se se oferecem particularidades em sua formação, obedecem como os de Direito Privado aos preceitos fundamentais do contrato: capacidade das partes, acôrdo de vontades, objeto lícito, forma legal ou não defesa em lei" (CLÓVIS BEVILÁQUA, op. cit. página 156). *Contratos Privados* são aqueles celebrados por pessoas de Direito Privado. A distinção dos contratos privados em civis e comerciais é sutil e difícil, e só tem alguma eficácia nos sistemas jurídicos que, como o nosso, ainda mantêm a dicotomia do Direito Privado. Será *comercial* o contrato em que uma das prestações fôr um ato de comércio (de difícil caracterização, como já vimos em

"O DIREITO COMERCIAL E O SERVIÇO DE INTENDÊNCIA, Boletim do Círculo de Oficiais - Intendentes das Forças Armadas, n.º 6, páginas 53 a 56), ou em que uma das partes seja comerciante, ou que trata de assunto inteiramente estranho às atividades civis.

Outra importante classificação fá-los *típicos* ou *atípicos*.

Típicos são os de que a lei se ocupa, dando-lhes nomes determinados e regulamentação própria. Constituem as formas mais comuns do relacionamento econômico e, por isso, deulhes a lei sistematização que guia e orienta os que a eles recorrem. São os que constam do Código Civil. No entanto, já que uma das bases doutrinárias do contrato é o princípio da autonomia da vontade, podem os homens contratar o que quizerem e assim não ficam adstri- tos àqueles tipos.

Podem fazer inúmeros outros contratos, os chamados *atípicos*, que são os que, frutos do princípio da autonomia da vontade, não observam uma das modalidades previstas em lei.

Os efeitos do contrato determinam uma de suas mais importantes classificações: unilaterais e bilaterais. Lembremos, inicialmente, que o contrato, quanto à sua formação, é sempre negócio jurídico bilateral, pois que requer o acôrdo de duas vontades. Mas, quanto aos efeitos, pode ser *unilateral*, quando criar obrigações apenas para uma das partes. Se criar obrigações para ambas as partes contratantes, será o *contrato bilateral*:

São *consensuais* quando se perfazem apenas com o acôrdo de vontades, e *reais* quando sua perfeição e acabamento demandam a efetiva entrega da coisa (comodato, depósito).

São *solenes* os contratos para cuja perfeição a lei exige a obediência de uma forma, podendo incorporá-la à sua substância; *não-solenes*, quando tal não se dá. Já vimos que a inobservância da forma exigida pela lei torna nulo o contrato.

Contrato oneroso é aquele em que uma das partes obtém uma vantagem mediante uma contraprestação. Na compra e venda, o comprador obtém a vantagem da coisa adquirida, mediante a contraprestação do pagamento do preço. No *contrato gratuito*, a vantagem obtida por uma das partes não corresponde contraprestação pela outra. Na doação, o donatário obtém vantagem da coisa doada sem contraprestação correspondente. Divide-se contrato oneroso em *comutativo* e *aleatório*, conforme seja ou não a contraprestação incerta ou desproporcional à prestação.

Contrato principal é o que tem vida por si mesmo e *contrato acessório* é o que depende da existência de outro, cuja execução geralmente garante.

O contrato será *instantâneo*, quando as prestações se cumprirem num só ato, e *de trato sucessivo*, quando o cumprimento se compõe de uma série de atos contínuos no tempo, ininterruptos ou não. O contrato instantâneo, conforme seja ou não executada a prestação imediatamente à sua conclusão ou não, será de *execução imediata* ou *diferida*. A aquisição da próxima colheita de um lavrador é caso típico de contrato de execução diferida. Vigé aqui a teoria da imprevisão, vista quando se cuidou da força obrigatória dos contratos.

Contrato Pessoal é aquele em que uma das partes quer fazê-lo apenas com outra determinada. É o caso de se contratar com o pintor Tício a pintura de painéis para decoração de um palácio. O contrato pessoal não admite cessão, e a morte do contratante extingue a obrigação. Quando é indiferente a pessoa com quem se quer contratar, é *impessoal*, como no caso em que se procura um apartamento para alugar, em que pouco importa que ele pertença a Caio ou a Tício.

CESSÃO DOS CONTRATOS

Nos contratos bilaterais, qualquer das partes pode, desde que com aquiescência da outra ou

por força de lei, fazer-se substituir por outrem, que assume os direitos e obrigações da que cede, se ambas as partes não tiverem ainda prestado as suas obrigações. Se o contrato for unilateral ou se, sendo bilateral, uma das partes já tiver cumprido suas obrigações, há cessão de crédito ou de débito e não cessão de contrato. A parte que é substituída chama-se *cedente*, a que se substitui, *cessionário*, e a outra, *cedido*.

Tem-se, no caso, o contrato como um bem econômico, podendo, como tal, circular.

A cessão do contrato dá-se com liberação do cedente (é a forma mais comum) ou sem ela (a sua responsabilidade passa a ser subsidiária). Pode-se dar, também, por via de *endosso*, quando se tratar de documentos que admitam tal modalidade de transferência.

Dá-se a cessão por força de lei quando alguém se coloca numa posição tal em relação à coisa que é objeto do contrato que substitui automaticamente um dos contratantes, fazendo-lhe a lei, para garantia do outro, *cessionário* dos direitos e obrigações do outro. Quando num contrato de locação constar que ele continua a vigorar se o locador aliená-lo e isto estiver lançado no registro público, o adquirente há que respeitar a locação, tornando-se, assim, *cessionário* dos direitos do locador, por força de lei.

EXTINÇÃO DOS CONTRATOS

O modo normal de extinção de um contrato é o cumprimento das obrigações nele assumidas. Anormalmente, entretanto, éle pode encerrar-se por motivos anteriores — *Anulação* — ou posteriores à sua formação — *Dissolução*.

Esta última se verifica por *resolução* e *resilição* (entre nós o uso consagrou o nome *rescisão* que, tecnicamente, não quer dizer a mesma coisa).

Se uma das partes não cumpre as obrigações assumidas, o contrato extingue-se por *resolução*. Nos contratos bilaterais,

como há obrigações recíprocas, cada contratante tem a faculdade de exigir a resolução do contrato, se o outro não cumpre a obrigação que assumiu. Isto pode ser convencionado no contrato, quando temos o *pacto comissório expresso*, que opera de pleno direito. Quando não há convenção a respeito, a lei presume a existência de uma *condição resolutiva tácita* (Código Civil — artigo 1092) e a resolução se dá por via judicial.

O não-cumprimento voluntário extingue o contrato da data em que foi constituído, restituindo-se as prestações cumpridas (o que não ocorre se o contrato fôr a trato sucessivo) e sujeitando a parte descumpridora ao pagamento de perdas e danos.

O contrato pode ser descumprido em virtude de uma causa posterior à celebração do contrato, proveniente de caso fortuito ou força maior. Tal causa deve trazer objetivamente a uma das partes impossibilidade total e definitiva de cumprir a sua obrigação. Neste caso, a resolução se dá também de pleno direito e seus efeitos se reportam à data da constituição do contrato. No caso não cabe indenização por perdas e danos, mas a parte descumpridora deve restituir o que recebeu, se o contrato fôr bilateral, ficando a outra parte igualmente desobrigada.

Alguns sistemas legislativos admitem, nos contratos de execução periódica ou nos de execução única, porém futura, que fatos extraordinários e imprevisíveis criem uma profunda modificação no campo econômico, dificultando consideravelmente a uma das partes o cumprimento das obrigações assumidas. Para tal mister se faz diferença objetivamente acentuada entre o valor da prestação, nos momentos da feitura e do cumprimento do contrato. Nesse caso, o contrato não é resolvido de pleno direito: carece de um pronunciamento judicial, requerido pela parte atingida, antes de chegar o momento de cumprir a obrigação.

A resolução acaba os contratos de resolução futura, voltando as partes ao estado anterior, pelo que se restitui o que se recebeu. Se o contrato fôr de execução continuada, as prestações cumpridas nada sofrem. Não há restituição alguma.

O contrato pode ser dissolvido, também, por meio de um acôrdo de vontades, visando a extingui-lo, ou quando, em circunstâncias especiais, se permite a uma das partes fazê-lo. Temos aí as duas modalidades de resilição: bi e unilateral. A *resilição bilateral* é extinção do contrato por acôrdo de vontades. Faz-se por meio de *distrato*, que segue a mesma forma do contrato (Código Civil — artigo 1093). O distrato é uma declaração de vontade das partes de um contrato, pondo-lhe fim e estabelecendo a maneira de fazê-lo. É uma consequência do princípio da autonomia da vontade. A *resilição unilateral* é o meio por que se põe fim a contratos de duração indeterminada, em que se admite que as partes não se quiserem obrigar "ad eternum". Este processo permite-lhes a liberação no momento em que quiserem. É preciso que a parte comunique a outra seu desejo de pôr fim ao contrato e que esta disso tome conhecimento.

A partir dêsse momento, está dissolvido o contrato.

No tocante à resilição unilateral, temos que apreciar suas modalidades particulares: *revogação*, *renúncia* e *resgate*. Dá-se *revogação* ou *renúncia*, quando a lei, atendendo a certas peculiaridades do contrato, permite a uma das partes extingui-lo. Assim, quando foi a confiança recíproca entre as partes o elemento que presidiu a formação do contrato, como no mandato. Cessando a confiança do mandante no mandatário, êle pode revogar o contrato. O mandatário, igualmente, pode-se eximir por meio da *renúncia*.

Dá-se o *resgate* quando, em certos contratos, a lei permite a uma das partes extingui-los, substituindo as obrigações assu-

midas por uma única que compense as demais. Vemo-lo nos contratos de "enfiteuse" (Código Civil — artigo 693, modificado pela Lei 2437, de 7 de março de 1955) e de Constituição de Renda sobre imóvel (Código Civil — artigo 751).

Os efeitos da resilição são sempre posteriores ao momento em que ela se consuma, não cabendo restituição de prestações cumpridas.

INVALIDADE DOS CONTRATOS

Finalizando êste bosquejo, resta dizer algo sobre a invalidade dos contratos. *INVALIDADE* é a punição com que a lei fulmina os contratos que ofendem princípios garantidores de interesses fundamentais da coletividade ou normas acauteladoras dos principais interesses individuais.

No primeiro caso, o contrato será *nulo* e no segundo, *anulável*. Assim, *nulos* são os contratos celebrados por pessoas absolutamente incapazes, os que tiverem objeto ilícito ou impossível, que não obedecerem à forma ou solenidade ordenada em lei e aqueles que a lei taxativamente determinar. *Anuláveis* são os celebrados por pessoas relativamente incapazes ou aqueles em que o consentimento tiver sido manifestado por erro, dolo, coação, simulação ou fraude contra credores.

A nulidade pode ser alegada por qualquer interessado, pelo Ministério Público e pelo Juiz, que pode pronunciá-la ex-officio. Não comporta ratificação.

O contrato nulo é como se nunca tivesse existido: não produz efeito algum. A nulidade pode ser total ou parcial, se abranger todo o contrato ou apenas parte dêle. Entretanto, se a nulidade de parte do contrato contamina o resto, todo êle se torna nulo. Anulado um ato, as partes são restituídas ao estado anterior, se tal fôr possível e, não o sendo, serão inde-

nizadas pelo equivalente (Código Civil — artigo 158).

A anulabilidade, porém, só produz efeitos mediante sentença judicial provocada pela parte em cujo favor ela é declarada. Até o ato judicial anulador do contrato, êle produz efeitos e se comporta como válido, se a parte interessada não provocar sua anulação. O contrato

anulável pode ser ratificado, se as partes expurgarem os erros que contiver, e a ratificação opera da data em que êle foi celebrado.

CONCLUSÃO

Temos aí vistos, ainda que imperfeitamente, já que o assunto é longo, alguns aspectos sobre a Teoria dos Contratos no

campo do Direito Civil, que serve de base a todo e qualquer contrato e que deve portanto orientar os administradores.

Fica êste despretensioso esboço submetido à elevada crítica dos doutos, dos estudiosos do assunto, dos companheiros em geral, a qual muito nos incentivará e nos ajudará em empreitadas futuras.



Não há razão para isto!

Pontualidade é lema na Sadia. Não vemos motivo para atrasos... adiamentos... cancelamentos... Em aviação, até os "imprevistos" precisam ser previstos. Prova de que estamos certos é a crescente procura por nossos serviços. E é em retribuição a essa preferência que aumentamos a frequência de nossos vôos — agora, diários — e inauguramos uma loja de passagens no centro, Novas facilidades para V. voar pela Sadia. Quando teremos o prazer de sua visita?

NOVA LOJA DE PASSAGENS

R. Basílio da Gama, 52 (trav. da Praça da República) Tels. 35-6444 e 37-3301

Sadia TRANSPORTES AÉREOS

Café na Argélia

Os esclarecimentos prestados pelo IBC, em resposta a interpelações formuladas na Câmara Federal, vieram colocar nos devidos termos a celeuma que se vinha fazendo em torno da recente venda de 180 000 sacas de café dos estoques da autarquia para o governo da Argélia, país onde a importação do produto é monopólio do Estado.

É verdade que muito desta celeuma era fruto de desconhecimento do assunto ou de má fé. Elementos jejunos na matéria, desinformados do alcance de algumas das normas que presidiram à transação, deixaram-se seduzir pelas aparências de "negociata" que se apontavam no caso. Outros, ao lado do alheamento ao problema, procuravam sobretudo saciar sua "sêde de escândalos". Além disso, e freqüentemente por trás dos primeiros, estavam setores políticos desejosos de fazer oposição ou grupos econômicos que se sentiram contrariados em seus interesses. Disso tudo resultaram as cifras mirabolantes e as interpretações estapafúrdias que surgiram aqui e acolá.

A resposta do IBC, porém, fornece os elementos concretos

para a apreciação serena do episódio. É verdade que se poderá discutir o mérito intrínseco de vendas "agressivas", tal como vem sendo aplicada pelos Entrepósitos do IBC no exterior. No entanto, tal política data já de muitos anos, tendo começado no governo Kubitschek, atravessado os períodos Jânio Quadros e João Goulart, e só agora é que se assistiu a tanto alarde em torno do assunto.

Qualquer que seja o juízo acerca do mérito desse processo de vendas "agressivas", que tem em mira colocar o café brasileiro em determinados mercados consumidores a preços de franca competição com os de nossos mais diretos concorrentes, é inegável que a Argélia é dos países que oferecem maiores justificativas e melhores condições de êxito para operações do gênero.

Conforme demonstração do IBC, nossa participação nesse mercado caíra, em 1962, para apenas 0,46%, de um total de 456 000 sacas importadas pelo país norte-africano. Portanto, o comércio privado, por seus métodos tradicionais, não vinha

conseguindo preservar os interesses do Brasil em não só manter mas ampliar seus fornecimentos àquela nação.

Foi por isso que — sem que então se registrassem protestos — o Entrepósito do IBC em Beirute iniciou, em 1963, as vendas diretas, em condições especiais de preço, àquele país. Assim se possibilitou que, no ano passado, nossa participação no consumo argelino já saltasse dos 0,46% mencionados para 21,27%.

A transação agora concluída, no montante de 180 000 sacas, para um país que anualmente vinha importando de 400 000 a 500 000 sacas, é, portanto, a sequência lógica de uma política que vem sendo adotada há algum tempo e que, pelo menos até aqui, longe dos inconvenientes que alguns apontam, tem surtido efeitos satisfatórios. Por este caminho, estaremos deslocando do mercado nossos concorrentes e assegurando melhores condições para desfrutar, no futuro, da expansão do consumo que se prevê naquela área, em virtude da campanha que o atual governo argelino desenvolve para combate ao alcoolismo.

Viaje à Espanha...



turismo econômico



e tesouros de Arte

IBERIA

IBERIA

IBERIA

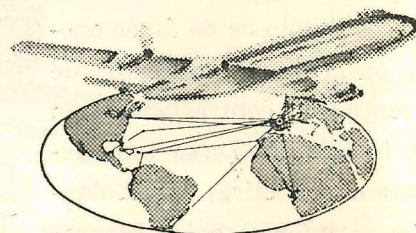
pela **IBERIA** cujos aviões recebem ainda maiores atenções do que você.

Comprove pessoalmente a grandiosidade da Espanha - um tesouro incomensurável de tradições; sua beleza clássica e sua arte, das mais notáveis do mundo. Vá à Espanha com o conforto e a segurança que a Iberia lhe proporciona. O esplêndido serviço, o ambiente de luxo e a excelente cozinha fazem você esquecer que está voando.

**Novos horários dos vôos bi-semanais:
RIO-MADRI sem escalas.**

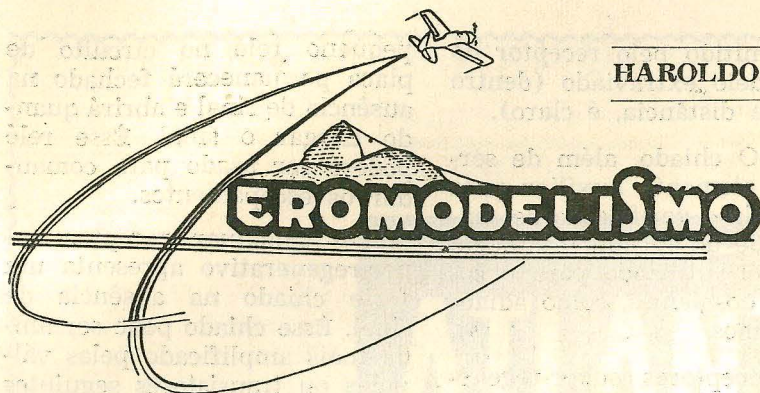
2as. feiras às 23:10 e sábados às 17:55 horas.
PARA O SUL às 2as. e 6as. feiras às 08:30 hs.

Conexões imediatas de Madri para os principais Centros da Europa
Consulte o seu agente de viagens ou os nossos escritórios.



IBERIA
LÍNEAS AÉREAS DE ESPAÑA

RIO: Rua Pedro Lessa, 41 - Loja - Fone 22-5804
SÃO PAULO: Praça da República, 85 - Fone 36-2530



RADIOCONTROLE III

RECEPTOR SUPER-REGENERATIVO

Em artigo anterior, aprendemos como pode ser um sinal transmitido pelo espaço através do que chamamos de “**modulação**”, e como podemos recuperar a característica de som do sinal, através da “**detecção**”. Hoje, estudaremos um dos mais populares detectores para radiocontrole, que é o **super-regenerativo**.

Uma válvula (ou transistor) amplifica um sinal que seja aplicado à sua entrada, entregando-o muitas vezes aumentado. Se pegarmos uma parte desse sinal que sai e tornarmos a aplicar na entrada, ele será reamplificado e somado ao que já saía. Assim, para o mesmo primitivo sinal de entrada, teremos agora um sinal mais forte na saída. A isso chamamos **realimentação positiva** ou **regeneração**.

Esta propriedade poderá ser usada dentro de certos limites, pois, ao ultrapassar determinado ponto, é devolvido à entrada tanto sinal de saída, que a válvula (ou transistor) passa a fabricar sozinha um sinal próprio, numa característica que chamamos de **oscilação**. Enquanto a válvula estiver oscilando, perderá suas características de amplificadora.

A regeneração foi muito usada, no passado, nos receptores. Os circuitos possuíam um controle onde se levava a realimentação até o ponto imedia-

tamente anterior àquele em que a válvula oscilava. Assim, conseguia-se muito mais ganho, acrescido ainda do fato de que aumentava ainda mais a seletividade do receptor.

O início da oscilação da válvula não é tão instantâneo assim. Portanto, será necessária uma pequena fração de tempo para que a **válvula oscile após ultrapassado o limite de regeneração**. Durante essa fração de tempo, o sinal será muitíssimo amplificado. Precisamos, então, descobrir uma forma de aproveitar essa característica.

Por hipótese, temos um receptor dotado de regeneração. Essa regeneração vai sendo aumentada até o ponto em que o circuito começa a oscilar. Como já vimos, durante uma pequena fração de segundo além daquele ponto, o sinal foi muitíssimo amplificado, e logo depois entrou em oscilação. À parte, fazemos um outro circuito oscilando, em frequência bem mais baixa, todavia maior, que a frequência de audibilidade humana. O sinal desse segundo oscilador é agora usado para controlar a regeneração do primeiro.

Vejamos, agora, o trabalho combinado dos dois circuitos: durante uma parte de cada ciclo do oscilador de baixa frequência, o detector ultrapassa o ponto de oscilação; durante o

restante do ciclo, o segundo oscilador consegue impedir que o receptor atinja o ponto de oscilação. Assim sendo, para cada ciclo do oscilador auxiliar, teremos quatro fases distintas:

1.^a — o receptor está abaixo do ponto de oscilação, regenerando apenas, e portanto amplificando, o sinal que chega;

2.^a — o receptor atinge o ponto de oscilação e, durante um pequeno lapso de tempo, amplifica muitíssimo o sinal;

3.^a — o receptor entra em franca oscilação, deixando portanto de amplificar; neste ponto, chega a trabalhar como se fora um pequeno transmissor, enviando um sinal igual ao de sua frequência pela antena;

4.^a — o receptor pára de oscilar em virtude do verdadeiro “freio” aplicado pelo segundo oscilador, e volta à primeira fase.

Assim sendo, para cada ciclo do 2.^o oscilador, temos uma fase em que o sinal é muitíssimo amplificado. Como essa fase se repete a cada ciclo, e eles são muito próximos uns dos outros (em virtude da frequência do 2.^o oscilador), o resultado será um detector de muitíssimo maior sensibilidade que o comum ou o apenas regenerativo. A esse tipo novo de receptor, chamamos **super-regenerativo**. Num circuito de válvulas, por exemplo, um detector destes tem sensibilidade equivalente a um outro circuito de várias válvulas, com a vantagem de muitíssimo menos peso, tamanho e preço.

O super-regenerativo não é usado popularmente nos receptores domésticos, porque apresenta os seguintes inconvenientes:

1.º — embora tenha altíssima sensibilidade, tem pouca seletividade; assim sendo, em partes congestionadas das faixas de radiodifusão, não permitirá separar bem as estações;

2.º — na fase de oscilação, retransmite um sinal pela antena, que irá causar interferência nos receptores vizinhos;

3.º — enquanto não está sintonizado em uma estação, envia para os fones ou alto-falante um forte chiado (parecido com o de televisão ligada para um canal que não tenha estação).

Para o aeromodelismo, os inconvenientes tornam-se vantagens, e vejamos porque:

1 — Como tem pouca seletividade, se o transmissor fugir um pouco de frequência, o receptor continua recebendo o sinal. Isso é fácil de acontecer, pois trabalhamos com circuitos simples e frágeis.

2 — A retransmissão do sinal pela antena não chega, assim, a incomodar os outros, pois só costuma operar um de cada vez, e o sinal emitido é muito fraco em virtude da pequenez do circuito. Além disso, um avião perdido poderá ser localizado por intermédio de um pequeno radiogoniômetro sintonizado na frequência do

sinal emitido pelo receptor do aeromodelo extraviado (dentro de certa distância, é claro).

3 — O chiado, além de servir de elemento auxiliar para a sintonia e verificação de sensibilidade do receptor, também pode ser utilizado para o comando dos lemes, como adiante veremos.

Os receptores super-regenerativos, conforme expliquei, são chamados de interrupção independente. Todavia, a própria válvula receptora pode ser usada para os dois serviços, isto é, recepção e oscilador de interrupção. Estes são chamados de receptores **super-regenerativos auto-interrompidos**. Estes últimos são os únicos usados em aeromodelismo, por serem ainda mais simples e leves.

Vejamos, agora, como podem ser usados os super-regenerativos em radiocontrole:

1 — Na forma dos demais tipos de receptores, o som que chega irá passar pelos filtros ou sistemas de controle, para movimentar os lemes.

2 — Nos super-regenerativos auto-interrompidos por válvula de gás (tiratron) do tipo RK-61 ou então por transformador de frequência alta, quando valvulares, ao receberem um sinal, a corrente consumida cai muitíssimo. Assim sendo, um

pequeno relé no circuito de placa permanecerá fechado na ausência de sinal e abrirá quando chegar o sinal. Esse relé poderá ser usado para comandar os escapamentos.

3 — Qualquer receptor super-regenerativo apresenta um forte chiado na ausência de sinal. Esse chiado pode ser ainda mais amplificado pelas válvulas ou transistores seguintes e servir para manter um relé aberto. Quando chegar um sinal, o chiado desaparece e assim, também, a ação de bloqueio do relé, que então fecha, comandando os escapamentos.

O presente artigo não foi técnico, mas apenas didático, a fim de dar compreensão do assunto aos que o desconheçam. Nossa intenção, como já foi informado, é despertar o interesse para novos radiocontrolistas. Os "velha guarda" que aguardem, pois eles, à custa da dificuldade do assunto no Brasil, já aprenderam onde ir buscar recursos.

AUMENTA O RADIOCONTROLISMO

Conforme publicação de RADIO CONTROL MODELS & ELETRONICS, de maio de 1964, na Inglaterra existem registrados acima de 6 400 radiocontrolistas, nos Estados Unidos mais de 5 000 e na Alemanha mais de 1 000.

AEROMODELISMO - CORRESPONDÊNCIA

Sr. Francisco Eduardo Ramalho — São José dos Campos — S. Paulo.

Em resposta à sua estimada carta, temos a satisfação de informar:

1 — Conversor de 135 volts

Vamos publicar no próximo número, pois é assunto de interesse geral.

2 — Transmissor de CW-TONE para 13 Mc

- a) O cristal, para a frequência de 13 Mc, costuma ser encontrado na Casa Aerobrás, à Rua Major Sertório, em São Paulo. No Rio, só se mandar cortar na Rádio

Cristais do Brasil, com uma espera de cerca de 180 dias para entrega.

A sua frequência será de 13.627,5 kc que, dobrando, dará os 27.255 kc em que normalmente se trabalha em radiocontrole no Brasil. Não deverá transmitir direto em 13 Mc, pois cairá em faixa não permitida. Verifique se, no seu circuito, o cristal trabalha numa válvula (ou metade de uma válvula dupla), e o sinal é aplicado dobrando a frequência em

outra válvula que simultaneamente receberá o sinal do "TONE".

- b) O receptor para o transmissor acima sugerimos um do tipo "Craft", cujo material se encontra em São Paulo com relativa facilidade. O circuito será publicado brevemente.
- c) Nas livrarias, de vez em quando, surge alguma publicação. A "Stark" (do Rio ou São Paulo) recebe revistas especializadas francesas, inglesas e alemãs. O Departamento do Livro Técnico da revista "A Antena" costuma, por vezes, receber alguns livros. O necessário é ficar atento, pois o que chegar logo desaparece, em virtude da procura.

ATLANTIC

COMPANHIA ATLANTIC DE PETRÓLEO

MATRIZ: Av. Nilo Peçanha, 155 9.º andar - Rio

Edifício - NILOMEX



FILIAIS: FORTALEZA, RECIFE, RIO, S. PAULO e CURITIBA

A TÉCNICA REVOLUCIONÁRIA COMUNISTA

FERDINANDO DE CARVALHO - Tenente-Coronel

Vários séculos antes da era cristã, os chineses aperfeiçoaram uma invenção que, desde aquela época até os dias atuais, seria responsável pela destruição de muitos milhões de seres humanos: a pólvora. Agora êsse mesmo paciente e legendário povo desenvolveu uma técnica muito mais perigosa que as armas nucleares, porque seu extraordinário efeito destrutivo atinge a mente humana, envolve e escraviza populações inteiras, dissolve as tradições e os valores morais: a guerra revolucionária. A estratégia e a tática dêsse movimento insidioso que o Comunismo Universal adotou entre os recursos da Guerra Fria, lançada contra o Mundo Livre, foram realmente modeladas na doutrina de Mao Tze-Tung, cujos preceitos se tornaram clássicos e são a inspiração dos modernos promotores da subversão.

A EVIDÊNCIA DA SUBVERSÃO COMUNISTA

O Estado-Maior das Fôrças Armadas assim conceituou a Guerra Revolucionária: "É a guerra interna, de concepção marxista-leninista e de possível adoção por movimentos revolucionários diversos que, apoiados em uma ideologia, estimulados e, até mesmo, auxiliados do exterior visam à conquista do poder através do controle progressivo, físico e espiritual, da população sobre que é desencadeada, desenvolvendo-se segundo um processo determinado, com a ajuda de técnicas particulares e da parcela da população assim submetida". Essa definição, fruto de um metódico e aprofundado estudo, reflete os episódios históricos que culminaram com o domínio comunista da Tcheco-eslováquia, da China, da Indochina, de Cuba e de outras áreas, e permitiram aos vermelhos adicionarem uma população de 800 milhões de pessoas a seu primitivo império.

A análise da Guerra Revolucionária na América Latina, consoante a opinião da maioria dos estrategistas e sociólogos modernos, situa-se no quadro da expansionista estratégia soviética, com uma das manifestações da Guerra Fria, desencadeada em todo o planêta. Tolhidos pelo "equilíbrio do terror", resultante do impasse nuclear, vislumbraram, os comunistas, uma solução magistral para o prosseguimento de sua ofensiva. Inspiraram-se em uma extensão do conceito de Clausewitz de que "a guerra é o prosseguimento da política por outros meios", através da afirmação de Chaposhnicow: "a paz é o prosseguimento da guerra por outros meios". Nessa asserção ma-

quiavélica apóiam os princípios revolucionários que visam à conquista e à comunização de nações, mediante movimentos subversivos intestinais, baseados em uma doutrinação ideológica premeditada, que explora a fundo os problemas e as aspirações nacionais.

Krushchev, em sua alocução, na Conferência de Moscou, em novembro de 1960, declarou: "O movimento de libertação nacional vem executando um número crescente de golpes contra o imperialismo, auxiliando a consolidação da paz e contribuindo para apressar o desenvolvimento da humanidade na linha do progresso social. A Ásia e a América Latina são agora os mais importantes centros da luta revolucionária contra o imperialismo." "O mundo inteiro já ouviu o reboar da heróica revolução cubana. Essa revolução não está apenas repelindo a investida do imperialismo: está-se alargando, marcando um nôvo e mais alto estágio na luta pela libertação nacional, com a conquista do poder pelo povo, com o povo a tornar-se o dono de suas próprias riquezas. A solidariedade a Cuba não é apenas o dever de todos os povos da América Latina, é também o dever de todos os países socialistas, do movimento comunista internacional, do proletariado de tôdas as áreas do mundo."

Essas palavras do Chefe do Govêrno Soviético demonstram claramente a natureza e as origens da Guerra Revolucionária latino-americana.

Em seu livro "A Forward Strategy for America", uma equipe de estrategistas norte-americanos — Robert Strausz-Hupé, William R. Kintner e Stefan T. Possony — caracteriza a inspiração ofensiva dos soviéticos ao afirmar: "A doutrina estratégica comunista estabelece que o poder nuclear deverá constituir uma fôrça de contenção contra as tentativas imperialistas de interferir em revoluções locais, operações de guerrilhas e nas guerras por procuração. Onde quer que se desenvolva um enfraquecimento militar, as crescentes possibilidades soviéticas podem apoiar os comunistas na realização de manipulações políticas, a milhares de milhas das bases efetivas dêsse poder. Antigamente, o apoio militar das operações políticas dos comunistas só se podia estender à sombra do alcance do Exército Vermelho. Hoje, e amanhã ainda mais, os sistemas de lançamento de armas nucleares que os soviéticos possuem permitem apoiar operações sucessivas na própria retaguarda dos Estados Unidos. A penetração em Cuba pode ter sido o prelúdio de uma ofensiva comunista mais auda-

ciosa na América Latina e, por essa mesma razão, sobre outras regiões subdesenvolvidas.”

Essa opinião de eminentes estudiosos do problema político-militar de nossos dias revela-nos a angustiosa atenção que os Estados Unidos, contrariamente ao que pensam muitos, dedicam à influência comunista na América Latina e demonstra-nos como a Guerra Revolucionária, em nosso continente, encontra seu apoio no imenso poderio nuclear dos soviéticos, situados a milhares de quilômetros de distância.

AS CARACTERÍSTICAS DA GUERRA REVOLUCIONÁRIA

O fenômeno da Guerra Revolucionária mundial, conquanto demonstre claramente a unidade de origem e bases ideológicas, adaptou-se às condições locais, procurando explorar, de forma hábil e eficiente, os problemas regionais.

Pierre Letelier, na “Revue Militaire Générale” da OTAN (Abr 62), declara: “O continente latino-americano demonstrou uma surpreendente vulnerabilidade à guerra política conduzida pelos soviéticos. De certo, era ele conhecido até agora por suas revoluções e seus pronunciamentos militares, por suas ditaduras e por sua instabilidade constitucional, mas nada permitia, entretanto, prever a facilidade com que os comunistas se apossariam do poder em Cuba, um país tão próximo dos Estados Unidos que semelhante aventura parecia excluída, a priori.”

A facilidade com que se propagou na América Latina a chama revolucionária, insuflada pela Rússia e pela China, explica-se, em grande parte, no anseio por vencer as condições de atraso que dominam esses povos, extenuados de suportar uma opressiva submissão político-econômica, face aos elevados padrões de bem-estar que prevalecem na América do Norte e na Europa. Esses legítimos sentimentos têm sido aproveitados a fundo pelos idealizadores e líderes da Guerra Revolucionária, os quais apresentam sempre os problemas em termos de libertação nacional do jugo capitalista, escondendo propositivamente a parcela de responsabilidade que deriva das deficiências e desorientação das possibilidades e dos esforços nacionais. Os comunistas acenaram soluções milagrosas, ofereceram a consecução das aspirações nacionais, ao preço da implantação de uma ordem socialista e da “sate-litização” na órbita soviética.

As características fundamentais dêsse movimento de mobilização geral e transformação completa dos valores institucionais são as seguintes:

1.^a — *Necessidade de apoio da população.* Expressando êsse aspecto, tem sido generalizado um aforismo, atribuído a Mao Tze-Tung sobre a ação das guerrilhas: “A população é para a Guerra Revolucionária o que a água é para o peixe.”

Dêsse princípio decorre ser, o indivíduo, o objetivo essencial da guerra revolucionária. Sua adesão deve ser conquistada como, na guerra convencional, o terreno inimigo. Para essa conquista todos os meios são válidos: desde a persuasão insinuante à submissão violenta, desde a corrupção criminosa à “lavagem-cerebral”, desfiguradora da personalidade humana.

2.^a — *Universalidade.* A Guerra Revolucionária não tem fronteiras. Não se limita a um único país ou região. Estabelecido o foco revolucionário ou a chamada “zona liberada”, a subversão comunista procura expraiar-se por meios pacíficos ou violentos. Assim, na Ásia, a onda comunizante partiu da União Soviética, conquistou a China, avançou sobre a Coréia, onde foi barrada pela força no Paralelo 38, dominou o Viet-Name do Norte e agora, por meio da ação de forças regulares ou de guerrilheiros e pela infiltração subversiva, procura estender-se sobre o Laos, Viet-Name do Sul, a Índia e a Indonésia. Na América Latina, após a dominação de Cuba, lançou uma ofensiva sobre o continente, particularmente na Venezuela, na Colômbia e no Brasil. Praticamente, as guerrilhas comunistas atuam, hoje em dia, em todos os países latino-americanos, com intensidade variável, de acordo com a situação.

3.^a — *Permanência.* A Guerra Revolucionária é uma ação duradoura e constante. Conquanto apresente flutuações, recuos táticos e estratégicos, constitui, para os comunistas, manifestação da luta sem tréguas que empreendem contra o regime democrático, a qual, propalam eles, só poderá ser concluída pelo aniquilamento do capitalismo. A denominada “coexistência pacífica” é uma expressão artificiosa de que lançam mão para apoiar a conquista mundial, sem o desencadeamento da guerra total.

Krushchev declarou em 1961: “As guerras de libertação continuarão a existir, enquanto existir o capitalismo, enquanto existir o colonialismo. Estas são guerras revolucionárias. Tais guerras são não somente admissíveis, como também inevitáveis, porque os colonialistas nada cedem voluntariamente. Em consequência, os povos só podem atingir a liberdade e a independência através da luta, inclusive da luta armada.”

4.^a — *Totalidade.* A Guerra Revolucionária é uma guerra total, visando ao domínio moral e material, e utilizando todos os processos, todos os subterfúgios, todos os disfarces e todos os graus ou formas de violência. O importante é atingir os objetivos, convencendo ou enganando, atraiendo ou corrompendo, obedecendo ou contrariando valores éticos ou convenções arraigadas.

COMO SE DESENVOLVE A GUERRA REVOLUCIONÁRIA

Um dos esquemas de maior divulgação, a respeito do processo da Guerra Revolucionária, foi

o apresentado por J. Hogard na "Revue Militaire d'Information", de junho de 1958, o qual admitia cinco fases, assim definidas:

- 1.^a — Entrada em ação de uma infra-estrutura clandestina.
- 2.^a — Criação de uma situação revolucionária.
- 3.^a — Utilização da violência sistemática.
- 4.^a — Criação de "zonas liberadas".
- 5.^a — Ofensiva final.

Tal sistematização, concebida à luz das guerras revolucionárias da China, da Indochina e da Argélia, não tenciona apresentar uma sucessividade obrigatória de acontecimentos. Caracteriza apenas uma classificação bem estudada de atividades diversas, capazes de evidenciar e enquadrar os fatos subversivos, no panorama geral do fenômeno. O Comandante Boulnoie, do Exército Francês, esclarecendo êsse aspecto, declara: "Não se deve, entretanto, atribuir-lhe um rigor absoluto. As reações do poder legal, os erros táticos dos insurretos, a influência dos acontecimentos exteriores à própria subversão podem conduzir a retrocessos; as fases podem, mais ou menos, superpor-se."

Em cada região, em cada país o processo revolucionário se apresenta sob um aspecto diversificado, tornando muito aleatória qualquer tentativa de sistematização pouco flexível. Vejamos o que ocorreu, por exemplo, na Tcheco-eslováquia. Nesse país, o Partido Comunista, aproveitando-se do prestígio que seus integrantes haviam obtido na resistência contra os alemães, durante a Guerra, procurara infiltrar-se nos órgãos do governo e formar uma "frente nacional" com elementos colaboracionistas de outros partidos. Com a complacência simpatizante do gabinete chefiado por Fierlinger e da chefia da Defesa Nacional exercida pelo General Svoboda, ocuparam os postos-chaves da administração pública, os comandos das unidades principais e introduziram-se em todos os partidos políticos. Quando se aproximaram as eleições de 1948, nas quais se esperava uma derrota dos comunistas, êstes desencadearam, por surpresa, um golpe-de-Estado e tomaram conta do poder, com o emprêgo das milícias operárias e da tropa policial do Ministério do Interior, transformando, em congresso nacional, uma assembléia de comitês de empresas que, "por acaso", estava sendo realizada em Praga.

Outros analistas preferem apresentar o processo revolucionário segundo fases que marcam, sem idéia de cronologia, os objetivos essenciais. Assim estabelece tal esquematização:

1.^a Fase — Conquista da população — através das seguintes atividades:

- Criação de um núcleo de ativistas ou revolucionários profissionais, que procuram dismantelar os valores tradicionais e implantar os padrões revolucionários.

- Infiltração e aliciamento, de preferência sobre os partidos políticos, o Congresso e as Assembléias Legislativas, a Justiça, a Administração Pública, as Associações de Classe, o Ensino, a Imprensa e as Forças Armadas. Para isso utilizam técnicas como a persuasão, a sedução, a corrupção, o comprometimento e a intimidação.

- Enquadramento da população, envolvendo os indivíduos numa rede de associações, que o Cel Lacheroy denominou de "hierarquias paralelas", como grupos, frentes, clubes e sociedades culturais, esportivas profissionais, políticas, etc.

- Verificação através de campanhas, concentrações, comícios, greves, memoriais, apelos e outros recursos semelhantes.

2.^a Fase — Preparo dos meios para a ação violenta, se necessária.

Êsse objetivo pode ser buscado concomitantemente com a conquista do apoio popular. Para isso, promovem-se as seguintes atividades gerais:

- Seleção e preparo de líderes, que podem receber treinamento especializado, inclusive no estrangeiro.

- Montagem e adestramento de uma organização paramilitar, composta de agitadores, brigadas de choque, terroristas e guerrilheiros.

- Obtenção de material bélico, nacional ou estrangeiro, mediante furto, contrabando, saque, etc.

- Verificação por meio de depredações organizadas, ocupação de instalação, paralisações de serviços, assaltos e invasões de fazendas e localidades.

3.^a Fase — Criação e exploração do clima revolucionário, derrubada do Governo e do regime. Para êsse fim, as seguintes ações podem ser adotadas:

- Criação ou agravamento de insatisfações e insegurança, procurando abalar a confiança nas instituições vigentes.

- Derrubada do governo e do regime, por meio da provocação de medidas de "suposta salvação nacional", que permitem o golpe-de-Estado ou da rebelião armada.

- Acionamento da organização político-administrativa já montada.

- Criação de "zonas liberadas".

- Mobilização e organização das forças militares revolucionárias.

- Operações regulares.

O processo revolucionário culmina com a implantação do novo regime e a "satelitização".

Deve ser observado que os comunistas não consideram a maturidade do processo como condição essencial de sucesso. Ernesto Guevara diz que, na América Latina, a revolução comunista deve firmar-se em três considerações fundamentais:

- 1.^a — As forças populares são capazes de vencer uma guerra contra o *Exército*.
- 2.^a — *Nem sempre se deve esperar* que existam tôdas as condições para a revolução; o foco insurrecional pode criá-las.
- 3.^a — Na América subdesenvolvida, o terreno da luta armada deve ser fundamentalmente o *campo*.

AS TÉCNICAS UTILIZADAS

A ação revolucionária executa-se através de técnicas extremamente diversificadas, cuja originalidade desafia as sistematizações acadêmicas. Existem, todavia, certas categorias de ações já conhecidas, por sua freqüência de emprêgo, cuja observação permite identificar o processo subversivo. Alguns autores reúnem tais atividades em dois grupos gerais: técnicas destrutivas e técnicas construtivas. Nesta exposição, procuraremos defini-las por seus objetivos fundamentais:

- 1.^o — Processos de imposição psicológica — que visam a aniquilar a vontade dos indivíduos, destruir os valores morais existentes e formar uma sociedade submissa e aquiescente.
- 2.^o — Processos de ação violenta — que procuram destruir o material e o pessoal oponente, para possibilitar e consolidar o domínio psicológico.

Entre os primeiros, agrupam-se as seguintes variações:

- a — O aliciamento — através de uma propaganda bem conduzida, baseada nos princípios psicológicos de impregnação ideativa como o conformismo, a autoridade, o testemunho, a adesão, a refeição, a associação e a repetição.
- b — A intimidação que visa a submeter através do medo, face a ameaças ou execução de atentados pessoais, como prisão, deportação, tortura, desemprego, ataque à família, etc.
- c — A lavagem-cerebral que consiste num artifício psicológico, de extraordinária virulência, baseado no condicionamento moral. Este é obtido por meio de técnicas deliberadas, capazes de alterar profundamente as bases da compreensão, a mentalidade e as crenças do indivíduo.
- d — A desmoralização pela calúnia, pelo medo, terror e pela ridicularização.

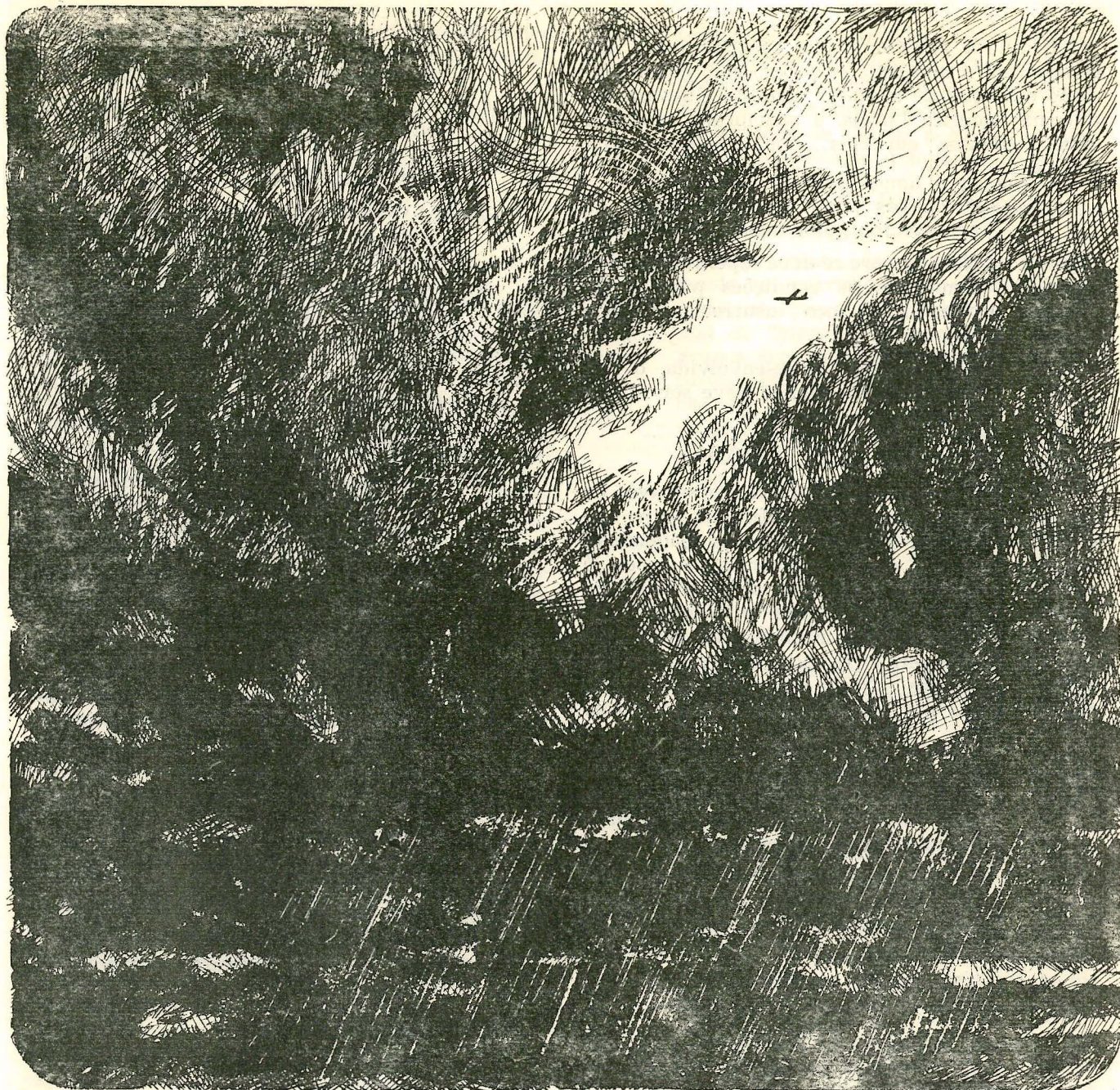
- e — A corrupção, explorando as ambições, as vaidades e outros vícios pessoais.
- f — A impregnação psicológica, individual ou coletiva, por meio da criação de estímulos e “slogans”, sistematicamente repetidos.
- g — O desmembramento que procura destruir as instituições vigentes e a ordem tradicional.
- h — A formação, o adestramento e a educação de líderes e ativistas revolucionários, em cursos e escolas especializadas.
- i — A sementeira que consiste na disseminação desses ativistas e líderes nos organismos e instituições existentes.
- j — O enquadramento, através do qual as pessoas e os grupos são reunidos em associações com um rótulo ostensivo, que disfarça seus reais objetivos.
- l — O exacerbamento, procurando agravar tensões morais ou físicas, pelo alarmismo deliberado e sistemático, pela desmoralização da autoridade, etc.
- m — A infiltração de elementos doutrinadores ou agitadores, nos órgãos vitais, como a Imprensa, as organizações oficiais, as universidades, a Igreja, os sindicatos e os partidos.

A propagação de idéias necessárias à prática desses processos utiliza todos os meios de difusão, ostensivos ou encobertos, abrangendo desde a conversa familiar e a carta anônima até os comícios-monstros.

Os processos de ação violenta são principalmente os seguintes:

- a — a resistência passiva;
- b — as greves de variados tipos e extensão;
- c — a agitação e a desordem;
- d — o terrorismo seletivo ou sistemático;
- e — a sabotagem;
- f — os distúrbios populares;
- g — o “quebra-quebra” e o saque;
- h — a guerrilha;
- i — a insurreição armada;
- j — as operações de guerra regular.

Cada uma das técnicas acima enumeradas pode inspirar uma aprofundada análise e comportar impressionante exemplificação. Na verdade a Guerra Revolucionária não as inventou. Utilizou-as apenas para atingir seus objetivos de destruição, com uma incrível eficiência. A variedade ilimitada desses tipos de agressão moral e física demonstra que a Guerra Revolucionária só pode ser combatida, se enfrentada em todos os seus domínios, com uma determinação inflexível de vencê-la.



Quando o gigante é ainda um pequeno ponto...

Ele é, ainda, um pequenino ponto na imensidão do espaço. Em poucos minutos, porém, quando aterrissar, voltará a ser o gigante que domina - com sua imponência - as pistas dos aeroportos. Essa operação, repetida centenas de vezes diariamente, é orientada com toda segurança por modernos equipamentos de telecomunicação - produzidos com apurada precisão e técnica avançadíssima pela STANDARD ELECTRICA - que estabelecem perfeita ligação entre aviões e aeroportos e comandam a aproximação das aeronaves.

Esta é a contribuição da STANDARD ELECTRICA: segurança para o homem e progresso para o País. Possuindo o maior parque industrial do gênero na América Latina, a STANDARD ELECTRICA ressalta através do trabalho digno de milhares de brasileiros a importante missão da iniciativa privada em prol do nosso desenvolvimento industrial e econômico.



Standard Electrica S.A.

Padrão mundial em eletrônica e telecomunicações

ELETRÔNICA INDUSTRIAL ■ TELECOMUNICAÇÕES ■ APARELHOS ELETRO-DOMÉSTICOS

O PROBLEMA DO ABASTECIMENTO

Brig Int R/R JOSÉ AUGUSTO MARTINS

Durante o período da Última Guerra, como era natural, foi criada a Comissão de Racionamento e Contrôlo de Preços, etc.

Nessa época, era justo e necessário, porquanto, além de termos de evitar certos abusos, tínhamos de levar em consideração nossos soldados que estavam na frente da batalha na Itália, e, além do mais, tínhamos de garantir os compromissos com os nossos aliados que, ombro a ombro, lutavam pela paz mundial.

Ora, passada essa fase de preocupações, já vão quase vinte anos, o Brasil, estranhamente, continuou mantendo essa mesma Comissão, transformada em autarquia, girando sob nova sigla, e que, como arma política, se transformou num inesgotável manancial empreguista.

Os dias foram passando, a "SIGLA" aumentando seu prestígio de incapacidade premeditada, estendendo seus poderosos tentáculos como um enorme polvo, sobre tudo e sobre todas as atividades industriais, comerciais e produtoras, absorvendo, até, a iniciativa privada, triturando e destruindo tudo, sob a alegação de "CONTRÔLE DE PREÇOS"!...

Mas, que contrôlo de preços seria esse que só se manifestava para produzir aumentos e mais aumentos?

E nesse crescendo vertiginoso, quando havia reunião do Conselho da "SIGLA", já se sabia, de antemão, pelo noticiário dos jornais, que era para aumentar o preço desse ou daquele artigo ou produto. O cafézinho, tão querido do carioca, foi uma das maiores vítimas dessas impopulares reuniões. De €\$ 0,10 que custava, elevaram-no à categoria de

grande senhor, e hoje, coitadinho, êle atingiu a casa dos €\$ 20,00, respectivamente, de acordo com a categoria do Estabelecimento Comercial, outra notável invenção da tão famosa "SIGLA".

Tornou-se famosa pelos casos e escândalos que criou, apadrinhou e deixou viver à sua sombra frondosa. Sob sua tutela, aconteceram os casos do feijão podre importado, da carne, do trigo, da cebola, etc.

É de todos conhecido o caso da cebola produzida no Vale de São Francisco que, depois de apodrecer durante vários dias, em centenas de caminhões carregados, em longas filas na Avenida Rodrigues Alves (Cais do Pôrto), foi mandada despejar na Ilha da Sapucaia, como imprestável para o consumo, impondo um prejuízo de milhões de cruzeiros aos seus produtores. Depois disso, importamos cebola. Chegamos ao extremo de importar batatas!...

A cada uma dessas transações, ou coisa semelhante, onde a nação era sempre prejudicada em vultosas quantias, depois de longas e intermináveis sindicâncias, inquéritos, etc., sem que dessas medidas resultasse alguma conclusão positiva, correspondia o aparecimento auspicioso de uma nova geração de "nouveaux-riches".

Então, como que saídos de cartolas mágicas, apareciam palacetes, automóveis de luxo, contas bancárias altíssimas, viagens ao exterior, etc., desses modernos freqüentadores do "society".

Nessa fúria de destruição, conseguiu finalmente a "SIGLA" desencorajar os plantadores, os criadores, o agricultor e, conseqüentemente, co-

meçou a escassez de certos gêneros de primeira necessidade.

Passou-se, então, a fazer planos mirabolantes de importações, as mais variadas.

Até ovos se cogitou importar. Já não era mais o "Brasil país essencialmente agrícola" de outros tempos.

Tudo na "SIGLA" era propício para aventuras e ganhos fáceis. Por isso não tardaram em aparecer os grandes amigos do povo e, como amigos, trataram de organizar, das maneiras mais diversas, Estabelecimentos, Organizações e mesmo Casas especializadas em comestíveis, e, como homenagem aos bovinos, suínos, caprinos e demais animais sacrificados para a alimentação da humanidade, dedicam-lhes loas sentidas, com dedicatórias chorosas à excelência dos seus subprodutos.

Verdadeiros "trustes" mascarados de beneficiários do pobre. São, nada mais nada menos, que atravessadores em conluio com investidores específicos (vide anúncios nos jornais) que pagam altos juros pelas somas investidas para ganhar o triplo, ou mais, no aumento extorsivo dos preços dos gêneros de primeira necessidade, ramo de suas preferências. Compram toda e qualquer produção, no plantio mesmo, ainda sem beneficiamento. Até produtos hortigrangeiros, ultimamente, estão sendo explorados desta maneira. Tudo isto, numa concorrência desumana com a situação do próximo, impondo, na ocasião da venda ao consumidor, os preços mais elevados, como convém aos seus apetites gananciosos.

As promoções de propaganda, na Televisão e no Rádio, desses Estabelecimentos, equivalem a milhões de cruzeiros, e, daí, pode-se calcular o vulto

dos lucros obtidos nesse comércio. Nesses programas são oferecidos prêmios, de alto valor, como sejam: geladeiras, televisões e até automóveis. Não há dúvida que são realmente programas fabulosos, porém feitos à custa do sacrifício de uns e da fome de muitos.

É ou não motivo para o encarecimento do custo de vida?

Esta outra veio mais pomposa, mais ambiciosa, conservando, porém, toda a estrutura da antiga. Sim, porque, constituindo aquela um penhor histórico, precisava, com o seu passado, orientar a sua congênera mais nova, na estrada difícil e sinuosa de não fazer nada e continuar aumentando os preços de tudo. Esta nova "SIGLA" veio com tanta força que, logo de saída, tabelou os preços da indústria pesada de

automóveis e a indústria farmacêutica, especialmente.

Por que conservar esse passado de tão triste memórias, depois do advento da Revolução?

A Revolução é de todos e as Classes Armadas são legítimas forças defensoras do povo, o grande necessitado. São as donas de casa, são os chefes de família que sofrem nas mãos desses desalmados açambarcadores.

Uma solução para esse torturante problema, seria a criação do "Serviço de Subsistência da Revolução", para, com toda força de uma Organização Completa, fazendo presente, nos grandes centros de produção, os seus representantes, destruindo e isolando, completamente, não só esses elementos nocivos, como também to-

da sorte de "trustes" especializados no encarecimento do custo de vida, e, com bastante rigor, tudo bem planejado e bem estruturado, impor o sábio lema: "PREVER para PROVER", não com exibição de "Siglas" de qualquer espécie, mas com o espírito patriótico, o desprendimento, a energia e a competência do Corpo de Intendentes das Classes Armadas.

O povo seria bem servido e ficaria satisfeito, livre dessa torpe exploração que vem durando muito tempo, até que seja extinta, por completo, a classe anexa da corrupção que são os atravessadores, exploradores e fazedores de motivo para a alta do custo de vida.

Será um trabalho de gigantes, mas o Brasil precisa desses esforço e a Revolução de 31 de Março a tal não se poderá negar.

ASAS SATURNAIS

(Conclusão da página 35)

- B) O estudo do projeto poderá tomar vários meses.
- C) A seleção e julgamento dos projetos pode ser tarefa para alguns meses.
- D) A construção do protótipo, indispensável no caso, exige observação diária no serviço, na instrução de voo da Escola de Aeronáutica, pois a tarefa é grandemente séria.

Não se trata de impingir um avião qualquer à Escola de Aeronáutica e sim apresentar um produto que satisfaça e que ofereça o necessário rendimento e sobretudo a necessária segurança em todas as condições exigidas pelo serviço.

A não ser assim, as asas que estão dando ao Brasil serão verdadeiramente saturnais, pois acabarão devorando a indústria aeronáutica e os pilotos desses aviões.

Aplaudimos e admiramos o esforço, a capacidade e, mais que tudo, a tenacidade da Construtora NEIVA. Muito deve já o Brasil a essa empresa pioneira, mas não podemos ficar calados quando chocante discriminação impede o aparecimento e o desenvolvimento de outras. O campo é vasto, e o sol nasce para todos.

—OOO—

A Paraense, Transportes Aéreos S.A. está colaborando de maneira decisiva para o sucesso da administração do prefeito de Belém, Major Alacid Nunes. Assim é que transportou gratuitamente, desde São Paulo até aquela cidade, todo o material necessário à nova iluminação (vapor de mercúrio) da avenida Pedro Miranda. E apresentou 5 passagens Belém-São Paulo para os motoristas que conduzirão, através da Belém-Brasília, parte dos novos veículos adquiridos na capital bandeirante por aquela Municipalidade.

RADIOGRAFIA MOSTRA O QUE TEM O MOTOR

A maior radiografia do mundo, com 5,60 metros de comprimento, está exposta na Feira Internacional de Nova York. Ela mostra ao público o interior do motor de um avião a jacto radiografado pelos técnicos da Kodak, através de exposição única, num único filme, sem montagem. Os raios-X, embora descobertos em 1895, só recentemente passaram a ser um importante equipamento industrial. Em motores de avião, por exemplo, a inspeção periódica pela radiografia evita a desmontagem de peças e revela qualquer anormalidade. Na construção de projetis teleguiados, na mineração e na siderurgia, os raios-X também vêm sendo utilizados com resultados positivos.

NOTÍCIAS DA AERONÁUTICA

ENTREGA DE MEDALHAS DA FRANÇA

Em solenidade realizada na "Maison de France", foram agraciados pelo adido militar e aeronáutico francês, Coronel Pierre Lallart, em nome do Ministro da Defesa da França, com a "Medaille de L'Aéronautique de la République Française", os Brigadeiros Jussaro Fausto de Souza e Antônio Raimundo Pires e o Major-Aviador Aloisio Gonzaga Carneiro da Cunha Nóbrega. Na oportunidade, o Cel Lallart ressaltou as qualidades dos agraciados e o papel importante da colaboração entre as duas nações amigas, exercido pelos mencionados militares; em resposta, o Major Nóbrega agradeceu em nome dos agraciados.

PROMOÇÃO A BRIGADEIRO

O Presidente Castelo Branco assinou decretos, na Pasta da Aeronáutica, promovendo ao posto de Brigadeiro-do-Ar os Coronéis-Aviadores Agemar da Rocha Sanctos (Eng), Manoel José Vinhaes e José Váz da Silva.

PROMOÇÃO DE BRIGADEIROS

O Presidente Castelo Branco, despachando na Pasta da Aeronáutica, promoveu: ao posto de Tenente-Brigadeiro, os Majores-Brigadeiros Clovis Monteiro Travassos e Joelmir Campos de Araripe Macêdo; ao posto de Major-Brigadeiro, os Brigadeiros-do-Ar João de Almeida, Theophilo Ottoni de Mendonça, Carlos Alberto Huet de Oliveira Sampaio, Armando Serra de Menezes, Oswaldo Balloussier (Eng), João Mendes da Silva

(Eng) e João Adil de Oliveira, Cmt atual da 3.^a Zona Aérea.

NÓVO CHEFE DO ESTADO-MAIOR DO COMANDO DE TRANSPORTE AÉREO

Em cerimônia que se revestiu de toda simplicidade e presidida pelo Major-Brigadeiro Gabriel Grün Moss, Comandante do Transporte Aéreo, assumiu a chefia do Estado-Maior do COMTA o Coronel-Aviador Márcio Cesar Leal Coqueiro, recentemente nomeado pelo Presidente Humberto Castelo Branco, em substituição ao Coronel-Aviador José Tavares Bordeaux Régo.

O novo chefe do Estado-Maior do COMTA já ocupou diversos cargos na FAB, como: chefe de Relações Públicas do Gabinete do Ministro; oficial de ligação no Estado-Maior das Forças Armadas e, ultimamente, na Inspeção-Geral da Aeronáutica.

ATIVIDADES DO CORREIO AÉREO NACIONAL

Em apenas um mês, mais de uma centena de viagens foi realizada pelos aviões do Correio Aéreo Nacional, para o interior do País e nações amigas, através de suas linhas normais, é o que informa o relatório do Major-Brigadeiro Gabriel Grün Moss, Comandante do Comando de Transporte Aéreo, enviado ao Gabinete do Ministro Nelson Freire Lavenère Wanderley. As missões exigiram o emprego de cerca de duas centenas de pilotos, na execução de cento e dez viagens, em que foram transportados para diferentes pontos do Território Nacional 4.237 passageiros, entre

civis e militares, e 161.023.500 quilos de carga. As mil setecentas e trinta horas voadas por seus aviões C-47 e C-54 demonstram bem o trabalho de integração nacional executado pelo CAN. Seus aviões transportaram, no mês de abril, quase quarenta toneladas de correspondência oficial e do Departamento de Correios e Telégrafos, o que representa considerável economia para os cofres públicos.

Os índices de atendimento daquele mês mostram, claramente, o patriotismo, o espírito de colaboração e de solidariedade humana, de quantos servem ao CAN e através dele à FAB e ao Brasil, todos integrados no mesmo espírito de promover o progresso da Nação, que emana de seus altos dirigentes.

TENENTE DA FAB EDITOU UM LIVRO SOBRE A AMAZÔNIA

Acaba de ser lançado nas livrarias do Rio "Flashes da Amazônia", estréia, nas lides literárias, do Primeiro-Tenente da FAB Wilson de Carvalho. O livro resultou de três anos de observação dos problemas da região sempre esquecida, de imensas riquezas inexploradas. A Amazônia descrita pelo autor é um mundo novo, ainda por ser descoberto. A leitura é amena e interessante.

Em "Flashes da Amazônia", o estreante, tenente-escritor da FAB, mostra, de maneira clara, ao alcance de todos, o papel do CANAM (Correio Aéreo Nacional da Amazônia), dos missionários católicos e protestantes, embrenhados nas mais longínquas paragens, no seu trabalho silencioso de integrar o nosso índio na religião de Cristo e na sociedade. Mostra o que é o trinômio "FAB-Missionário-Índio", demorando-se na análise das Operações Mapuera, Erepecuru e Parima. Analisa, também, a importante missão dos Pelotões de Fronteiras, que o Exército mantém nas linhas divisórias do Brasil ao longo de nossas fronteiras, no meio da inexplorada selva amazônica.



Após a condecoração o Brigadeiro Fleiuss cumprimenta o Coronel Kalb.

CONDECORAÇÃO DO ADIDO AERONÁUTICO DOS EE.UU.

O Cel Av Robert Kalb, adido aeronáutico dos Estados Unidos da América do Norte no Brasil, foi agraciado em solenidade realizada no Estado-Maior da Aeronáutica, com o grau de Oficial da Ordem do Mérito Aeronáutico.

FAB CONDECORA OFICIAL AMERICANO

Realizou-se, no Estado-Maior da Aeronáutica, a cerimônia de entrega da Medalha do Mérito Aeronáutico, no grau de Grande Oficial, ao Major-General George R. Mather, dos Estados Unidos, que ora se retira do nosso País, em virtude de haver terminado a sua missão à frente da Delegação Norte-Americana, na Comissão Militar Mista Brasil-Estados Unidos. O Tenente-Brigadeiro Henrique Fleiuss, Chefe do Estado-Maior da Aeronáutica, ao fazer a entrega da medalha, teceu, de improviso, considerações lisonjeiras ao agraciado, bem como sobre o passado heróico de lutas do povo norte-americano em prol da liberdade e da democracia. Seguiu-se o agradecimento do Major-General Mather, também de improviso e em bom

português, confessando não haver palavras capazes de expressar a sua alegria e satisfação por tão grande honra.

AEROPORTO SANTOS DUMONT TEM NOVO INDICADOR VISUAL (VGSI)

O indicador (VGSI) constitui importante auxílio visual na orientação dos pilotos, para interceptar a trajetória do planeio, estabelecida quando esta fôr realizada com defeito. O indicador compõe-se de seis unidades (caixas de luzes) de cada lado da pista. Cada unidade têm três lâmpadas providas de filtros vermelhos e brancos. Para o seu emprêgo seguro, o piloto basta lembrar-se de: que vem muito alto para o pouso, se estão brancas tôdas as lâmpadas do indicador; que vem muito baixo, se tôdas as lâmpadas estão vermelhas; e que vem na altura normal, se as lâmpadas fronteiras estão brancas e as traseiras vermelhas.

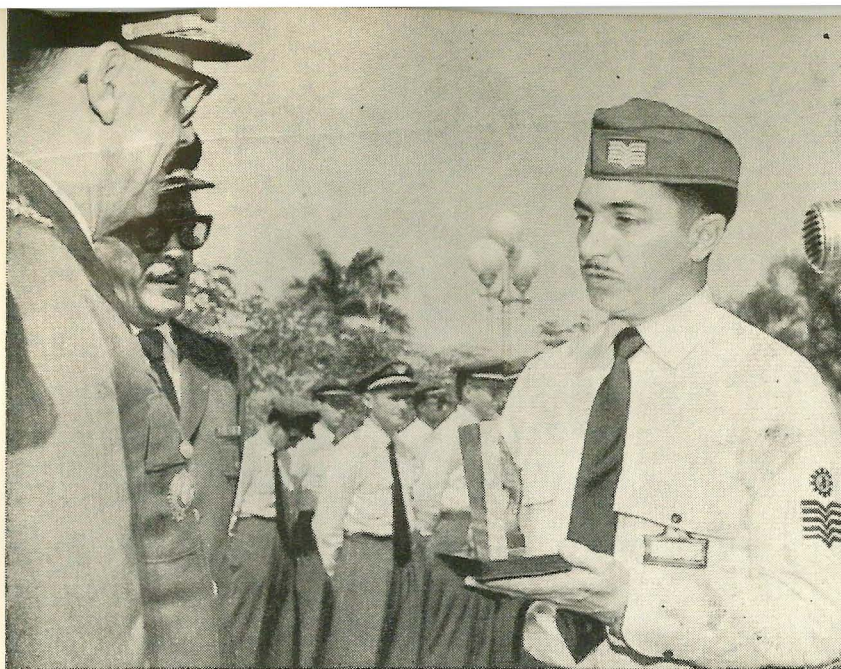
O ângulo de planeio é obtido visualmente por meio das doze caixas de alumínio colocadas a 200 e 350 metros da cabeceira da pista. Versátil, êsse sistema permite a sua utilização com as doze caixas de luzes, quatro, oito, ou apenas duas, dependendo de maior ou menor disponi-

bilidade de energia elétrica na região. Êle orienta, dessa forma, a posição do avião no pouso, sua direção e o seu ângulo de descida. Constitui complemento excepcional para aproximação conjugada com o sistema ILS ou GCA. Com o uso do VGSI, nunca se obtém trajetória do planeio falsa ou sinuosa.

Outras características do sistema: pode ser avistado com facilidade a uma distância de 6 quilômetros de dia e 20 quilômetros à noite; dispensa interpretação; as três combinações de côres das duas barras são lógicas e não permitem confusão; proporciona orientação ininterrupta e seu uso é facílimo; perfeita indicação de planeio sem ziguezague; instalação e manutenção simples.

SARGENTO DA FAB COMPLETA 10 MIL HORAS DE VÔO

Em solenidade realizada na Base Aérea do Galeão, foi homenageado o 1.º Sargento Alcebíades de Barros Calháo, que, no dia 12 de junho, completou dez mil horas de vôo. Com a tropa formada e com a presença do Major-Brigadeiro Gabriel Grün Moss, Comandante do COMTA, onde serve o Sargento Calháo, dos Coronéis Márcio Cesar Leal Coqueiro, Chefe do Estado-Maior do COMTA, e Alfredo Gonçalves Corrêa, Comandante da Base Aérea do Galeão, e de tôda a oficialidade daquelas Unidades, foi lido o Boletim Interno, onde constava o elogio dado pelo Brigadeiro Moss ao homenageado, do seguinte teor: "Êste Comando tem o prazer de ressaltar, com êste elogio, o feito realmente notável do 1.º Sargento Alcebíades de Barros Calháo, do efetivo dêste Quartel-General, que, em 12 de junho de 1964, data do aniversário do Correio Aéreo Nacional, completou 10 mil horas de vôo em serviço nas Unidades da FAB. Militar disciplinado, leal, dedicado ao serviço, tem como característica predominante de seu caráter o extraordinário amor à profissão que abraçou. Dotado de eleva-



Na foto, o Major-Brigadeiro Gabriel Grün Moss, Comandante do COMTA, após haver entregue o brinde ao Sargento Alcebiades de Barros Calháo.

do sentimento de solidariedade humana, tem originado e impulsionado idéias realmente notáveis nesse campo, tais como o "Compromisso de Ajuda Mútua" e o "Serviço de Distribuição de Revistas", ambos de penetração em todo o nosso Território. Ao completar dez mil horas de vôo, este militar merece, por mais este feito, ser apontado como um modelo dentro da Força Aérea Brasileira". Em seguida, foi lido um extrato de sua vida militar, no qual se verifica que o Sargento Calháo tem dezenove anos de serviços prestados à FAB, possui 16 elogios individuais e 18 coletivos, algumas condecorações, e desfruta de respeito e estima por parte dos seus companheiros e chefes, porque dedica seus esforços a obras de benemerência, entre as quais a de suavizar o sofrimento das famílias de colegas desaparecidos e a de angariar publicações para enfermos do interior do País. Logo após, o Brigadeiro Moss, de improviso, disse do valor que aquela solenidade representava para a FAB e para o bom nome da disciplina, citando como exemplo o próprio homenageado. Terminou por lhe oferecer um brinde em recompensa ao seu trabalho e ao ensejo de ser agora o Sargento Calháo dez vezes milionário do ar.

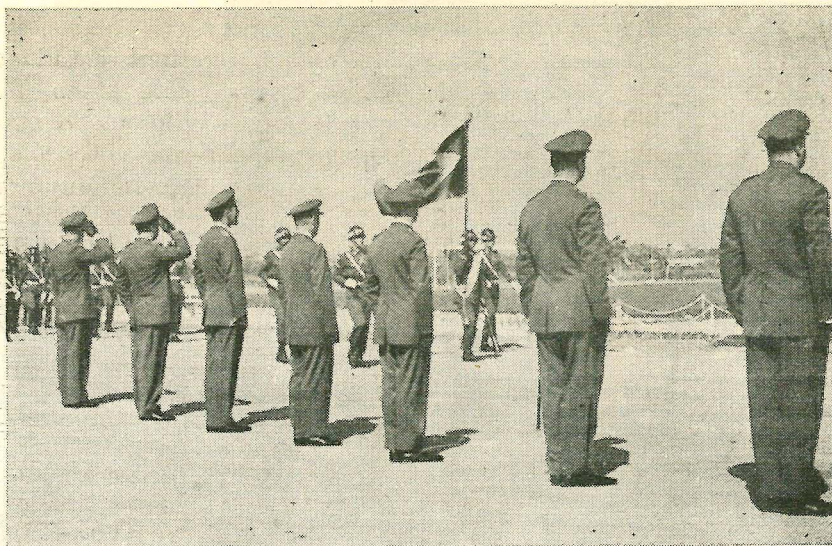
INAUGURAÇÃO DO COMPUTADOR ELETRÔNICO

A Força Aérea Brasileira inaugurou o primeiro Centro de Processamento de Dados, das Forças Armadas do Brasil. O Centro de Processamento de Dados está dotado de um computador eletrônico "Univac" mod. 1004 e respectivo equipamento periférico. Além de dotar a FAB de um sistema eletrônico de processamento de dados, a Diretoria de Intendência por esse Centro determinará a redução de aproximadamente 80 por cento de mão-de-obra e a disponibilidade de considerável quantidade de máquinas convencionais de vários

tipos. Estudando quase um ano esse plano, tendo-se, para tal, diplomado em computador daquela espécie, o Major José Trotte Júnior, conseguiu, através do Projeto "Univac", organizar e instalar esse Centro, dentro da mais perfeita tecnologia moderna. O Ministro Nelson Wanderley inaugurou aquele Centro, descerrando a tita simbólica e apertando o botão do computador eletrônico, que dá as folhas de pagamento já confeccionadas. Estiveram presentes àquela solenidade os Tenentes-Brigadeiros: Henrique Fleiuss, Clóvis Travassos e Araripe Macêdo; Major-Brigadeiro Silva Gomes; Brigadeiros Preser Bello, Castro Neves, Xavier Neto (Diretor de Intendência), Ewerton Fritsch e Almir Policarpo; Almirante Arnould Hasselmann Fairbanks; Coronel Ex Antônio de Magalhães Bastos; Coronéis da FAB Luiz Mendes, Arcirio de Oliveira, Cauby Guimarães, David Fernandes e Moacyr Montenegro. O Subdiretor de Finanças, Coronel Alvaro Barbosa, disse do benefício que o Centro vinha proporcionar à confecção das folhas de pagamento, e agradeceu a presença do Ministro da Aeronáutica e das autoridades ali presentes. O Major Trotte fez uma explanação sobre os novos aparelhos e o funcionamento geral do Centro.



Flagrante colhido no exato momento em que o Ministro da Aeronáutica acionava o botão ligando o cérebro eletrônico, o primeiro instalado pelas Forças Armadas.

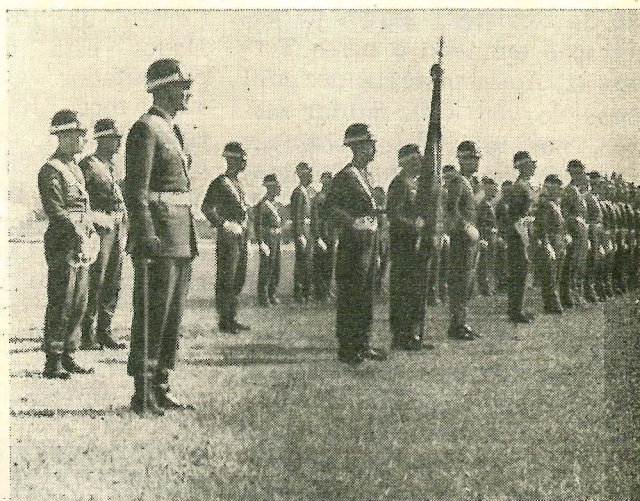


CERIMÔNIA MILITAR

Realizou-se no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva da Aeronáutica — CPOR Aer/SJ — no Centro Técnico de Aeronáutica, a cerimônia de ENTREGA DE MEDALHAS, por tempo de serviço, a militares daquele Centro.

Receberam medalhas os seguintes militares: Ten Cel Mário Mamede; Maj Maximiano de Aquino Ramalho; Maj Darnly Fritsch; Maj Carlos Duarte da Silva Fortes; Maj Cândido Martins da Rosa; Cap Dr. Ivan da Silva Teixeira; Cap José Mariotto Ferreira; 1.º Ten Walter Henriques de Oliveira; 1.º Ten Firmino Batista de Oliveira; 1.º

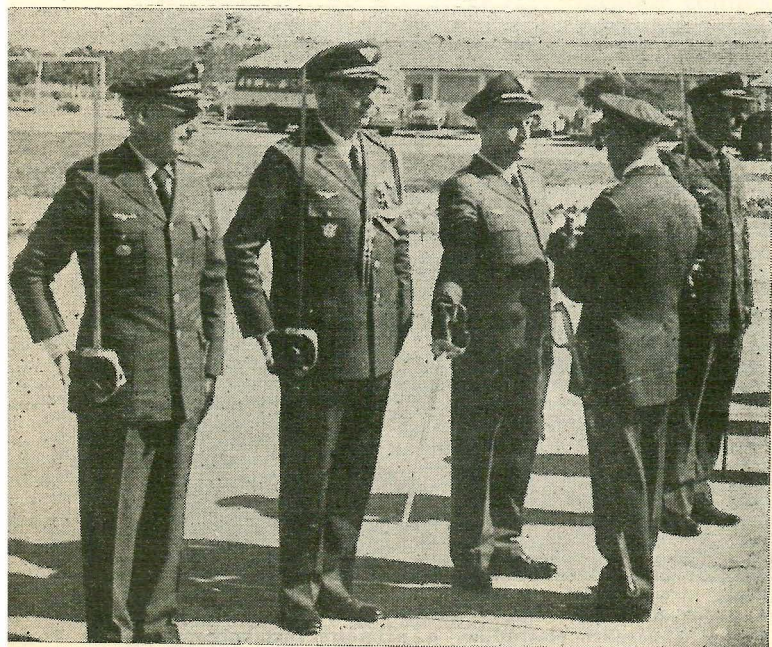
NO CTA



Ten Aparício Perini; 1.º Sgt Nery Carvalho Bernardes; 1.º Sgt Jayme Ferreira de Araujo; 1.º Sgt Nilson Borges de Marco; 1.º Sgt Geraldo Soares Menezes; 2.º Sgt Rubens Vieira do Amaral; e 2.º Sgt Basílio Baranoff.

A cerimônia encerrou-se com o desfile da Banda da Base Aérea de Cumbica e da tropa do CPOR Aer/SJ, em continência às autoridades presentes. A solenidade teve caráter público, com elevada frequência de pessoal do CTA e da sociedade de São José dos Campos.

As fotos que ilustram esta página foram colhidas durante a cerimônia.



Tropa da Base Aérea de Cumbica presta as honras militares ao Ministro da Aeronáutica, quando da sua visita àquela Unidade.



Flagrante tomado no Estado-Maior da Aeronáutica, por ocasião da concorrência para a compra de aviões, aparecendo o Brig do Ar Miguel Lampert e o representante da "Fairchild" no momento em que firmavam um documento.

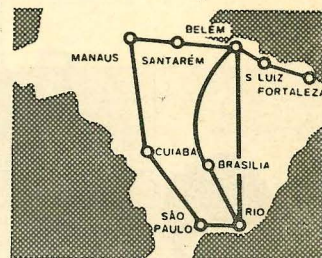
O Ministro da Aeronáutica posa com os componentes da famosa "Esquadrilha da Fumaça".



UMA FELIZ VIAGEM QUASE PELA METADE DO PREÇO

Nos possantes quadrimotores da PARAENSE, você viaja com o mesmo conforto e quase com tanta rapidez* como em qualquer tipo de avião... e ainda economiza 45% do preço da passagem. Você suprime o luxo dos jatos e ganha cruzeiros... - uma diferença que conta para fazer mais compras, hospedar-se num melhor hotel, aproveitar mais sua viagem.

Há sempre um quadrimotor Douglas da PARAENSE em seu caminho. Para transportá-lo - com economia - e trazê-lo de volta, como amigo. Você pode pagar sua viagem também em 10 vezes pelo CrediAéreo.



VÁ, E VOLTE, PELA



boa viagem em boa companhia!

* VOCÊ ECONOMIZA
TEMPO E DINHEIRO
TAMBÉM EM TERRA

No Rio, os quadrimotores da PARAENSE pousam no centralíssimo Santos Dumont. Em São Paulo, a dois passos do centro em Congonhas, o aeroporto da cidade.



INFORMAÇÕES E
RESERVAS:

MEENDES 8026



VISCOUNT I (E ÚNICO)

PARA PENSAR EM TERMOS DE TRANSPORTE AÉREO, A VASP SENTA-SE NA POLTRONA DO PASSAGEIRO. POR ÊSTE PRISMA, O PONTO BÁSICO É: VIAJAR BEM, DE E PARA TODO O BRASIL. PEGAR UM AVIÃO, CERCAR SEU NOME COM LETRAS OU NÚMEROS, E OFERECÊ-LO APENAS ALGUMAS VÉZES POR SEMANA, PARA APENAS ALGUNS LUGARES, NÃO RESOLVE ESSA QUESTÃO. O VISCOUNT RESOLVE. ÊLE CONHECE AVIÃO TURBOÉLICE. É POR ISSO QUE MAM-SE APENAS VISCOUNT. SÃO OS MADO A CONFIAR E QUE VOCÊ PREFERE NO MUNDO INTEIRO). TÊM O SERVIÇO DETÊM O PIONEIRISMO DA ERA DO

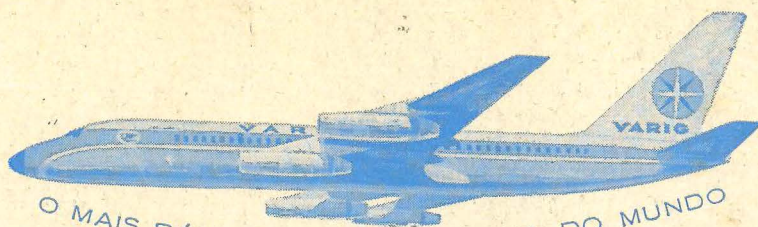


O BRASIL COMO NENHUM OUTRO OS NOVOS VISCOUNT DA VASP CHAMAMOS EM QUE VOCÊ ESTÁ ACOSTUMADO (HÁ MAIS DE 400 VISCOUNT VOANDO DE LUXO VASP. E SUAS TRIPULAÇÕES JATO COMERCIAL NO NOSSO PAÍS.

VIAJE BEM... (VIAJE VISCOUNT) VIAJE

VASP

A MAIOR FROTA A TURBOÉLICE DA AMÉRICA LATINA... SERVINDO VOCÊ NO BRASIL!



O MAIS RÁPIDO JATO COMERCIAL DO MUNDO



CARACAS E MIAMI

COM ESCALAS EM BELÉM E SANTO DOMINGO

CONVAIR 990

LEVANDO AVANTE O SEU LEMA DE "SERVIR A JATO O PROGRESSO BRASILEIRO", A **VARIG** INTRODUZ AGORA SEUS VELOZES E MODERNOS AVIÕES **CONVAIR 990** A NA LINHA **RIO — MIAMI**, ESCALANDO **BELÉM**, **CARACAS** E **SANTO DOMINGO**. É MAIS UM SERVIÇO DE CATEGORIA NOS TRANSPORTES AÉREOS DO BRASIL. É UM NOVO PROGRESSO NAS LINHAS BRASILEIRAS PARA O EXTERIOR.

consulte seu agente de viagens ou

VARIG

SERVINDO A JATO O PROGRESSO BRASILEIRO

COOPERE COM O ESFORÇO DO GOVERNO POUPANDO DIVISAS. VIAJE PARA O EXTERIOR PELA VARIG - A PIONEIRA.